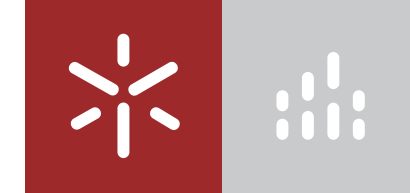


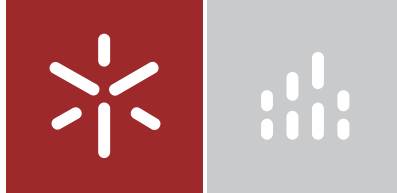


Joel Ferreira Dinis

O Crastoeiro
a biografia do Lugar como
Instrumento no projeto de Arquitectura

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura





Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Joel Ferreira Dinis

O Crastoeiro
a biografia do Lugar como
Instrumento no projeto de Arquitectura

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Manuel Oliveira

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Guimarães, 31 de Outubro de 2014

Assinatura _____

A todos os que se deixam seduzir por
este pedaço de terra e aos construtores
dos seus Lugares Mágicos.

Agradeço,

à Câmara Municipal de Mondim de Basto por todo o apoio desde o primeiro momento e pelo interesse demonstrado. Em particular ao Paulo Mota por toda a atenção e pela disponibilização de meios preciosos na construção deste trabalho;

ao professor, arqueólogo e amigo António Dinis, peça fundamental de toda esta obra a qual sem o seu contributo de homem da ciência certamente se tornaria mais pobre. Não só pela co-orientação informal para o que aqui se expõe, mas também, por todas as aventuras que partilhámos no mundo da arqueologia e que espero poder continuar a somar;

ao Hélder e ao Clube de Parapente de Basto pela nova perspetiva sobre as nossas paisagens;

à professora Maria Manuel Oliveira por ter aceite este desafio e o ter orientado mas sobretudo pela sua capacidade de tornar a disciplina da Arquitetura tão bela e fascinante;

à Escola de Arquitetura da Universidade do Minho. Enquanto instituição pelo modo de olhar o mundo que ensina, enquanto grupo de pessoas, pelo companheirismo e amizade e ainda pela fascinante relação aluno-professor com que fui privilegiado. Em especial ao João Pedro Fonte, colega e amigo, pela ajuda sempre disponível. A tantos outros;

à minha namorada, pela paciência de todas as vezes em que falei de pedras;

e aos meus pais por sempre me confiarem as decisões mais difíceis.

Esta tese visa a valorização do castro do Crastoeiro, importante povoado da Idade do Ferro, implantado na vertente Oeste do Monte Farinha em Mondim de Basto. Explica-se a construção deste Lugar por um alargado arco cronológico que justifica a sobreposição de ocupações que o caracteriza.

A sua história, traduzida na biografia do Lugar que se construiu ao longo deste estudo, permite um olhar informado que, apresentando-se como instrumento fundamental no ato de projeto, entende o Crastoeiro como a peça chave, o monumento, o mote de toda a proposta. Desde os conceitos mais abstratos à morfologia e à tectónica, materialidade dos gestos, olha-se a intervenção que aqui se apresenta como uma nova camada de significado, concorrendo assim para a identidade do sítio e para a sua leitura contemporânea.

O projeto assume-se, portanto, reduzido ao essencial, estabelecendo e enunciando relações de escala mais alargada que contextualizam o castro no território, articulado com outras manifestações que o correr dos séculos nos legou na paisagem. Tem como fundamental objetivo traduzi-las arquitetonicamente na criação de um abrigo.

Este abrigo incorpora e tenta ainda revelar o que poderiam ser leituras mágicas deste Lugar, condensadas na abundante arte rupestre ali existente, transmitindo-as a quem agora o Habita.

This thesis aims the appreciation of castro do Crastoeiro, Iron Age's important settlement, implanted in the West slope of Monte Farinha at Mondim de Basto. It is explained the construction of this Place by a large chronological arc that justifies the occupational overlapping by which is characterized.

Its story, translated in the biography of the Place that has been built throughout this study, allows an informed look that presents itself as a fundamental tool in the act of project, understanding the Crastoeiro as a key element, the monument, the motto to all the proposal. From the most abstract concepts to the morphology and tectonic, gestures materiality, the intervention that here is presented is understood as a new layer of significance, thus competing, to the site identity and its contemporary reading.

The project assumes itself, therefore, reduced to the essential, establishing and enunciating wider relations that contextualize the castro in the territory, articulated with other manifestations that the flow of the centuries bequeathed us on the landscape. It has as fundamental objective to translate it architecturally in the creation of a shelter.

This shelter embody and intents to reveal what might be magic readings of this Place, condensed on abundant rock art present there transmitting it to who now Dwells in it.

1. INTRODUÇÃO	
1.1 Preâmbulo ao Lugar.....	18
2. O LUGAR	
2.1 Uma ideia de Lugar.....	32
2.2 Mondim de Basto e o Lugar do Monte Farinha.....	36
3. O SANTUÁRIO RUPESTRE	
3.1 A arte na paisagem e paisagem na arte.....	48
3.2 (uma) Interpretação.....	54
4. O POVOADO CASTREJO	
4.1 Na paisagem.....	68
4.2 Fases de ocupação.....	74
4.3 Sistema defensivo.....	76
4.4 Proto-urbanismo.....	82
4.5 Casa castreja.....	86
4.6 Edifícios comunitários.....	96
5. O LUGAR COMO PATRIMÓNIO	
5.1 Da amnésia ao Lugar Monumento.....	102
6. O PROJETO	
6.1 Memória descritiva.....	112
NOTAS DE TEXTO.....	138
BIBLIOGRAFIA.....	146
ÍNDICE DE IMAGENS (Créditos)	154
ANEXOS (Processo de trabalho)	160

O Crastoeiro

a biografia do Lugar como instrumento no projeto de Arquitetura



1. INTRODUÇÃO

'Projetar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.

Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos.¹

‘Hora a hora, dia a dia, a arquitectura escreveu a sua própria paisagem e (...) a natureza não resistiu à poesia.’²

Algures no Monte Farinha, não longe, existem as ruínas de um povo antigo.

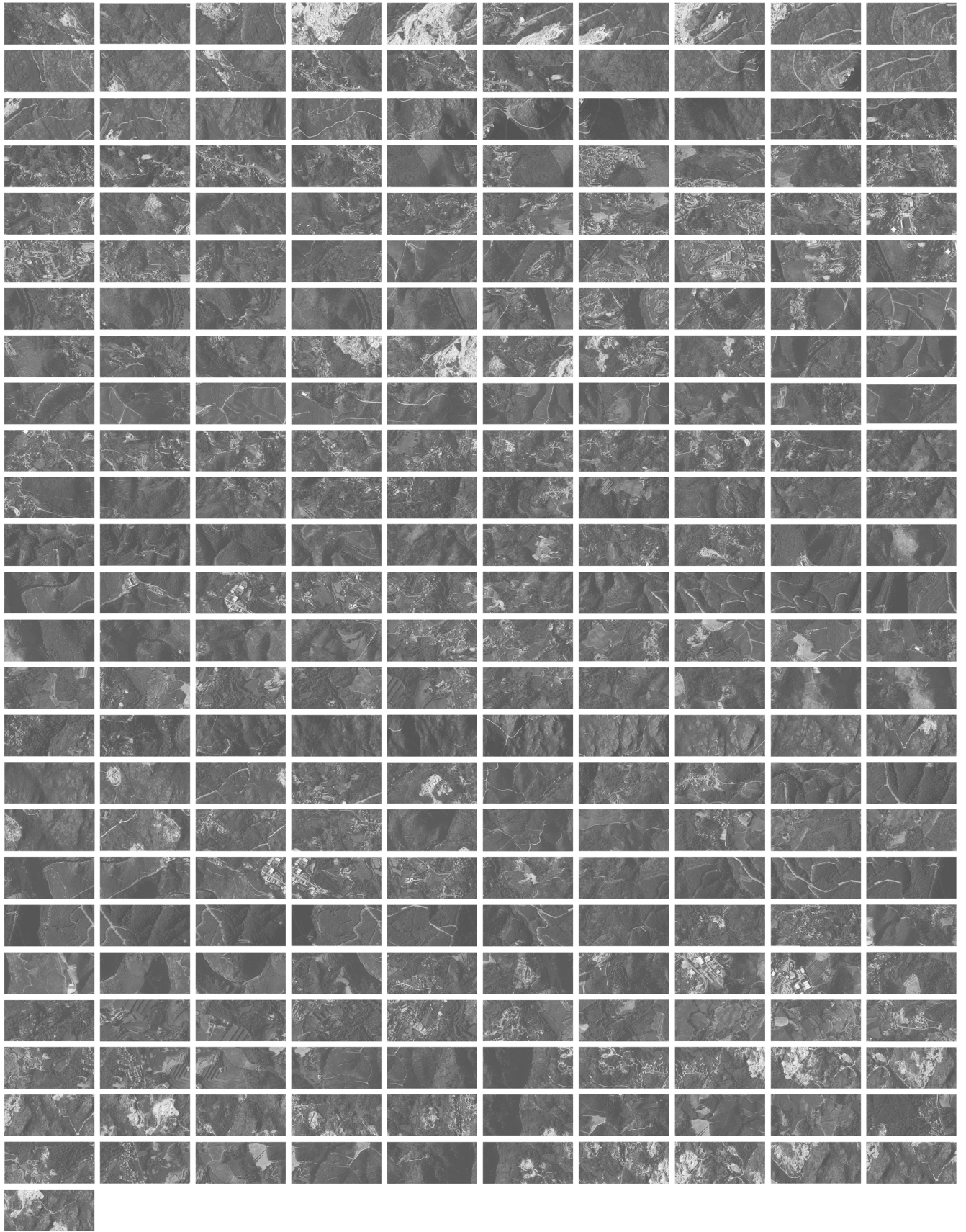
Assim se catalogou mentalmente o primeiro contacto com o Crastoeiro. A aproximação ao lugar iniciou-se ainda nos anos 90 no âmbito de uma visita de estudo da Escola Primária nº1 de Mondim de Basto. O facto do percurso se ter realizado a pé, por trilhos montanhosos embrenhando-se no pujante pinhal e a escala reduzida dos visitantes que tornava o território imaginariamente mais vasto, contribuíram para imbuir a localização daquelas ruínas de uma aura mística, não só pela sua idade, antiga, mas também pelo seu posicionamento, algures na floresta, não longe de outras realidades então conhecidas. Assim haviam de permanecer, durante mais de uma década, nostalgicamente identificadas, numa memória de infância revisitada e reformulada ao longo deste trabalho.

‘O Crastoeiro: a biografia do Lugar como instrumento no projeto de Arquitetura’ é, através do exercício do projeto, uma reflexão em torno das questões do Lugar, de como a história do sítio se traduz na sua biografia espacial. Aborda, sobretudo, o modo como podem essas questões informar uma estratégia de intervenção, tanto ao nível concetual como morfológico, contribuindo para o seu desenho, inscrevendo o ato contemporâneo numa atitude de continuidade, reinterpretando à luz do presente um passado, dando mote a um possível futuro.

É desta perspetiva que se apresenta, pelo seu forte carácter de Lugar, o castro do Crastoeiro, importante povoado da Idade do Ferro. Localizado na vertente Oeste do Monte Farinha em Mondim de Basto e construído ao longo de séculos, representa-se hoje como palimpsesto que denota o seu longo arco cronológico, desde a pré-história à contemporaneidade. Em diálogo com este caso de estudo e pela proximidade, articula-se também neste trabalho a estação rupestre de Campelo.

Estudar estes Lugares é revisitar tempos idos da génese do povo mondinense e ainda da nação. É identifica-los como património de alargado interesse, um legado, uma herança. Existe em Mondim de Basto um enorme potencial arqueológico apresentando-se até ao momento com mais de uma centena de locais identificados que aguardam convenientes estudos. Não poderá de modo algum ser negada a estreita ligação do autor com este território de riquíssimas paisagens ancestrais, que em muito contribui para o surgimento deste trabalho.

II
Fotogramas, 251, constituintes do
ortofotomapa Mondim de Basto e o
Monte Farinha





Castro do Crastoeiro



Estação rupestre de Campelo

III
Ortofotomapa, Mondim de Basto e o
Monte Farinha
251 fotografias
04.10.2014



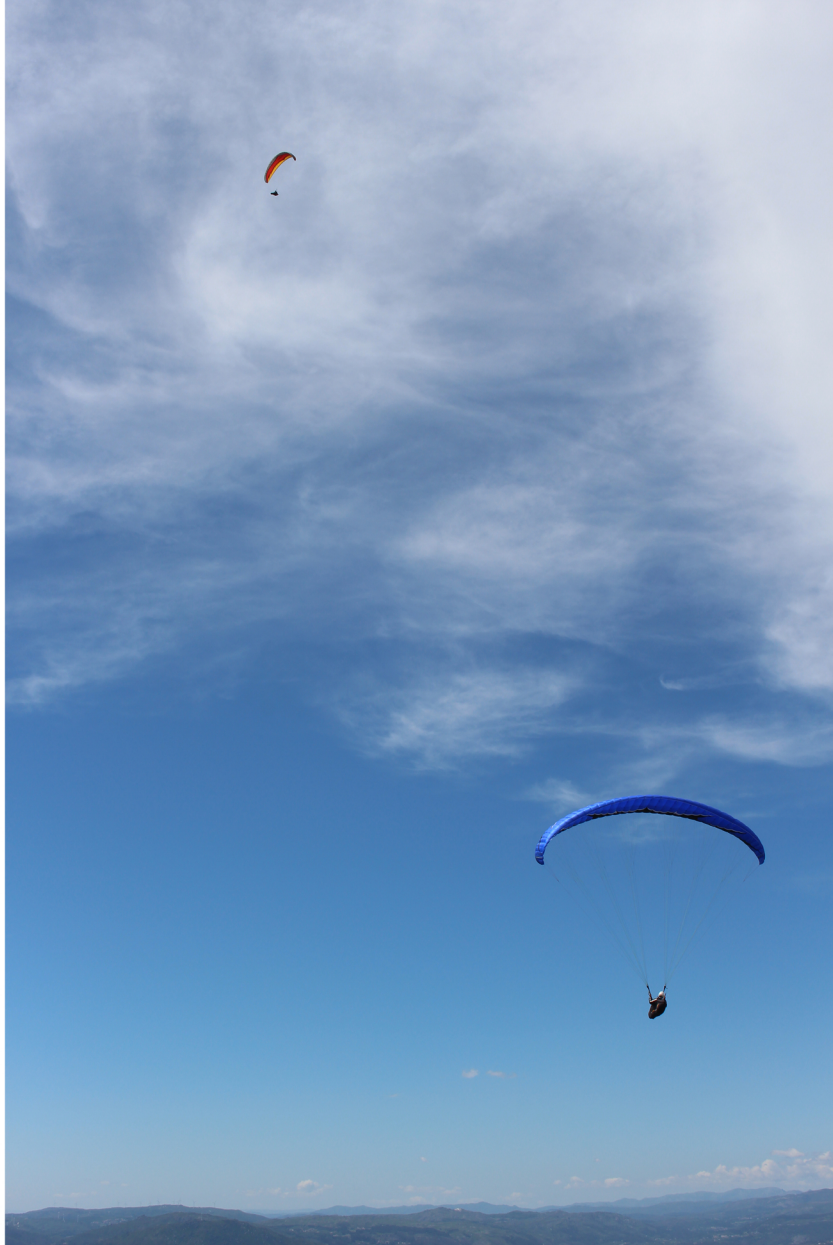
Sendo o Crastoeiro o objeto e ferramenta chave, a abordagem metodológica visou sobretudo a intensa experimentação do Lugar, tendo transposto, na totalidade a marca das 250 horas passadas no local. Este tempo, distribuído por inúmeras visitas, alongou-se do início ao fim deste processo permitindo a exploração do território sobre diferentes condições sazonais e climáticas, possibilitando sensibilidade no entendimento da paisagem como organismo transfigurável que se foi apresentando de diversas perspetivas e construindo um olhar mais apurado e diversificado. Foi possível realizar algumas visitas acompanhado pelo arqueólogo António Dinis, responsável pelas escavações realizadas, que em muito contribuiu *in situ* para um entendimento esclarecido dos diversos assuntos.

Para efeitos de registo recorreu-se sistematicamente à escrita com a luz do Lugar fixando momentos intencionais, a fotografia como instrumento, tendo por isso ela um grande pendor nesta apresentação. Realizaram-se neste sentido dois voos de parapente, em parceria com o Clube de Parapente de Basto, que permitiram ler e interpretar o castro de uma nova perspetiva. A grande maioria das fotografias apresentadas nesta tese são do autor e apresentam-se sem trabalho de edição de imagem, tal como foram capturadas expondo assim as condições do momento em que foram criadas, acompanhadas da respetiva data e hora.

Paralelamente ao Lugar como melhor documento de si próprio, o estudo assentou numa análise bibliográfica que visa estudos efetuados especificamente sobre o local e outros de abrangência mais lata focando temas despoletados pelas diversas ocupações, complementando-se. Cruzam-se diversas áreas do saber, tais como a arquitetura, a história e a arqueologia, mais diretamente ligadas com o estudo em questão, e ainda a etnografia e a antropologia, todas concorrendo no sentido da multidisciplinariedade, base de um conhecimento integrado e mais solidamente fundamentado.

Tendo esta investigação despoletado interesse no âmbito do património arqueológico em Mondim de Basto, foi possível realizar, com o apoio da Câmara Municipal de Mondim de Basto, um levantamento topográfico atualizado do Crastoeiro que permitiu uma melhor base de trabalho e entendimento. Concretizou-se, pelo autor, algum trabalho autónomo de prospeção que se saldou, no caso do Crastoeiro, na identificação de duas estruturas habitacionais e possível implantação de uma muralha. No concelho, na descoberta de alguns muros apiários, identificação de uma estação rupestre possivelmente Calcolítica e ainda no achado de um abrigo com probabilidade de ter pertencido a caçadores-recoletores, de cronologia que poderá estender-se até ao Paleolítico. Caso se confirme a pertença a esse período, posiciona-se este abrigo como o lugar arqueológico mais antigo descoberto em Mondim de Basto até ao momento. Contactando com outras realidades semelhantes, realizou-se ainda, em regime de voluntariado, uma semana de escavação no 'Castelo dos Mouros' em Mogadouro, povoado coevo do Crastoeiro.

Todas estas ações serviram para interiorizar o objeto de estudo, para construir um olhar informado, que se transformaria em essencial ferramenta do projeto.



A estrutura desta tese resulta pois, diretamente, de um conhecimento profundo e intenso do Lugar, e da cronologia das diversas ocupações, tendo vertido a lógica ocupacional própria a cada período para os capítulos principais, sendo que algumas dessas perspectivas se sobrepõem, retomam e complementam.

Inicia-se a abordagem pela exposição de *'uma ideia de Lugar'* que serve de base aos olhares seguintes, introduzindo-se, numa aproximação, o território de Basto com destaque para o Monte Farinha, assim contextualizando o objeto de estudo.

Prossegue-se de seguida para o caso concreto do Crastoeiro encetando mais propriamente a sua biografia que se desenvolve em 3 capítulos: *'O Santuário Rupestre'*, *'O Povoado Castrejo'* e o *'O Lugar como Património'*. Cada um deles discorre sobre os temas que o título enuncia, partindo da realidade do local como base para discussões mais generalizadas e transversais. A montagem desta biografia do Lugar debruça-se, essencialmente, sobre os aspetos do construído no âmbito da disciplina da Arquitetura, não pretendendo de todo esgotar os assuntos mas, antes, lançar ideias e pistas, construindo assim uma interpretação que sustentará as opções de projeto.

Rematando a tese, e como sua síntese, apresenta-se *'O projeto'*, afinal o seu objetivo primário, expondo a Memória Crítica que explicita as decisões tomadas em articulação com o olhar construído, a ideia do Lugar que os longos meses de imersão no sítio foram moldando.

Graficamente, a apresentação do trabalho organiza-se em texto à esquerda e imagem à direita, sendo reservada no primeiro uma coluna que permite acrescentar informações complementares e a legendagem das imagens.



VI
Perspetiva fotográfica, estação rupestre 'Fonte do Sapo', Paradañça
09.08.2014 - 19:59



VII
Perspetiva fotográfica, muro apiário do Febro, Ermelo
22.03.2014 - 17:26





Castro do Crastoeiro



VIII
Perspetiva fotográfica, implantação
do Crastoeiro no Monte Farinha
17 fotogramas
06.04.2014 - 17.32

2. O LUGAR

*'The origin of architecture does not lie in the hut, the cave or in the mythical "Adam's house in Paradise." Before a support was transformed into a column, a roof into a pediment, and stone heaped upon stone, man put stone on the ground in order to recognize place in the midst of the unknown universe and thereby measure and modify it.'*³

V. GREGOTTI, 1985

*'A place is a space that has a distinct character. Since ancient times the Genius loci, or "Spirit of Place", has been recognized as the concrete reality man has to face and come to terms with in his daily life.'*⁴

Entendamos a arquitetura como *organização espacial*⁵ e consequentemente o espaço como a sua *matéria-prima fundamental*.⁶ Assim sendo, o caráter arquitetónico depende, em grande medida, do caráter espacial. Se atentarmos no conceito de espaço poderemos concluir que se apresenta como *entidade contínua*.⁷ Tudo é espaço. Porém, apesar dessa unidade, não apresenta o mesmo caráter em toda a sua extensão, sendo moldado e qualificado pela matéria que o envolve e define. Assume-se então, simultaneamente como entidade descontínua, composta por variações qualitativas que o preenchem, porções de espaço de caráter diferenciado, Lugares.

As variações de caráter do espaço são percebidas pelo Homem através dos *mecanismos sensoriais presentes no seu corpo*.⁸ De facto, o corpo é sempre usado como referência espacial na interpretação de qualquer espaço. Através do fenómeno da percepção, o Homem, baseando-se nas experiências vivenciadas que carrega na memória, cria *pré-conceitos que servem de base à interpretação e entendimento da circunstância*.⁹ Assim sendo, por não existirem dois indivíduos iguais, *o modo como cada um entende o espaço é pessoal e subjetivo*¹⁰ e, nesse sentido, o lugar é uma construção humana condensada numa determinada *atmosfera*¹¹ ou ambiente sentido.

Posto isto, é legítimo questionar a existência do Lugar enquanto entidade física palpável, se existe mesmo ou é apenas uma construção mental. Debrucemo-nos sobre a experiência realizada por Peter Zumthor após a *descrição de um determinado ambiente*.¹²

*'Agora, o que é que me tocou? Tudo. (...) E vem-me à cabeça esta famosa frase inglesa que remete a Platão: "Beauty is in the eye of the beholder." Isto é: tudo existe apenas dentro de mim. Mas depois faço a experiência e elimino a praça. E já não tenho os mesmos sentimentos.'*¹³

Segundo este raciocínio, fica clara a necessidade de um suporte físico, espaço e matéria, que consequentemente desperte no indivíduo uma reação. Põe-se assim de parte qualquer suspeita de que o lugar é apenas construção mental. Propõe-se, então, como uma definição do conceito de Lugar um *fenómeno qualitativo total*¹⁴ que se constitui quando um determinado suporte, pelas suas características, é entendido enquanto espaço de caráter diferenciado. *O Lugar é pois simultaneamente real e efabulado*.¹⁵



*‘É impossível fazer casas sem ter um lápis, e ter casas sem ter um sítio.’*¹⁶ Tal como o Homem, o sítio é condição indispensável à arquitetura. Podemos assumir este facto como fatalidade necessária pois nenhuma obra arquitetónica se pode descolar de uma localização geográfica concreta, local onde se implanta, ainda que possa negar o sítio enquanto instrumento de conceção.

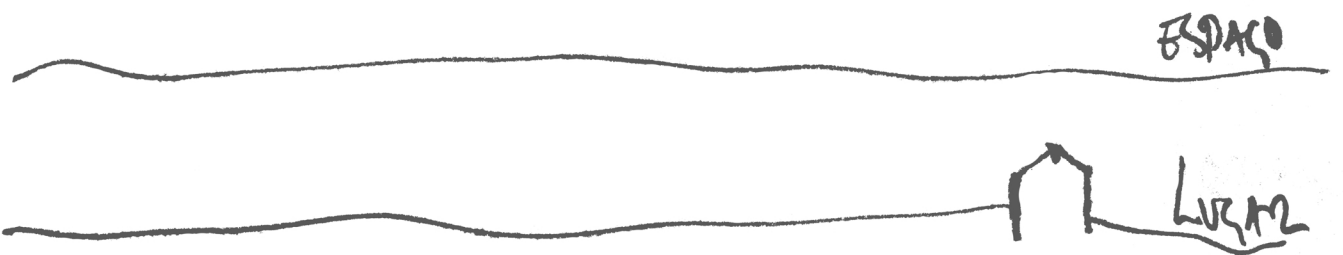
Sendo a arquitetura um trabalho espacial conseguido através da manipulação da matéria, intervém diretamente na espacialidade do sítio e, consequentemente, sobre o seu caráter, *passando a constituir nova circunstância.*¹⁷ Esta *transformação dos ambientes pela arquitetura*¹⁸ é-lhe inerente e, como tal, manifesta-se sempre. Inevitavelmente alterando ambientes, a arquitetura, proporciona *condições qualitativas para que os Lugares aconteçam.*¹⁹

Para N. Schulz, os Lugares assumem-se como a referência existencial do Homem por se constituírem como âncoras de significado no território, permitindo-lhe orientação e identificação, e, em função de ambos *Habitar.*²⁰

O modo como o Homem se encontra no mundo é o Habitar. *A arquitetura resulta pois desse modo, sendo simultaneamente suporte do mesmo.*²¹ Se a arquitetura é palco das múltiplas facetas do Habitar, e sendo este conseguido pela orientação e identificação que por sua vez nos são possíveis devido ao significado dos Lugares, referências existenciais, então o papel da arquitetura poder-se-á definir na *procura dos significados latentes num determinado sítio*²², expondo-os e potenciando-os, *transformando o sítio em Lugar permitindo ao Homem Habitar.*²³ Através dela, o mundo é-nos revelado na sua essência como sugere Martin Heidegger no seguinte excerto:

*‘Standing there, the building rests on the rocky ground. This resting of the work draws up out of the rock the mystery of that rock’s clumsy yet spontaneous support. Standing there, the building holds its ground against the storm raging above it and so first makes the storm itself manifest in its violence. The lustre and gleam of the stone, though itself apparently glowing only by the grace of the sun, yet first brings to light the light of the day, the breadth of the sky, the darkness of the night.’*²⁴

x
Esquema, ‘Espaço/Lugar’, ilustrativo da ideia da Arquitetura como potencial geradora de Lugares
02.06.2014





XI
Perspetiva fotográfica, estátua de guerreiro Calaico 'O Basto', Cabeceiras de Basto



XII
Brasão, município de Mondim de Basto

XIII
Mapa de locais de interesse arqueológico no concelho de Mondim de Basto, Carta Arqueológica 2009
6 folhas da Carta Militar
escala 1/100 000

- A - Necrópole megalítica do Campo do Seixo
- B - Abrigo/Anta do Ribeiro das Heradeiras
- C - Menir da Pedra Alta
- D - Povoado Calcolítico de Sobreira
- E - Estação rupestre de Campelo
- F - Gravuras rupestres de Recheiras
- G - Castro do Crastoeiro
- H - Castro do Bezerral
- I - Ruínas no Alto dos Palhaços
- J - Premurado de Vilar de Ferreiros
- L - Ermida do Monte Farinha, santuário da Sr.ª da Graça

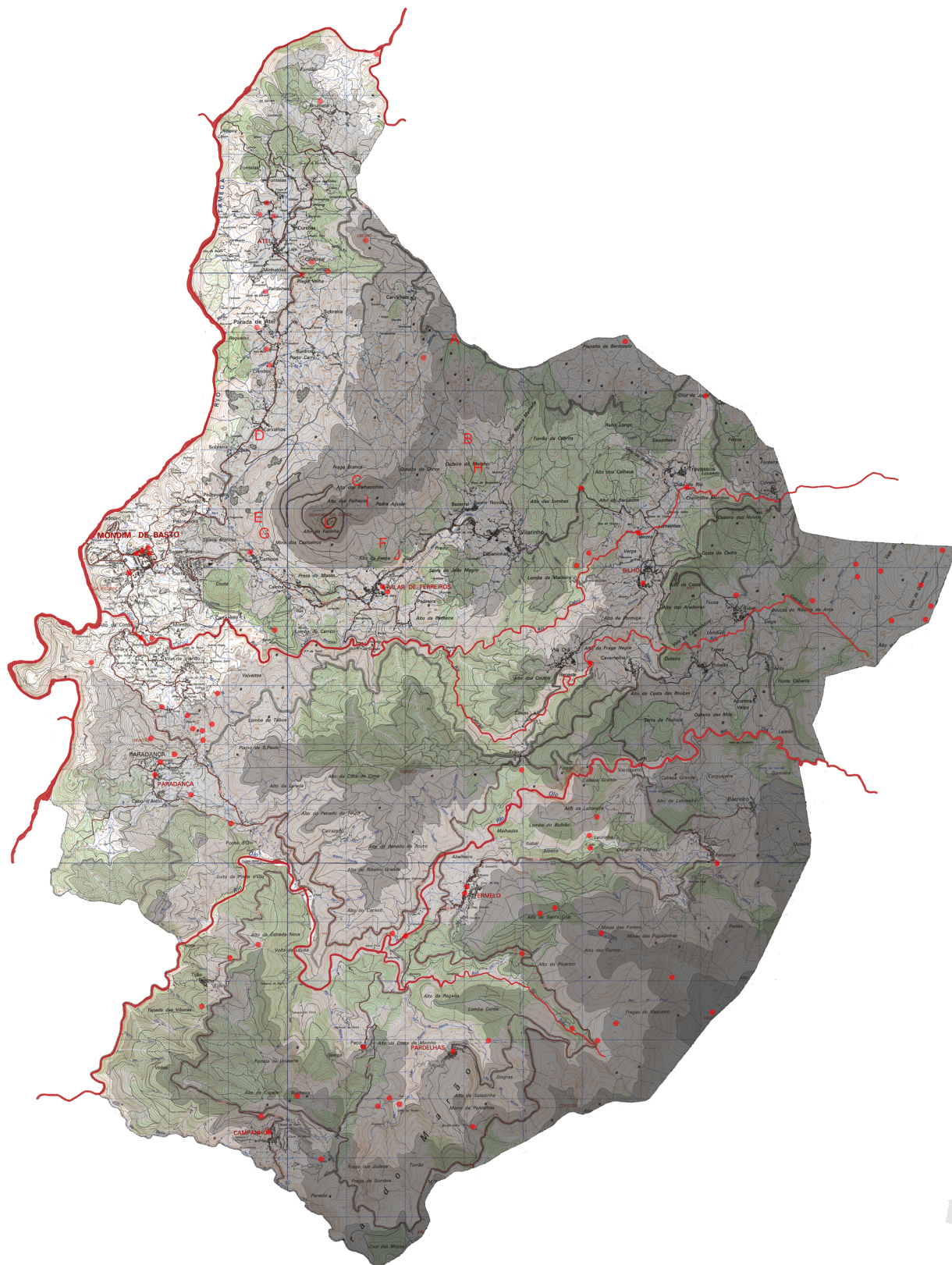
*'O Monte Farinha eleva-se (...). Local mágico e cativante recheado de história e de vestígios arqueológicos, de lendas e de tradições. Local privilegiado para os amantes da Natureza (...), é destino obrigatório (...).'*²⁵

Albergada no vale entre as Serras do Alvão e Marão e do Larouco, a região de Basto, território com unidade cultural configurada na medievla Terra de Basto, situa-se ao longo de um troço do rio Tâmega²⁶ e encaixa-se numa topografia que a delimita e se desenvolve em anfiteatro, criando como que uma espécie de cratera onde se localizam os quatro concelhos de Basto. Terão habitado estas paragens, entre outros, os Bástulos, povo proto-histórico, que terá legado o nome ao território, nome esse condensado na lenda de 'O Basto'²⁷ personificado na estátua de um guerreiro Calaico.

O concelho mondinense é ladeado a Este pelas serras do Alvão e Marão, onde encontramos as maiores altitudes, 1315m no vértice geodésico do Vaqueiro e a Oeste pelo rio Tâmega à cota mínima de 100m. A Norte é rasgado por um braço que se estende do Alvão e culmina no imponente Monte Farinha, elevação cónica com altitude máxima de 941m que se destaca no interior da cratera de Basto, separando a bacia do Tâmega da do Cabril. No centro do concelho ergue-se o monte do Toumilo dividindo dois espaços distintos, o Norte, maioritariamente granítico, marcado pela bacia hidrográfica do Cabril e o Sul, predominantemente xistoso, definido pela bacia do Olo. *Esta dualidade manifesta-se não só na morfologia do território mas também na paisagem natural e construída, na etnografia e até na iconografia.*²⁸

*'(...) O município de Mondim de Basto posiciona-se entre o Minho e Trás-os-Montes, facto que lhe confere uma pluralidade de ecossistemas, desde os lameiros bordejados por vinha de enforcado, marginais ao Tâmega e seus afluentes, numa aproximação às paisagens minhotas, até aos espaços improdutivos da cadeia montanhosa Alvão-Marão, esporadicamente visitados pelos rebanhos de cabras a recordar-nos a rudeza trasmontana.'*²⁹

É neste território que encontramos marcas, *'vestígios materiais, de maior ou menor antiguidade, que documentam a atividade humana e a sua relação com o ambiente em épocas passadas'*³⁰, atestando a ocupação e construção desta paisagem desde a pré-história aos nossos dias. Assume-se o Monte Farinha neste contexto, como marco paisagístico que sempre atraiu as populações e diversos significados expressos hoje pelas várias materialidades conhecidas. *'Desde cedo que a configuração cónica, a altitude, as geoformas, as nascentes, e o facto do monte da Sr.ª da Graça ser avistado de muito longe de forma impressiva, terá conferido a este elemento estatuto de "lugar".'*³¹



A ocupação mais antiga remonta provavelmente ao Neolítico e está representada pela Necrópole Megalítica do Campo do Seixo que se implanta no fim da linha de cumeeada que liga o Monte Farinha ao Alvão. Tratam-se de quatro mamoadas e afloramentos com ‘covichas’ em terreno plano. Talvez desta cronologia seja o Abrigo do Ribeiro das Heradeiras, implantado num socalco agricultado. Pela sua morfologia subsiste a dúvida se não se terá tratado de uma anta. Resta-nos ainda para este período o Menir da Pedra Alta. Monólito granítico caído de branco que domina visualmente grande troço do vale do Tâmega, apresenta gravuras, ao que parece uma meia-lua e um machado encabado. Possui também alguns *cruciformes*.³²



XIV
Pormenor fotográfico, cerâmica do período Calcolítico do povoado de Sobreira,
escala 1/1

Já do Calcolítico encontramos o povoado de Sobreira, no sopé do Monte Farinha, onde, segundo A. Dinis, quando ocorrem chuvadas, é possível observar líticos e cerâmicas desse período. Possivelmente ligados a este povoado, sincrónicos, estão os santuários rupestres de Campelo e Crastoeiro que se prolongariam pela Idade do Bronze. Existe outro local na vertente Sudeste do Monte Farinha, ainda de cronologia indeterminada, com arte rupestre, ‘covichas’ e aparentemente *alfabetiformes*.³³ latinos.

A Idade do Ferro encontra-se representada pelos castros do Crastoeiro e do Bezerral.

Com a conquista romana e subsequente pacificação, as populações aproximam-se dos vales e a montanha fica mais distante e isolada. Parece este fenómeno representar-se pelas ruínas no Alto dos Palhaços e dos Palhacinhos que poderão estar associadas à vida eremítica ou até a alguma fortificação. Encontrará porventura paralelo o tema das fortificações no Premurado de Vilar de Ferreiros.

Acentuando-se a cristianização destes territórios, o Monte Farinha começa a adquirir um significado próximo do que ainda hoje detém, representando-se por um cruciforme quase no cume, três calçadas que permitem a subida e várias referências a duas capelas, ainda hoje por encontrar. Provavelmente já no Séc. XVII se constrói a ermida no cume que vai ser reedificada em 1775.

*‘Apesar da escassez de dados para as épocas romana e medieval, a cristianização deste Monte, (...) parece-nos reforçar a hipótese de uma apropriação mágico-religiosa, de cariz anterior, pois é sabido que o cristianismo sacralizou muitos dos espaços considerados pagãos, facto que atesta que o Monte da Senhora da Graça, na longa duração, ter-se-á constituído como lugar de memória, de nexos e desordens, desde a Pré-História à actualidade.’*³⁴

XV
Perspetiva fotográfica, Menir da Pedra Alta e calçada contígua que ascende de Atei ao cume do Monte Farinha



XVI
Perspetiva fotográfica, derrubes no
Alto dos Palhaços, primeiro plano, e
Alto dos Palhacinhos, segundo
plano

15.02.2014 - 16:26



XVII
Perspetiva fotográfica, calçada das
'pegadinhas' que ascende de
Campos ao cume do Monte Farinha

22.03.2014 - 17:26





XVIII
 Perspetiva fotográfica, "Peaceful
 Sunset", santuário da Sr.ª da Graça,
 Mondim de Basto

3. O SANTUÁRIO RUPESTRE

*'Quando nos debruçamos sobre a realidade artística pós-glaciar, que pode ser considerada, grosso modo, situável num período que vai desde cerca de 9000 a.C. em diante, abrangendo o Neolítico e o Calcolítico, bem como a Idade do Bronze, somos surpreendidos pela radical mudança de registos se comparados com os largos milénios de arte predominantemente animalista e naturalista do Paleolítico. Esta mudança de paradigmas - determinada pela gradual mas lenta introdução da domesticação dos animais e da agricultura - é sensível na produção artística que lhe é subsequente, tão intrincada como a realidade.'*³⁵



XIX
Perspetiva fotográfica, estação ru-
pestre de Campelo
01.02.2014 - 15:53

*'There are a number of factors that seem to have influenced the placing, and even the character, of the monumental images. Among the most important was the form of the natural landscape. Thus particular kinds of images were created in particular kinds of places.'*³⁶

*Restringe-se esta manifestação artística ao noroeste peninsular*³⁷, onde se inserem Crastoeiro e Campelo. Os dados arqueológicos destas estações apontam um *arco cronológico desde o Calcolítico aos finais da Idade do Ferro*³⁸, podendo até a construção destes santuários ter iniciado antes, durante o Neolítico, pesando neste sentido a similitude das implantações megalíticas coevas. Lugares mágicos. Na presença da arte rupestre atlântica solta-se a imaginação vagueando pela opacidade dos seus significados. Contudo, e apesar de todas as incertezas, *fica a certeza no Lugar, que terá sido, e continua a ser, chave mestra nas leituras deste fenómeno*.³⁹

Ressalta da localização das diversas estações rupestres no concelho a escolha criteriosa do Lugar, ainda que nem todos se assemelhem. Parece haver na inscrição desta arte a intenção de exponenciar o carácter e significado de determinado sítio, *monumentalizando a paisagem*⁴⁰. Campelo e Crastoeiro, apesar da gramática rupestre comum, apresentam diferentes condições de Lugar.

O Crastoeiro apresenta-se como um esporão a meia encosta da vertente do imponente Monte da Sr.^a da Graça. Distingue-se pelos inúmeros afloramentos rochosos onde, nalguns deles, cerca de meia centena, se inscrevem gravuras. Campelo implanta-se numa plataforma que se desenvolve em anfiteatro para Sul, encaixado entre a encosta do Monte Farinha a Este e um pequeno outeiro a Oeste, dificultando a visibilidade do local e tornando o seu acesso mais difícil. Estamos pois, perante dois Lugares de carácter diferenciado. Enquanto o Crastoeiro se destaca na paisagem, claramente visível, Campelo é recôndito, abraçado pela topografia, criando uma atmosfera mais íntima e mística. É provável a sincronia no uso remoto destes dois lugares e, até, que pelos distintos ambientes se complementassem, conotando-se cada um com apropriados rituais.

Parece ainda ser relevante na escolha destes locais, pelo menos no Concelho de Mondim, a *presença de linhas de água ou nascentes*.⁴¹ Campelo está precisamente implantado sobre uma linha natural de água que alimenta a Ribeira do Ramito. Denota-se esta presença aquífera pela existência de um canal pétreo a nascente que conduz a água para usos agrícolas e, quase por debaixo da estação, uma mina. Na vertente Sudeste do Crastoeiro encontra-se também a mina correspondente, ainda que mais distante das gravuras.

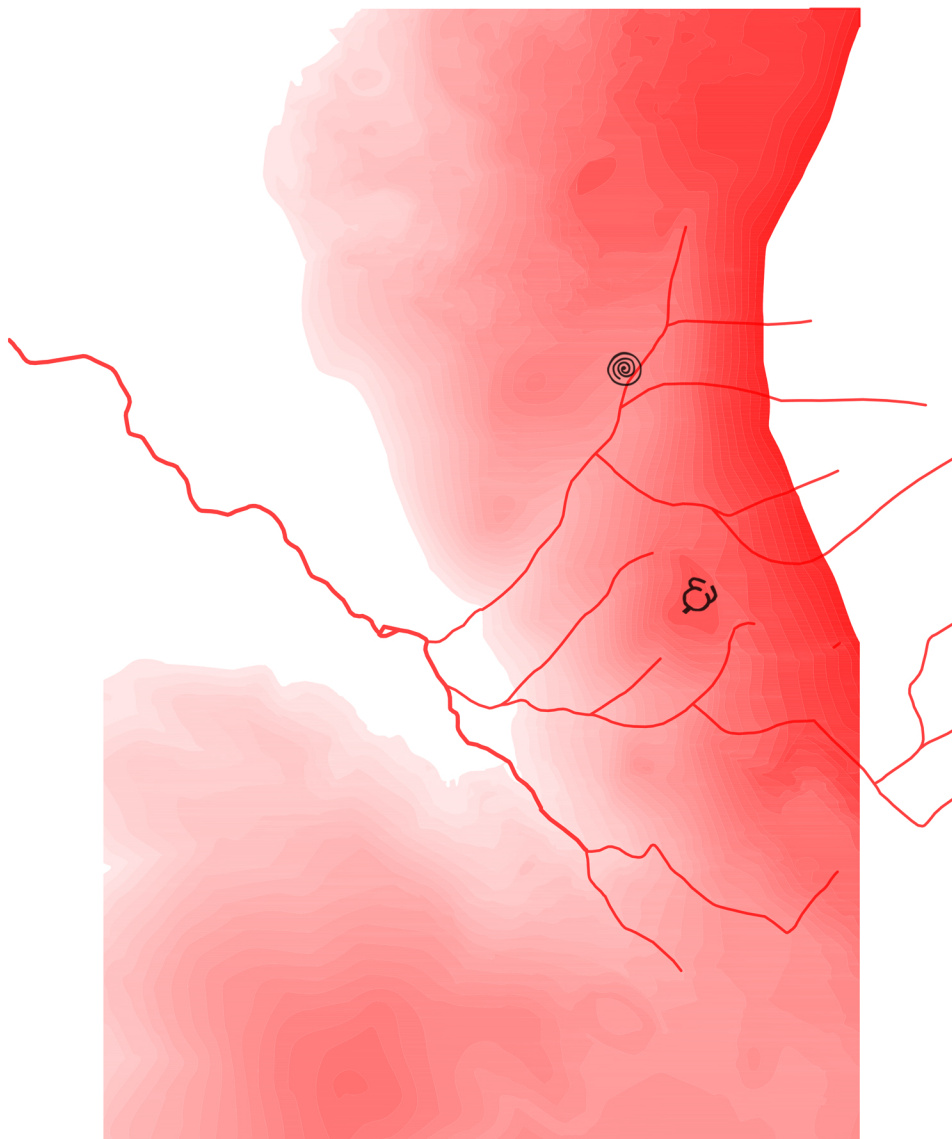


Hidrografia, linhas de água e rib.º do Ramito

XX
Mapa topográfico, implantação das estações rupestres do Crastoeiro e Campelo no território e sua relação com linhas de água

escala 1/10 000





Existem na arte rupestre de Campelo e do Crastoeiro indícios que apontam no sentido de que a paisagem desempenha papel preponderante nas representações inscritas na rocha.

Em Campelo, *'o acesso a partir da vertente norte é mais simples porque a rocha encontra-se ao nível da envolvente frontal, circunstância que permite uma mais fácil contemplação das gravuras. Este pormenor poderá indiciar que a entrada para o local se faria por este lado, o único que deixa que as gravuras sejam vistas na sua totalidade e tendo como pano de fundo o cume do Monte Farinha, ponto onde se ergue o sol e a lua.'*⁴²

Já no Crastoeiro, a organização de um dos complexos indicia *'uma cenografia de utilização de frente para as gravuras e para o monte que lhes serve de "pano de fundo"'*⁴³. Noutro, *esta relação é sugerida pela localização do espólio encontrado, nomeadamente uma pia*⁴⁴. Ambas as situações evidenciam como cenário comum o Monte Farinha que terá já assumido papel importante nas cosmologias das populações ancestrais pelo seu preponderante carácter de Lugar e pendor místico.

Esta dialética entre a inscrição e a paisagem não se esgota aqui. De novo, em ambos os locais, é apreciável uma característica nada ordinária da arte atlântica. *'É possível que algumas rochas expressassem (...) a projecção mental do monte, principalmente as que detinham protuberâncias, pois todas as identificadas com essa característica foram gravadas.'*⁴⁵ Nessas protuberâncias foram gravados círculos concêntricos que à primeira vista parecem corresponder ao sistema abstrato de curvas de nível e daí a analogia com o acidente topográfico, combinando a morfologia da rocha com a abstração da figura.

*'The rock-carvings are elements in a landscape which may be represented in the rock-art itself. In this sense some landscapes are multi-layered. Points/elevations on the rock surface may represent mountains, water-pools may represent lakes, depressions valleys, running water rivers, crawls openings into the lower world, and so on.'*⁴⁶

*Não só a arte rupestre repousa na paisagem como parece emanar ecos da mesma.*⁴⁷





XXII
 Perspetiva fotográfica, pia talhada
 no afloramento granítico, complexo
 rupestre I do Crastoeiro
 01.02.2014 - 17:35

XXIII
 Perspetiva fotográfica, círculos con-
 cêntricos da estação rupestre de
 Campelo
 01.02.2014 - 15:53



‘Não é (...) de afastar a hipótese de estas rochas se tratarem não apenas de lugares eleitos no âmbito de uma geografia sagrada (...), mas também de lugares nos quais o «jogo» no sentido sagrado de decifração e conhecimento pudesse ter funções iniciáticas. (...) De qualquer forma, a ideia de percurso, de ligação entre o céu e a terra, entre o macrocosmo e o microcosmo e a iniciação (...) parecem ser as únicas leituras para estes desconcertantes conjuntos.’⁴⁸

Quem a terá feito e para quem? É uma das questões mais comuns levantada pela arte rupestre. Podemos apenas conjecturar. O facto das inscrições nestas rochas assumirem um carácter tão místico e transcendental, (atestado pelo espólio exumado em Campelo que poderá *‘ser resultado de deposições rituais, hipótese compaginável com o aparecimento (...) de 3 machados de pedra polida, aparentemente sem utilização’⁴⁹* e no Crastoeiro com um fragmento de ponta de seta em quartzo, leva a crer, por tão especial, que o direito a gravar seria restrito a poucos, aos quais se reconheceria a capacidade e competência para tal. Outro aspeto que parece apontar neste sentido é o facto de nos depararmos com *uma arte de cariz essencialmente abstrato.*⁵⁰

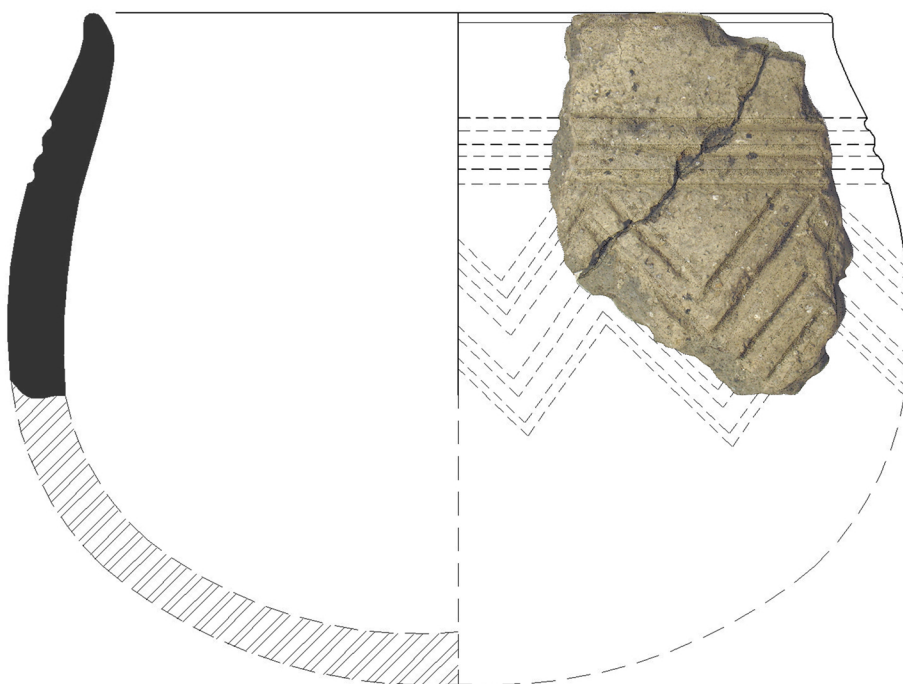
‘Design grammars obeyed to basic rules inscribed within symbolic structures of knowledge that would have been entirely dominated by a few individuals within the community. It seems plausible that «the right to carve» would also been restricted.’⁵¹

Contrário ao solitário ato da inscrição simbólica na rocha parece ter sido o seu uso. O modo como estes santuários se encontram na paisagem, nomeadamente Campelo e Crastoeiro, permitiria um acesso mais ou menos facilitado a qualquer um, muito embora *a compreensão total do painel lhe fosse alheia.*⁵² Abona a favor deste ponto de vista a *existência de espaços adjacentes às rochas capazes de albergar largas audiências.*⁵³

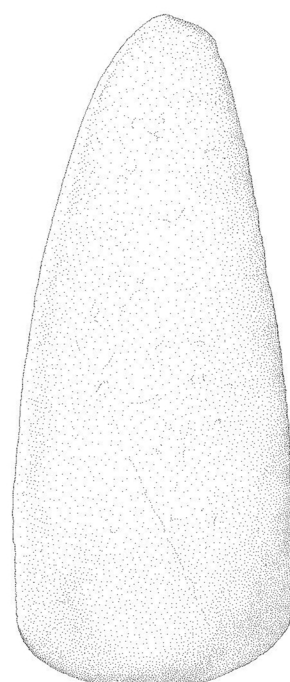
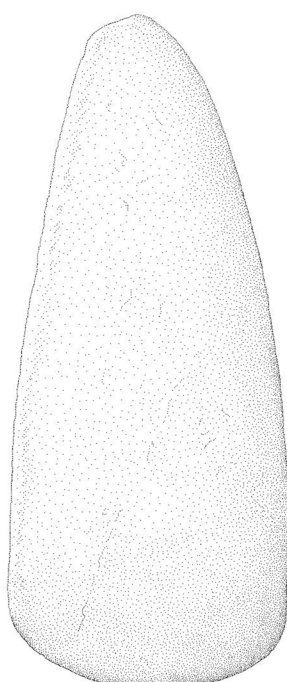
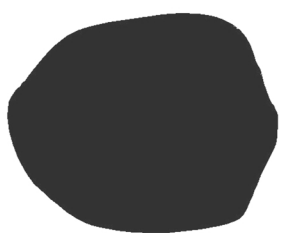
Para gravar as figuras na rocha utilizaram-se em Campelo e no Crastoeiro duas técnicas distintas mas complementares: *a picotagem*⁵⁴ e *a abrasão*⁵⁵. Destas técnicas de inscrever, já à época ancestrais, são possíveis duas ilações: primeiro, o ato da inscrição tomaria largos períodos de tempo para se concretizar, tornando a arte rupestre *um livro onde se vai inscrevendo,*⁵⁶ segundo, não se constituiriam como processos discretos na paisagem pela *sonoridade que certamente causariam*⁵⁷, inundando a envolvente com sons ritmados.

XXIV
Pormenor fotográfico e desenho de
reconstituição, Cerâmico Calcolítico
do complexo rupestre II do Cras-
toeiro
escala 1/1

XXV
Pormenor fotográfico e desenho de
registo, machado de pedra polida
da estação rupestre de Campelo
escala 1/1



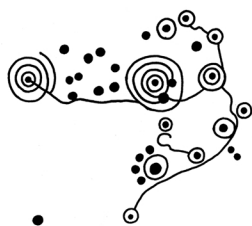
XXIV



XXV

Apesar da parafernália de motivos existentes na Arte Rupestre Atlântica, existem alguns que pela sua manifestação maioritária, também nos casos de Campelo e Crastoeiro, se podem destacar. São eles o círculo, a espiral e as covinhas. Estes e outros motivos podem aparecer isolados e/ou combinados entre si no mesmo painel. O significado intrínseco a cada uma destas formas permanece um mistério ainda que algumas interpretações de natureza iconográfica sejam possíveis.

O círculo, isolado ou muitas vezes com várias unidades concêntricas, *'pode considerar-se (...) o símbolo da perfeição e do completamento, mas também um símbolo celeste, como representação do céu.'*⁵⁸ Tanto *poderá representar o sol*⁵⁹, quando apresenta linhas radiantes, como a fase de lua cheia. O semicírculo, que também aparece, representará as outras fases. Como vimos anteriormente, em articulação com a superfície do suporte, pode ser interpretado como mimetismo do território, concretamente o Monte Farinha.



XXVI
Desenho de registo, gravura da rocha 1 do complexo rupestre I do Crastoeiro

A espiral *'simboliza o movimento, (...) significa a vida e a morte, mas também o renascimento atendendo à sua dupla expressão.'*⁶⁰ Pode o significado estar ligado com os ciclos da Natureza como os da lua ou outros movimentos celestes.



XXVII
Desenho de registo, gravura da rocha 2 do complexo rupestre II do Crastoeiro

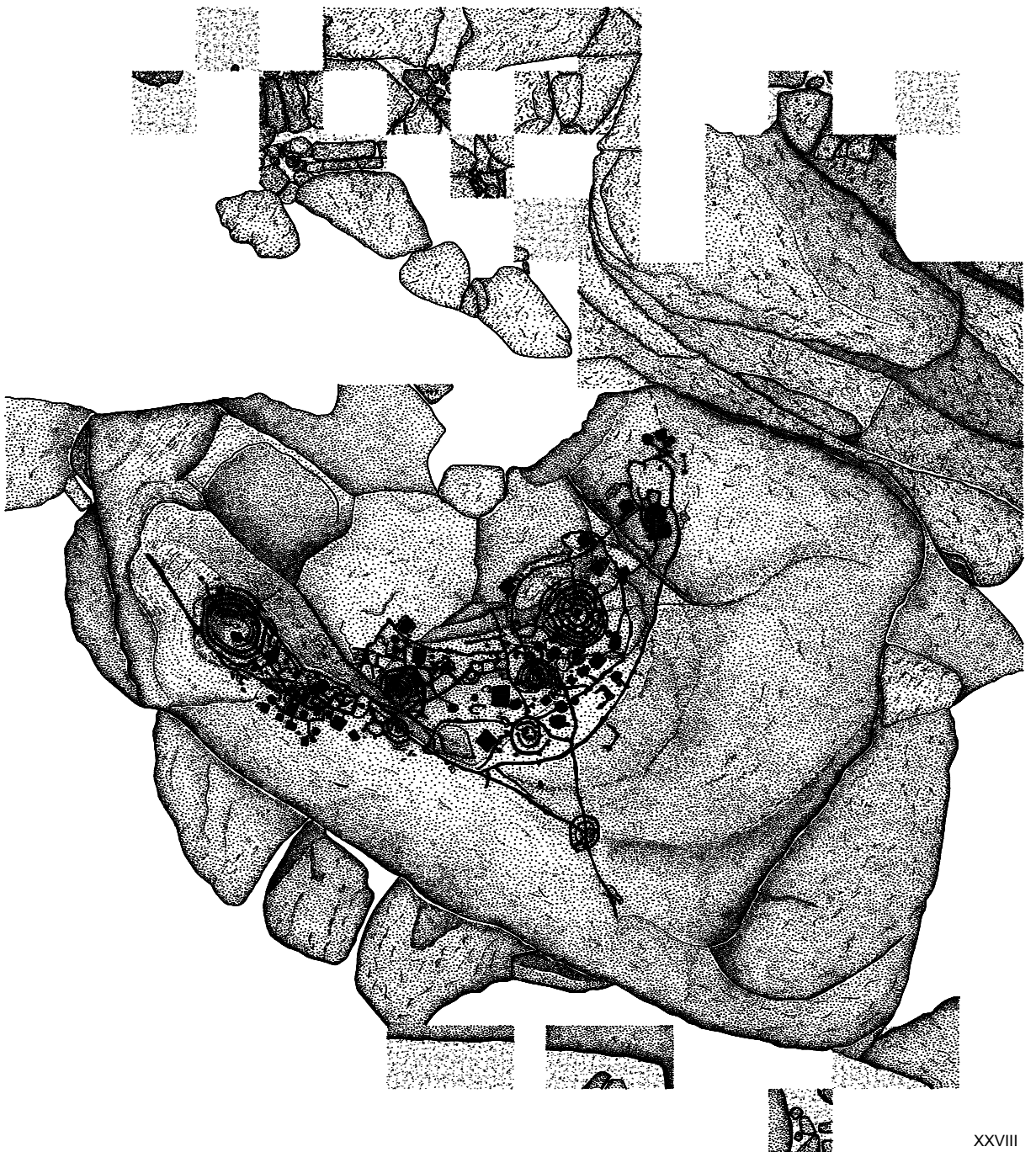
Por fim as covinhas. São o motivo mais comum e *de mais alargada cronologia, desde o Paleolítico aos nossos dias.*⁶¹ Encontram-se isoladas ou associadas formando até alinhamentos. As suas interpretações são inúmeras entre as quais se conta a representação de *'objectos celestes, neste caso estrelas, procurando reproduzir a sua disposição no céu enquanto elementos de mapas celestes. (...) É quase certa, porém, a sua associação a ritos de fecundidade e à veneração das pedras (litolatria).'*⁶²

Em algumas rochas do Crastoeiro e em Campelo apresentam-se sobreposições de gravuras demonstrando a *distendida cronologia de utilização destes santuários.*⁶³ *'Each of the decorated stones had a history of renewal and modification that could extend over a significant period of time.'*⁶⁴

Estes palimpsestos demonstram que *a arte rupestre se assumiria mais como um processo do que como obra acabada,*⁶⁵ ocorrendo não só no período de atividade dos santuários mas ao longo dos tempos. Em Campelo, no lugar da Fraguinha, e numa ombreira de uma casa do Crastoeiro encontramos motivos cruciformes provavelmente de cronologia medieval. *'It became necessary to exorcise some of this places through the carving of anthropic motifs such as crosses (...).'*⁶⁶ De facto, o penedo de Campelo é nesta matéria exemplar, conservando dois furos, feitos com broca mecânica já nos anos 90, com pretensão de o fender para blocos de pedra, inscrevendo um novo significado naquela rocha.

XXVIII
Desenho de registo, planta geral da estação rupestre de Campelo
escala 1/100





*'Early societies were aware of the movements of the heavenly bodies, and incorporated them into their cosmologies. This in turn will have entered into the design and placement of individual monuments.'*⁶⁷ Não só as populações pré-históricas seriam conscientes das forças naturais, tal como o movimento dos corpos celestes, como lhes prestariam culto. O facto dessa vida primitiva depender em grande parte da generosidade da natureza, de fenómenos que lhe seriam mais ou menos incompreensíveis, terá sido um dos fatores preponderantes na atribuição de um significado místico ao mundo natural.

É exatamente entre o mundo dos Homens e o das forças da natureza, dos deuses, que se situa a arte rupestre atlântica, mediando o seu contacto e assinalando um Lugar de hierofanias. Ao mesmo tempo que *condensa em si significados e crenças culturais*⁶⁸, manifesta o sagrado através dos elementos naturais.

*'(...) ancient images were related to processes in the natural world: changes in the position of the sun; darkness and light; the passage of water; the annual cycle of the seasons. They determined how and when such images could be seen and the contexts in which they were put to use. In many cases it was through the workings of nature that drawings and paintings in the prehistoric landscape were given life. They were animated by sunlight or running water, and without them they were inert.'*⁶⁹

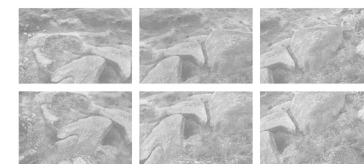
Tentando alcançar o significado intrínseco dos motivos representados na rocha, reconhece-se o lugar como especial, mas não é possível 'ler' objetivamente. Existe, no entanto, um outro modo de olhar para a arte rupestre atlântica, na sua relação com o mundo, com as forças da natureza: no Crastoeiro, devido à erosão, *muitas das gravuras são praticamente invisíveis de modo natural a não ser pela sua relação com os ciclos solar e lunar.*⁷⁰ Durante a alvorada e o ocaso, tal como nas noites de lua cheia, os motivos destacam-se revelando-se⁷¹. O mesmo acontece em Campelo, onde a água continua também a correr e o Inverno preenche as cavidades da rocha formando pequenos lagos naturais. Assim sendo, alguns milénios depois, o mundo natural continua a manifestar-se na relação com estes lugares. Os mitos e os rituais naturais ainda estão presentes e a arte atlântica faz com que estes se mostrem.

*'Rock-art is a 'visual statement of myths, of cosmic categories and associations held to structure the super-natural world and human existence.' (...) Myths serve to explain the world, and rituals are required to communicate with the spirits who control the forces of nature.'*⁷²

XIX
Perspetiva fotográfica, rocha 1 do
complexo rupestre I do Crastoeiro,
vista noturna com luz artificial
07.09.2014 - 23:16

XXX
Perspetiva fotográfica, rocha 1 do
complexo rupestre I do Crastoeiro,
ao amanhecer
3.10.2014 - 09:52





XXXI
 Perspetiva fotográfica, complexo II
 de arte rupestre do Crasteoeiro
 6 fotografias
 21.06.2014 - 20:31

4. O POVOADO CASTREJO

*'As particularidades que o Noroeste peninsular⁷³ foi registando cumulativamente desde os tempos pré-históricos vão evidenciar-se com a emergência, a partir do final da idade do Bronze, de uma cultura original fundamentalmente caracterizada pelo seu tipo peculiar de habitat em povoados fortificados em posições elevadas vulgarmente conhecidos pelo nome de castros⁷⁴, donde deriva a sua designação tradicional de cultura castreja⁷⁵, que, constituindo já um intenso foco de densidade humana, ocupa um lugar bem individualizado na Proto-história peninsular e é sem dúvida uma das manifestações mais significativas da personalidade desta vasta região.'*⁷⁶

A. DA SILVA, 1986

*'A castro is a fortified village usually located in a prominent geographical position, such as a Hill spur, hillock or less frequently, a valley edge. As such prominent landscape feature, it has given its name to the Iron Age culture, (...) which occupied the region of Iberian Northwest between the end of the Bronze Age and the beginning of the second century AD.'*⁷⁷

F. QUEIROGA, 2004



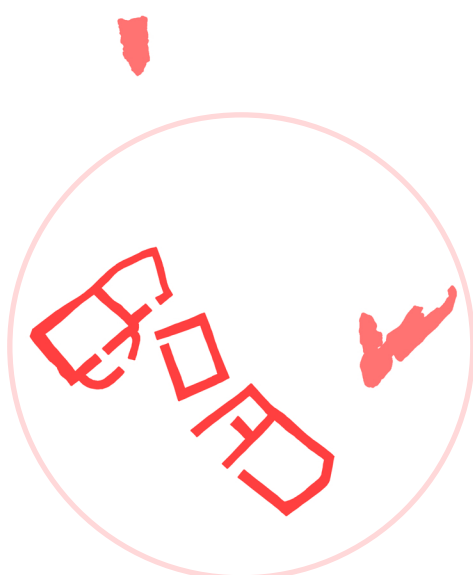
XXXII
Perspetiva fotográfica aérea, castro
do Crastoeiro e envolvente próxima
21.06.2014 - 20:31

XXXIII
Planta geral, áreas de escavação e
complexos de arte rupestre do
Crastoeiro
escala 1/500





ÁREA 2, COMPLEXO II DE ARTE RUPESTRE



ÁREA 1



ÁREA 5, COMPLEXO I DE ARTE RUPESTRE



ÁREA 4



ÁREA 3

‘O posicionamento topográfico e geográfico do povoado parece revelar uma criteriosa escolha, assente numa estratégia de acesso a uma gama variada de recursos sem descuidar a componente defensiva. Assim, ao mesmo tempo que são aproveitadas as condições naturais de defesa do sítio, consideradas ótimas, ou pelo menos boas em cerca de metade do seu perímetro, dispõe-se, na zona envolvente dos recursos essenciais à subsistência da população, isto é, de água, solos com potencial agrícola, áreas de pastagem, caça e pesca, lenha e materiais de construção.’⁷⁸

O povoado castrejo do Crastoeiro localiza-se na vertente do imponente Monte Farinha, acidente topográfico de grande relevo e altitude, dispondo de uma invejável abrangência visual sobre o território. Deste lugar avistam-se a serra da Lameira e da Cabreira e ainda grande troço da bacia hidrográfica do Tâmega, ao longo do qual se conhecem *outras estações castrejas, algumas delas visíveis deste sítio, as quais se integrariam numa lógica comum.*⁷⁹

Os cerca de 2km em linha reta aos rios Tâmega e Cabril, ainda que a topografia facilite preponderantemente o acesso ao primeiro, fariam deles, lugares importantes de pesca e de recolha de líticos. O Tâmega assumir-se-ia ainda como uma possível rota de comunicação com outras regiões dada a sua extensão e caudal. Parece, visto se constituírem como marcantes limites naturais, que estes dois rios funcionariam como delimitadores do território dominado por este povoado.

Além destes dois cursos de água, junto do castro, num estreito e pequeno vale criado entre a elevação do povoado e um morro adjacente, do lado SE, encontra-se a *mina dos Castoeiros*⁸⁰ como denominada na *Carta Militar*.⁸¹ É afluente da ribeira do Ramito que corre na base do castro a pouco mais de 100m e que por sua vez é subsidiário do rio Tâmega. A mina é uma nascente de água que abastece um tanque de rega agrícola e um depósito que fornece a aldeia de Campos, provando ainda hoje a sua importância na envolvente próxima do Crastoeiro., Terá servido, provavelmente, de abastecimento de água à população residente no povoado. Ao longo do ribeiro encontram-se hoje muitos campos agrícolas provando a fertilidade da área. Na encosta SW do povoado, voltada à ribeira do Ramito, mesmo junto do limite do castro, é possível observar *numerosos muros de socalco que compõe diversas plataformas agricultáveis, abandonadas, muitos deles construídos sem dúvida com pedra talhada na Idade do Ferro e pertencendo ao castro.*⁸²

XXXIV
Perfil, localização do castro do
Crastoeiro na vertente do Monte Fa-
rinha

RIO TÂMEGA

RIBEIRO DO RAMITO

CASTRO DO CRASTOEIRO

SANTUÁRIO DA SENHORA DA GRAÇA

1000m

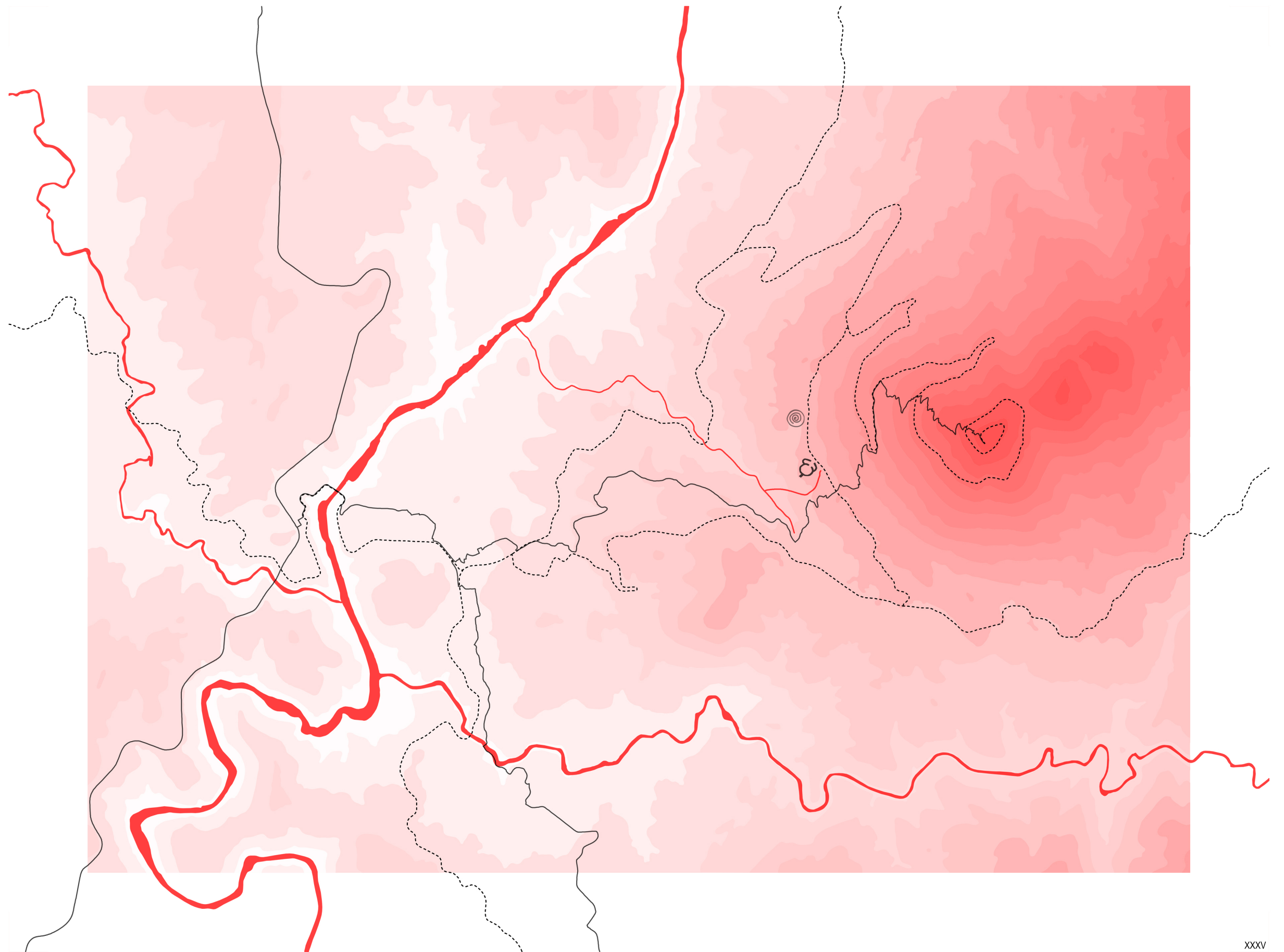
500m

1000m

2000m

3000m

4000m



Hidrografia, rios e ribeiros



Acessibilidade pedonal



Acessibilidade automóvel

XXXV
Mapa topográfico, implantação do
Crastoeiro no território
escala 1/25000



A implantação do Crastoeiro, à *semelhança de outros povoados similares*⁸³, poderá estar também relacionada com a presença de depósitos metálicos, já desde a pré-história recursos preciosos para as populações. *Segundo a carta geológica o povoado implanta-se sobre uma mancha granítica, o denominado granito da Sr.^a da Graça, mas bastante próximo de uma zona de xistos.*⁸⁴ Este contacto entre as duas manchas rochosas é propício ao aparecimento de metais. Nas imediações do castro, a mais perto fica a cerca de 4km, no lugar das Mestras, onde se retirou estanho e volfrâmio. Outras se encontram dispersas pela região montanhosa do concelho como por exemplo a das Fontes, rica em ferro, a cerca de 10km, onde terão aparecido algumas moedas romanas em bronze.

A localização do povoado a meia encosta faz com que, apesar da defesa natural, devido à topografia do esporão em que se implanta, tenha a capacidade de aceder a uma vasta gama de recursos. A floresta forneceria as madeiras necessárias à construção e combustão, que era necessária como fonte de calor, mas também para o trabalho do ferro, assim como uma paisagem propícia à caça e recolha de frutos. Na zona montanhosa existiriam os lugares mais adequados à pastorícia. Apesar de atualmente o coberto vegetal se caracterizar por pinheiro bravo, eucalipto e espécies arbustivas como a urze, tojo e feto, na época de ocupação do Crastoeiro terá sido bem diferente. *Os resultados de uma análise antracológica revelam que a vegetação teria sido constituída maioritariamente por carvalhos e sobreiros que, com o acentuar da ação antrópica, terão dado lugar a um substrato caracterizado por urzes e giestas.*⁸⁵ Espécies ribeirinhas como o amieiro e o freixo, entre outras, estão também referidas ainda que em menor concentração, comprovando a exploração dos dois tipos de paisagem, do vale e de montanha. É curiosa a presença da figueira.

Ainda que à Cultura Castreja esteja associada a condicionante altimétrica, desempenhando papel defensivo fundamental, destaca-se que a implantação do povoado do Crastoeiro não está dependente da altitude. Ter-se-ão assumido como elementos decisivos as potencialidades do território, aliadas à condição de defesa natural proporcionada pela topografia, geralmente *'posições mais ou menos elevadas habitualmente relacionadas com linhas de água, que se tornavam solidariamente úteis para a defesa e subsistência das comunidades.'*⁸⁶



‘É dado adquirido com evidência arqueológica que o habitat castrejo nesta região é um fenómeno que radica as suas origens no final da Idade do Bronze, com povoados e estruturas identificadas e com densidade e variedade de materiais de tal modo associados que permitem caracterizar convenientemente o perfil desta fase arqueológica relacionada com um desenvolvimento excecional da metalurgia do bronze na região.’⁸⁷

Não está atestada para o povoado do Crastoeiro alguma ocupação radicada na Idade do Bronze a não ser pela arte rupestre ali presente e algum espólio coetâneo a ela associado. Porém, a cerca de 1.5Km para Norte, no lugar de Sobreira, está referenciado o povoado Calcolítico. Supõe-se, pela proximidade, a ligação desta mesma comunidade com a arte rupestre existente em Campelo e Crastoeiro, podendo estas gentes ter mais tarde fundado e habitado o castro.

O faseamento da ocupação do *Crastoeiro enquanto povoado*⁸⁸ pode dividir-se, segundo A. Dinis, em etapas distintas para a Idade do Ferro, sendo elas, da mais antiga para a mais recente: Crastoeiro I, enquadrando-se *‘entre meados do Séc. IV e o início do Séc. II A.C., presumindo-se como espaço mais favorável os meados do IV e os inícios do III A.C.’*⁸⁹; Crastoeiro II, *‘entre finais do Séc. II A.C. e os inícios do Séc. I D.C.’*⁹⁰ subdividindo-se ainda em Crastoeiro IIA E IIB; e Crastoeiro III, *ocupando temporalmente o Séc. I, com início na primeira metade e término pelo seu culminar.*⁹¹ Acrescenta-se ainda *outra fase para a Idade Média*, sendo a cronologia desta ocupação ainda demasiado alargada e imprecisa, carecendo de maior área de escavação para tentar balizá-la.

De todas estas constatações e interpretações deduz-se um panorama em permanente evolução para este povoado e para esta cultura. Nota-se uma grande transformação ao longo dos tempos, conforme as necessidades e vontades, que se manifesta no legado construído. Este dinamismo demonstra como um agregado humano, nas suas construções, arquitetónicas ou não, reflete as condições culturais da época em que se insere.



XXXVII
Pormenor Fotográfico, moeda romana, denário de Augusto (2 a.C - 4 a.C), frente e verso, área 1 do Crastoeiro, nível de fundação

XXXVIII
Cronologia, faseamento detalhado de ocupações e perspectivas sobre o castro do Crastoeiro

CRASTOEIRO I

Esta ocupação é atestada por pisos de saibro compactado, comumente designados de fundos de cabana, integrando 'zonas de combustão detetáveis por manchas de argila queimada'⁹², em articulação com buracos de poste e ainda por fossas abertas no saibro, interpretadas como repositórios para conservação da bolota e cereais⁹³. A ocupação '*parece distribuir-se por uma área restrita do monte, estando comprovada na acrópole (Área 2) e na vertente leste (Área 4)*'.⁹⁴ Desconhecem-se para esta altura '*quaisquer estruturas de defesa para além da que era proporcionada pela topografia original*'.⁹⁵ Está já nesta fase, precocemente em comparação com outras estações castrejas, documentada a prática de metalurgia do ferro, atestada '*quer através da recolha de escória quer de aderências deste metal à parede da estrutura indeterminada onde se processou a sua redução*'.⁹⁶

'Cerca de 500 A.C., com certeza como resultado das perturbações acontecidas no Sul da península (...), o Noroeste peninsular serviu de palco aos episódios da expedição de túrdulos e célticos (...)'.⁹⁷

Esta migração dos povos do Sul em direção ao Norte terá sido, não só mas também, um dos fatores preponderantes na formação de alguns povoados castrejos que, em contraste com os anteriores assentamentos, ofereciam maior proteção tanto dos povos migrantes como da instabilidade no Sul da Península.

CRASTOEIRO II

A segunda fase de ocupação do povoado, Crastoeiro II, é marcada por um período de transição que vai dar origem à imagem aproximada que hoje temos da cultura castreja. A sua área de ocupação é ainda desconhecida.

Esta fase possui como importante marco a petrificação das estruturas do povoado, apenas possível pois '*parece-nos evidente ter havido um crescimento significativo que poderemos interpretar na capacidade de mão-de-obra e disponibilidade económica compatíveis com a monumentalização do povoado*'.⁹⁸ A subdivisão desta fase em A e B prende-se com mudanças significativas na cultura material.⁹⁹

Crastoeiro IIA está ainda conservadoramente relacionado com a fase do ferro inicial, com o mesmo tipo de estruturas edificadas, cabanas e fossas. Porém, '*foi durante esta subfase que a muralha em pedra foi levantada, reforçando-se a monumentalidade do povoado*'.¹⁰⁰

Crastoeiro IIB articula-se já com um período da Idade do Ferro recente '*onde se dá o processo de petrificação das estruturas domésticas do povoado. (...) Distribuem-se pela acrópole e vertente sudeste*'.¹⁰¹ São agora habitações circulares e/ou de cantos arredondados denunciando o ainda não domínio da técnica de travamento dos cunhais.

CRASTOEIRO III

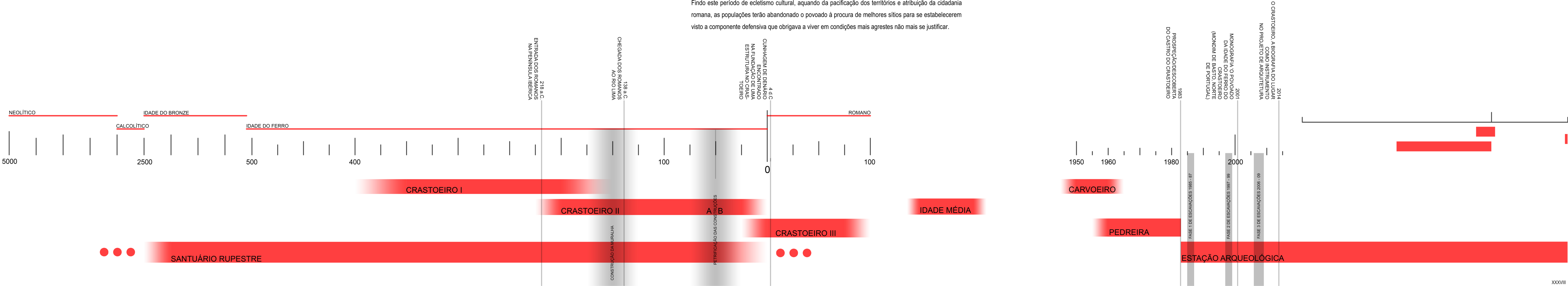
'*A campanha de D. Iulius Brutus (138-136 a.C.), atestando os primeiros contactos diretos entre romanos e populações castrejas da região, pelo seu perfil de expedição litoral, podendo ter, na sua caminhada até ao Minho, comprovação arqueológica verosímil na destruição integral da Cidade de Terroso, (...) deverá considerar-se responsável pelo termo desta fase e o início de uma nova etapa que, pelas estruturas aparentes se manifestou como de apogeu na cultura castreja, como fruto das novas relações estabelecidas no quadro da romanização*'.¹⁰² Esta seria a última fase do assentamento enquanto povoado castrejo e está diretamente relacionada com as influências do mundo romano sendo o processo desta aculturação comumente designado por romanização.

Esta fase é comprovada pelas construções com os cunhais angulosos bem definidos¹⁰³, sendo que uma dessas habitações possui já paredes divisórias do espaço interno. Também o espaço envolvente conhece melhorias com a '*colocação de um lajeado entre as edificações, no levantamento de muretes e abertura de canais nos afloramentos graníticos, num processo de canalização da água das chuvas para fora das construções*'.¹⁰⁴ Apesar dos sinais da romanização serem evidentes pelo espólio exumado denunciador deste contexto, mostra-se, devido à sua escassez, que este processo não se fez sentir de modo tão acentuado como em outros povoados castrejos. Veja-se, por exemplo, o caso das coberturas vegetais que de um modo conservador perduraram.¹⁰⁵

Findo este período de ecletismo cultural, aquando da pacificação dos territórios e atribuição da cidadania romana, as populações terão abandonado o povoado à procura de melhores sítios para se estabelecerem visto a componente defensiva que obrigava a viver em condições mais agrestes não mais se justificar.

IDADE MÉDIA¹⁰⁶

Em recentes escavações, apareceram, em algumas áreas, cerâmicas enquadráveis no período Medieval¹⁰⁷. Pressupõe-se a reocupação da uma diminuta área do Crastoeiro neste período, por um reduzido grupo humano, a qual não nos legou vestígios construídos. Provavelmente, as construções castrejas ainda estariam em estado de ruína pouco avançada, o que terá permitido com o arranjo de novas coberturas torna-las habitáveis. Até ao momento, a cronologia desta ocupação é ainda demasiado alargada e imprecisa, carecendo de maior área de escavação, tanto para a delimitar espacialmente como para tentar balizá-la cronologicamente.

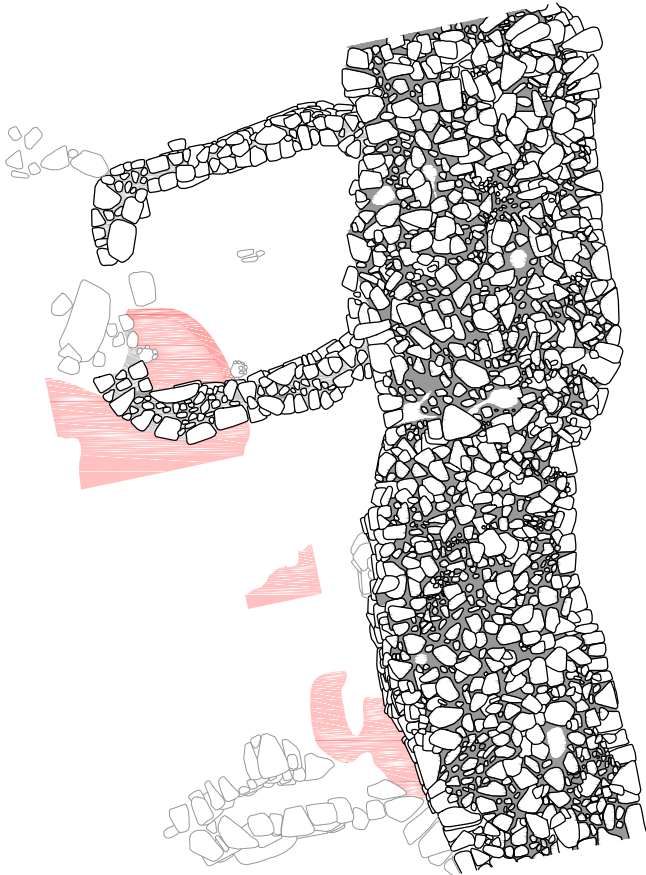


‘O primeiro que chama a atenção dos povoados castrexos é a complexidade e magnitude dos elementos defensivos, ou aparentemente defensivos. (...) Todos os castros, desde o mais pequeno ao de maiores dimensões, estão circundados, defendidos ou pechados por unha ou varias murallas, muros, valos ou parapetos que en moitos casos aparecen precedidos ou separados por foxos.’¹⁰⁸

Implantando-se o Crastoeiro num esporão que se destaca ligeiramente na encosta que desce do Monte Farinha, sensivelmente à cota 450m, apresenta uma topografia que por si só se denota como importante fator defensivo. O facto desta elevação se caracterizar por acentuadas pendentes e em vários troços por escarpas de blocos graníticos tornaria *qualquer subida e acesso uma tarefa árdua e cautelosa*.¹⁰⁹ Porém, esta inexpugnabilidade natural apenas se verifica na pendente Oeste do esporão, em direção ao vale, sendo menos acentuada, ainda que perceptível, nos lados Norte e Sul. Para o lado Este, em direção à encosta do Monte Farinha, a condição natural defensiva de esporão não é tão favorável, *permitindo até um fácil acesso*.¹¹⁰

É neste contexto, de ‘insuficiência das condições naturais de defesa’¹¹¹, que cerca de dois séculos depois do início da ocupação do povoado, por meados do Séc. II a.C., se dá a ‘*construção artificial de diversos sistemas defensivos, de acordo com a morfologia do terreno e possibilidades das populações, utilizados isoladamente ou em combinações mais complexas*’.¹¹² No Crastoeiro comprova-se esta situação com uma possante muralha em pedra e um *fosso cavado no saibro*.¹¹³

Atente-se no panorama da época. Vivia-se sob plena conquista romana que havia entrado na península em 218 a.C. pelo Sul. Mais tarde, entre 138 a.C. e 136 a.C., concretiza-se a campanha de *Decimus Junius Brutus*.¹¹⁴ Entre estes dois acontecimentos deu-se a construção do sistema defensivo adivinhando um ambiente de críspação e tensão bélica, dando origem a um dos elementos mais característicos da Cultura Castreja.



XXXIX

XXXIX
Desenho, planta da área 4 do Crastoeiro, a vermelho fundos de cabana
escala 1/100



XL
Alçado fotográfico, troço de muralha do Crastoeiro, área 4
12 fotografias
21.09.2014 - 14:21



Atualmente com três troços escavados, a muralha apresenta-se como o dispositivo defensivo mais trabalhoso mas também o mais eficaz e duradouro. Pelo que se conhece até ao momento no Crastoeiro, existe uma muralha que define um núcleo principal e primário do povoado e duas expansões, uma para o lado Norte, bem visível ainda, sem que aí se conheçam outras construções, e outra para o lado SO, onde o seu traço está desaparecido e se encontram alguns alinhamentos e entalhes nas rochas mas onde se conhecem *três estruturas construídas*.¹¹⁵

No primeiro circuito de muralha, além das áreas escavadas onde esta é bem visível, é ainda observável o rasto de pedra resultante de derrubes que permite reconstituir quase todo o perímetro murado. Esta mesma muralha apresenta uma *largura média de 2.5m que varia conforme a sua localização no povoado, notando-se nas zonas naturalmente bem defendidas uma menor espessura e vice-versa*.¹¹⁶ Ao longo do seu perímetro interior encontram-se algumas construções a ela adossadas, aproveitando a face interna como parede, assim potenciando a utilização do reduzido espaço do recinto. Numa dessas construções é visível a fundação de uma muralha mais antiga também em pedra o que nos mostra que este tipo de defesa era alvo de *remodelações e reconstruções*.¹¹⁷

Este possante muro conforma um recinto de contorno ovalado que interseta do lado poente um aglomerado de grandes rochedos difíceis de transpor, revelando a conjugação e adaptação do construído ao natural. É ainda perceptível no Crastoeiro que a lógica de implantação da muralha segue a localização dos grandes penedos pré-existentes, obtendo assim maior robustez e segurança.

Além de se considerar um sistema defensivo pelo seu carácter claramente protetor, outros significados e interpretações se podem apontar a estes muros.

*'The defensive walls certainly had an important role in the defense of the sites, although this may not have been their exclusive function, since they also served as a means of display of the community's prestige. In addition, the defensive walls were also important to confine the size of castro's population within a certain limit, thus creating a balance between the dwelling space, the number of inhabitants, and the locally available subsistence resources.'*¹¹⁸

Criar-se-iam expansões se a subsistência estivesse assegurada, caso contrário, fundar-se-iam novos castros. Em muitos casos, mesmo até no Crastoeiro, à muralha é atribuída a função de muro de suporte criando plataformas que permitem áreas de construção que de outro modo, devido à topografia original, não estariam disponíveis. Sendo ainda uma estrutura comunitária, obrigaria a um *enorme esforço de colaboração*¹¹⁹, servindo de *dispositivo de afirmação do poder e domínio territorial*¹²⁰ de cada povoado. Por vezes, estes circuitos amuralhados parecem *'resultar menos de necessidades defensivas (...) do que de questões simbólicas. (...) Estaremos perante uma estratégia essencialmente retórica, e de carácter urbano, de valorização do próprio assentamento e da sua monumentalização (...)*.¹²¹



TRAMO DE MURALLA ESCAVADO, ÁREA 4, CRASTOEIRO

VESTÍGIO DO FOSSE CAVADO NO SAIBRO



XLII
Perspetiva fotográfica, vestígio de
possível troço de 2ª linha de mura-
lha

16.02.2014 - 18:15



XLIII
Perspetiva fotográfica, blocos grani-
ticos, sistema defensivo natural do
Crastoeiro

16.02.2014 - 17:29



*'Settlements, and the relationships and patterns they embody, provide a primary record and reading of human existence - they organize our social and productive activities in every kind of ecological setting and technical horizon.'*¹²²

Existe nos assentamentos castrejos, à semelhança de qualquer assentamento humano, uma organização do espaço interno do povoado. Esta tanto pode ser muito primitiva, quase parecendo aleatória, ou regrada e hierarquizada, como acontece nos castros com maior romanização. No Crastoeiro, alguns indícios permitem especular sobre o assunto.

Ligando a área 1, do período de romanização, ao resto do povoado, cortada na própria rocha, apresenta-se uma 'rua' que vem passar tangente à área 5 e divide esta por meio de um murete onde existe uma única passagem que faz com que comuniquem, distinguindo claramente o espaço público do privado ou familiar.

À semelhança do que acontece noutras estações castrejas já escavadas, como é o caso da Citânia de Briteiros, paradigmática, poderemos estar perante um modelo comum de organização espacial que divide o castro em diversos *quarteirões, de carácter familiar, correspondendo a cada um várias construções, casas e/ou anexos, pelas quais se distribuem os vários programas habitacionais, normalmente voltadas para um pátio central, e que constituem o espaço privado.*¹²³ Estes quarteirões distribuem-se ao longo de ruas principais que permitem circular pelo povoado.

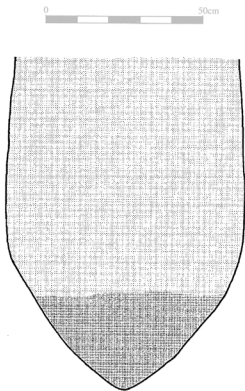
Este modelo, rua e quarteirão, deve muito à romanização e como tal apenas a uma fase tardia, ainda que de apogeu, da cultura castreja. Embora no Crastoeiro possamos encontrar estes indícios, não os deveremos interpretar como modelo puro nem aplicável a todas as áreas, devido à comprovada escassa influência romana.

Para além desta organização da circulação é ainda de referir o trabalho topográfico. A *'localização peculiar dos castros obriga muitas vezes à construção de escadarias e muros de sustentação e terraplenagens, lajeados para evitar que as enxurradas arrastem a terra, (...).'*¹²⁴ Não só no Crastoeiro a distribuição do povoado se adapta ao lugar que encontrou, como também cria esse mesmo lugar, alterando o suporte natural. Em algumas zonas do povoado, existem *muros de contenção de terras que aplanam as pendentes criando zonas estáveis disponíveis à construção.*¹²⁵ E se noutros casos se limitam a pequenas intervenções, *na área 1, toda a plataforma onde assentam as construções é artificial*¹²⁶, usando grandes blocos de pedra e movimento de terras para o efeito.





Quanto à organização urbana do povoado, pode concluir-se que terão existido *áreas funcionais distintas*.¹²⁷ Escavações na área 5 forneceram evidência da utilização de uma construção como ferraria. Aí se encontrou muita escória de ferro, típica do trabalho de ferreiro, espalhada pelo pavimento. Também a construção se diferencia das restantes: a lareira, muito resistente em relação às demais está descentrada, encontrando-se no centro uma pedra com duas suaves depressões circulares indicando esteio duplo de madeira para suporte da cobertura. Também a pedra utilizada para construir as paredes é de grandes dimensões e bastante robusta, denotando maior resistência às altas temperaturas necessárias à fundição do ferro. Todo o conjunto mostra o excepcional zelo empregue nesta construção, provavelmente necessário devido à sua função como ferraria.



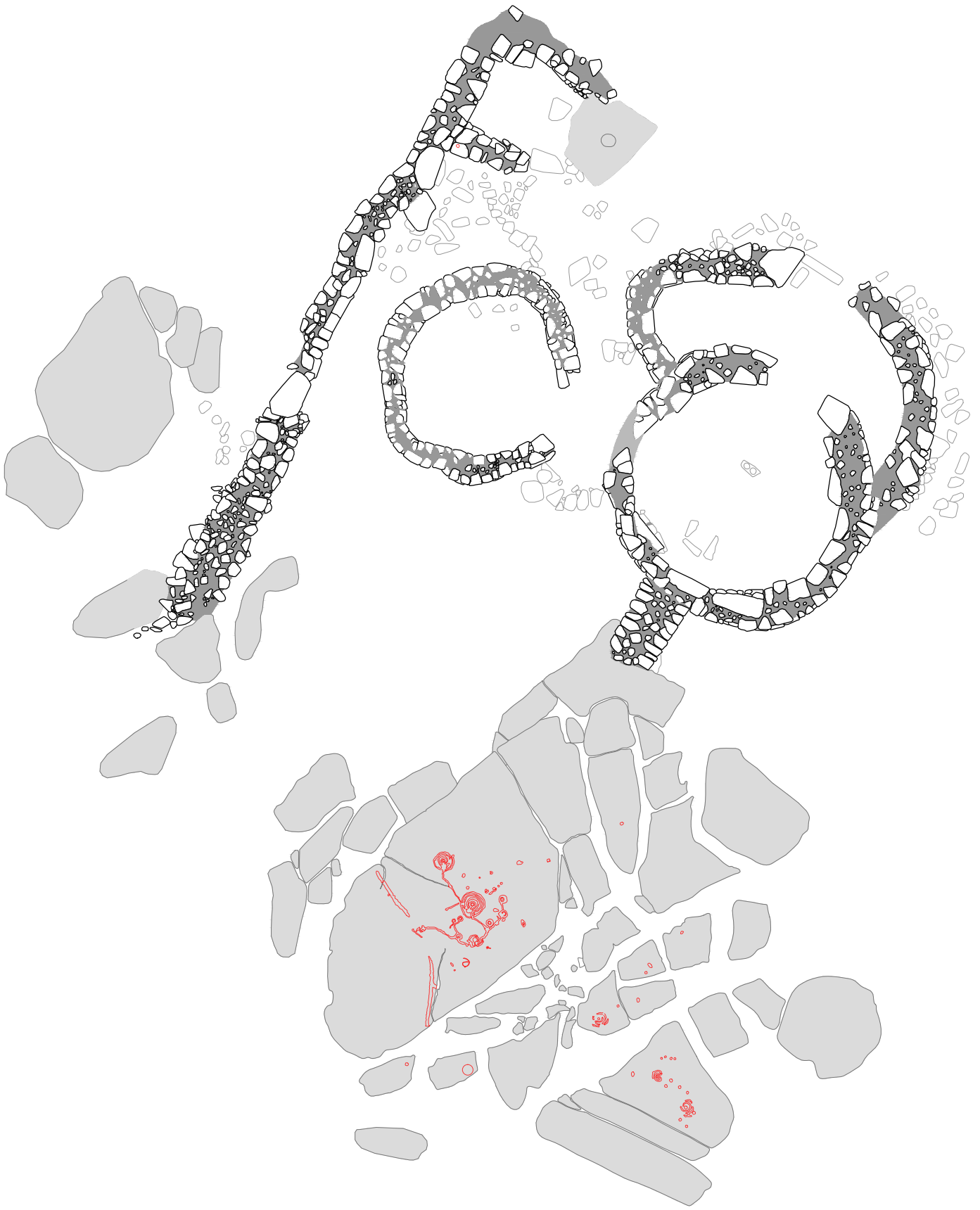
XLV
Desenho de registo, perfil de fossa aberta no saibro, área 2 do Crastoeiro

Na área 2, encontraram-se muitas fossas abertas no saibro e buracos de poste. Estas fossas seriam forradas a cortiça, proveniente dos sobreiros autóctones, de modo a impermeabilizar o seu espaço. Serviriam de armazenamento aos recursos cerealíferos do povoado. Os buracos de poste sugerem uma estrutura aérea de cobertura destas mesmas fossas que se assumiriam, também, como local de realização de trabalhos relacionados com os cereais.

Curioso, é o facto de ambas as zonas que possuem uma diferenciação funcional, se localizarem junto dos dois complexos de arte rupestre mais significativos do povoado. Se por um lado o trabalho do ferro poderia ser encarado como uma atividade mágica e de carácter místico, por outro, o armazenamento dos cereais nas imediações das gravuras poderia estar associado a uma proteção divina das colheitas, pois delas dependia toda a subsistência. Tal, demonstra a incorporação das gravuras rupestres da Idade do Bronze na lógica organizativa do castro da Idade do Ferro. Como vimos a sua utilização atesta-se pelo menos até aos inícios da romanização, pelo fim do 1º milénio a.C. Expõe-se assim, ainda que sem plano prévio, uma intencionalidade na organização interna do povoado que se articula não só com as características do sítio mas também com a sua condição de Lugar reinterpretando-o.

XLVI
Desenho de registo, planta da área 5 do Crastoeiro ilustrativa da relação entre a arte rupestre e edificações
a vermelho gravuras rupestres
escala 1/100

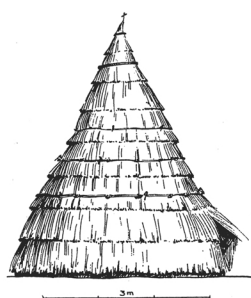




*'Uma vez criada uma determinada forma, no seio de um grupo, ela fica na tradição desse grupo; por vezes, devido a influências estranhas, ou pela necessidade de se adaptar a circunstâncias novas, ou ainda por simples evolução, esse grupo é levado a criar ou aceitar uma forma diferente; outras vezes, pelo contrário, essa primeira forma, por razões várias, conhece um longo florescimento exuberante.'*¹²⁸

Apesar da restrita área escavada é notável no Crastoeiro a diversidade formal entre as estruturas habitacionais exumadas. Podemos distinguir dois grandes grupos: as casas redondas ou de cantos arredondados e as de cantos angulosos. Dentro do primeiro grupo, distingamos ainda, as totalmente perecíveis e as compósitas (de pedra e perecíveis).

O modelo mais simples e antigo, circular perecível, do qual não existem quase vestígios, está representado no Crastoeiro pelos 'fundos de cabana'. *Esta tipologia encontra raízes nos povoados da Idade do Bronze e/ou até em tempos mais remotos como o Neolítico.*¹²⁹ Dos vestígios encontrados, o pavimento em saibro compactado parece indiciar uma forma aproximadamente circular. Pela curvatura de um deles, que apresenta ainda um rebordo perimetral sobrelevado, pode deduzir-se um diâmetro de cerca de 3m. Outro dos vestígios que nos chega destas estruturas são os buracos de poste que, estruturados com pequenas pedras, lançavam a estrutura principal que suportava a habitação.



XLVII
Desenho de registo, construção vegetal cônica de parede cobertura indiferenciada



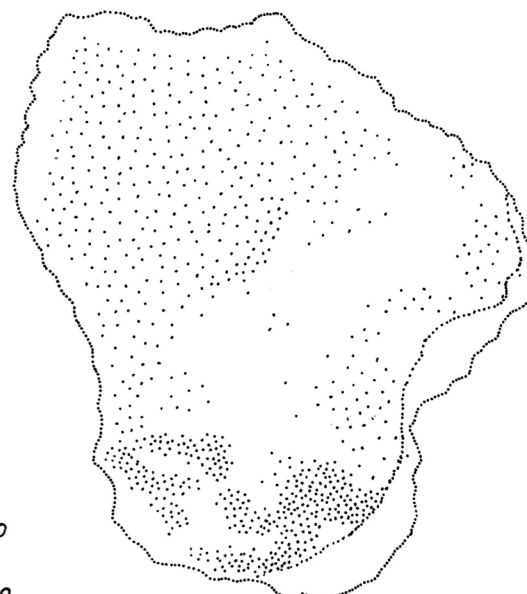
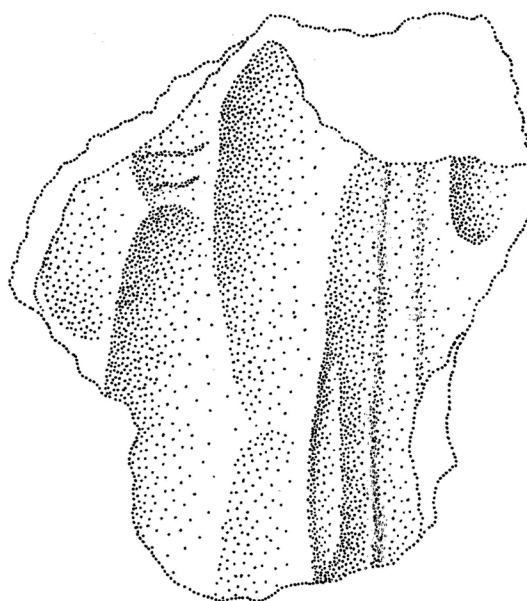
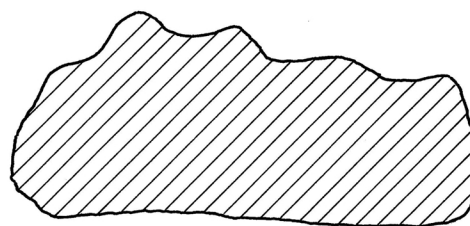
XLVIII
Desenho de registo, construção vegetal cilindro-cônica de parede cobertura indiferenciada

Da traça destas estruturas não existem grandes dúvidas. *As incertezas surgem quanto à volumetria da construção.*¹³⁰ Tanto poderiam ser cónicas, de parede e cobertura indiferenciada como de formato cilindro-cônico, parede vertical e cobertura cônica, ao modo das construções posteriores. A estrutura concretizar-se-ia em troncos de madeira e a materialização das paredes em colmo ou giesta. Alguns indícios existem que apontam neste sentido. Num desses fundos de cabana do Crastoeiro recolheram-se, no nível de demolição, grande quantidade de nódulos de argila e massas de saibro, prensados, alisados numa das superfícies e com negativos de troncos, na oposta, sugere que as paredes desta construção tivessem sido calafetadas.¹³¹ *A identificação de alguns fragmentos com a superfície alisada, alaranjada, poderá indiciar a existência de paredes pintadas.*¹³²

*Existe ainda uma estrutura singular exumada no Crastoeiro correspondente a uma edificação circular.*¹³³ Provavelmente de paredes verticais e cobertura cônica assemelhar-se-ia às anteriormente referidas cabanas, contudo, a base diferencia-se. Ao passo que nas anteriores se encontrava apenas o fundo da cabana, aqui, encontramos um murete talhado no saibro e na própria rocha, com cerca de 50cm de altura, de onde se alçaria a restante estrutura no sistema construtivo descrito. Estas construções caracterizam a fase do Crastoeiro I e Crastoeiro IIA na Idade do Ferro Antigo.

XLIX
Perspetiva fotográfica, fundo de cabana com rebordo alteado sob alicerce de estrutura pétrea, área 4 do Crastoeiro







L
Desenho de registo, nódulo de
argila de revestimento com negati-
vo de ramagens e possível pintura,
área 4 do Crastoeiro

escala 1/1

LI
Perspetiva fotográfica, estrutura
cavada no saibro, área 2 do Cras-
toeiro

 *ocre amarelo*

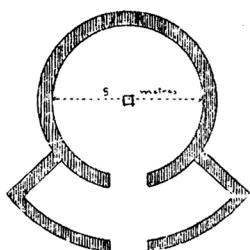
 *ocre vermelho*



Na fase Crastoeiro IIB, por meados do 1º Séc. a.C., transporta-se a lógica circular das construções perecíveis para a construção pétrea. O círculo é uma forma extremamente simples e primitiva implicada pelo desconhecimento de *‘qualquer encastramento ou travação, (...) em prejuízo da sua estabilidade.’*¹³⁴ O facto de existirem estruturas tendencialmente retangulares com os cantos arredondados é denotativo do desconhecimento da técnica de travamento dos cunhais.

A construção compõe-se agora de dois paramentos distintos de alvenaria de pedra (granito no Crastoeiro e na maioria das estações castrejas), com os interstícios colmatados com terra e pequenas pedras. Normalmente nesta fase, o aparelho exterior é melhor cuidado que o interior. O primeiro com pedra de dimensão considerável e bem lavrada e o segundo irregular e pobre. Muito provavelmente o paramento interior possuiria alguma espécie de reboco com possibilidade de apresentar pintura.

*‘Para vários autores portanto, as casas castrejas de planta circular tinham paredes altas, inteiramente em pedra. Para outros autores, essas paredes eram também elevadas, mas apenas com um envasamento baixo de pedra, e, de certa altura para cima, um alçamento de adobes ou de ramos encanastrados (...) cobertos de um indumento de barro amassado, nessa maneira primitiva de construir de que fala Vitrúvio, a propósito destas regiões peninsulares.’*¹³⁵ Ambos terão ocorrido no Crastoeiro.¹³⁶



LII
Desenho de registo, planta-tipo de casa castreja (seg. M Cardozo)

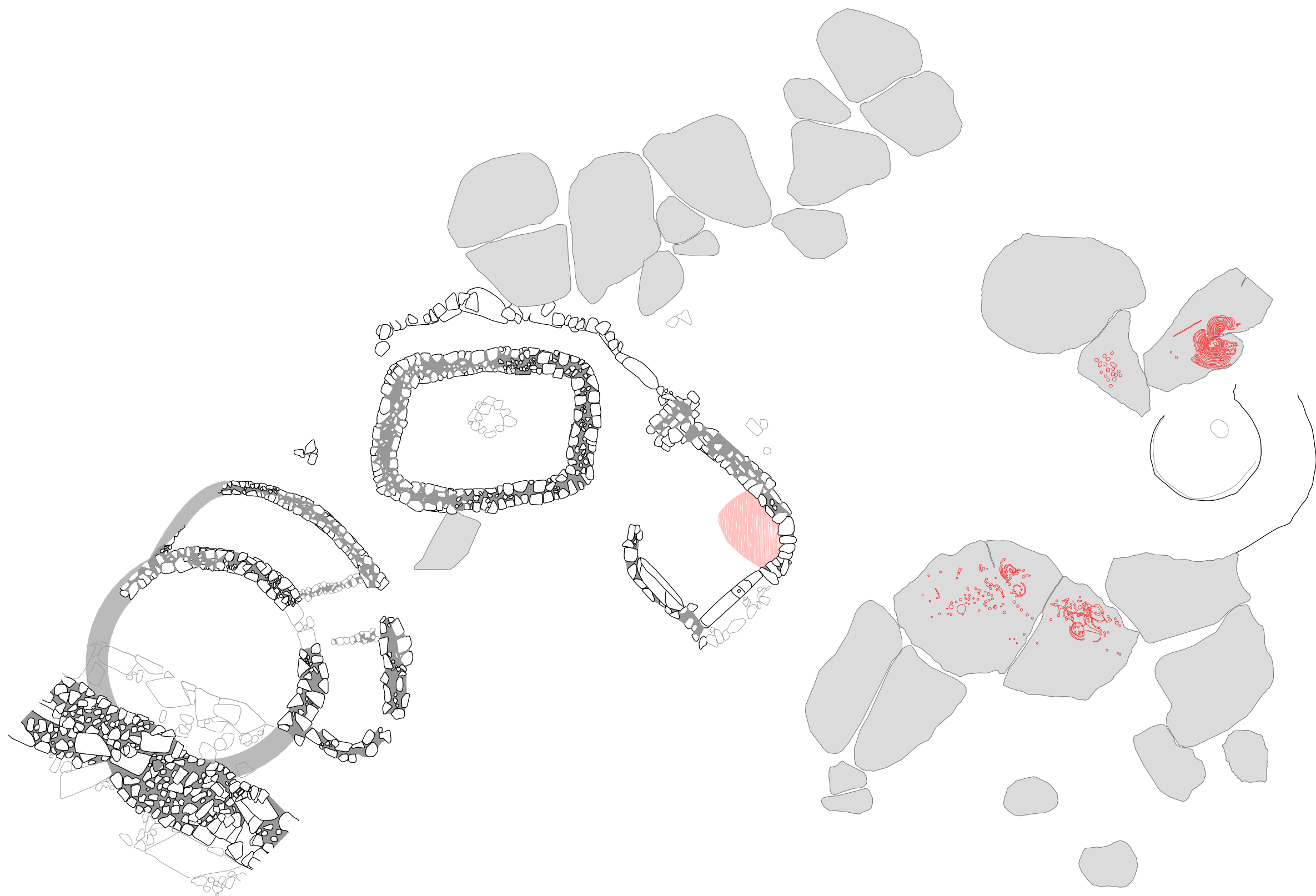
Para toda esta fase, Crastoeiro IIB, não se conhecem outro tipo de coberturas que não as cónicas em materiais perecíveis, colmo e/ou giesta.

*Muitas vezes a habitação castreja apresenta um vestíbulo que antecede a porta de entrada.*¹³⁷

Este tipo de acrescentos, mais tardios, muitos deles contemporâneos da romanização, apresentam-se como paredes autónomas que apenas encostam na casa e que muito provavelmente não ultrapassariam a sua meia altura. Neste espaço constituir-se-ia um alpendre aumentando assim a área disponível às funções da habitação.

LIII
Perspetiva fotográfica, casa-tipo castreja, área 5 do Crastoeiro
20.06.2014 - 17:16





LIV
 Desenho, planta da área 2 do Cras-
 toeiro, a vermelho fundo de cabana
 e gravuras rupestres
 escala 1/100



Com a entrada no período de romanização e consequente aculturação, atestada em Crastoeiro III, a casa castreja sofre ruturas importantes com a tradição. A principal e mais evidente é o domínio da técnica de travamento dos cunhais que permite agora a *construção angulosa*¹³⁸ e, consequente melhor aproveitamento do espaço interno. Presente no Crastoeiro, existe até ao momento uma construção retangular com um muro transversal que serve de divisória constituindo um modelo mais desenvolvido.



LV
Pormenor fotográfico, hipotética paredeira do período de romanização, área 1 do Crastoeiro

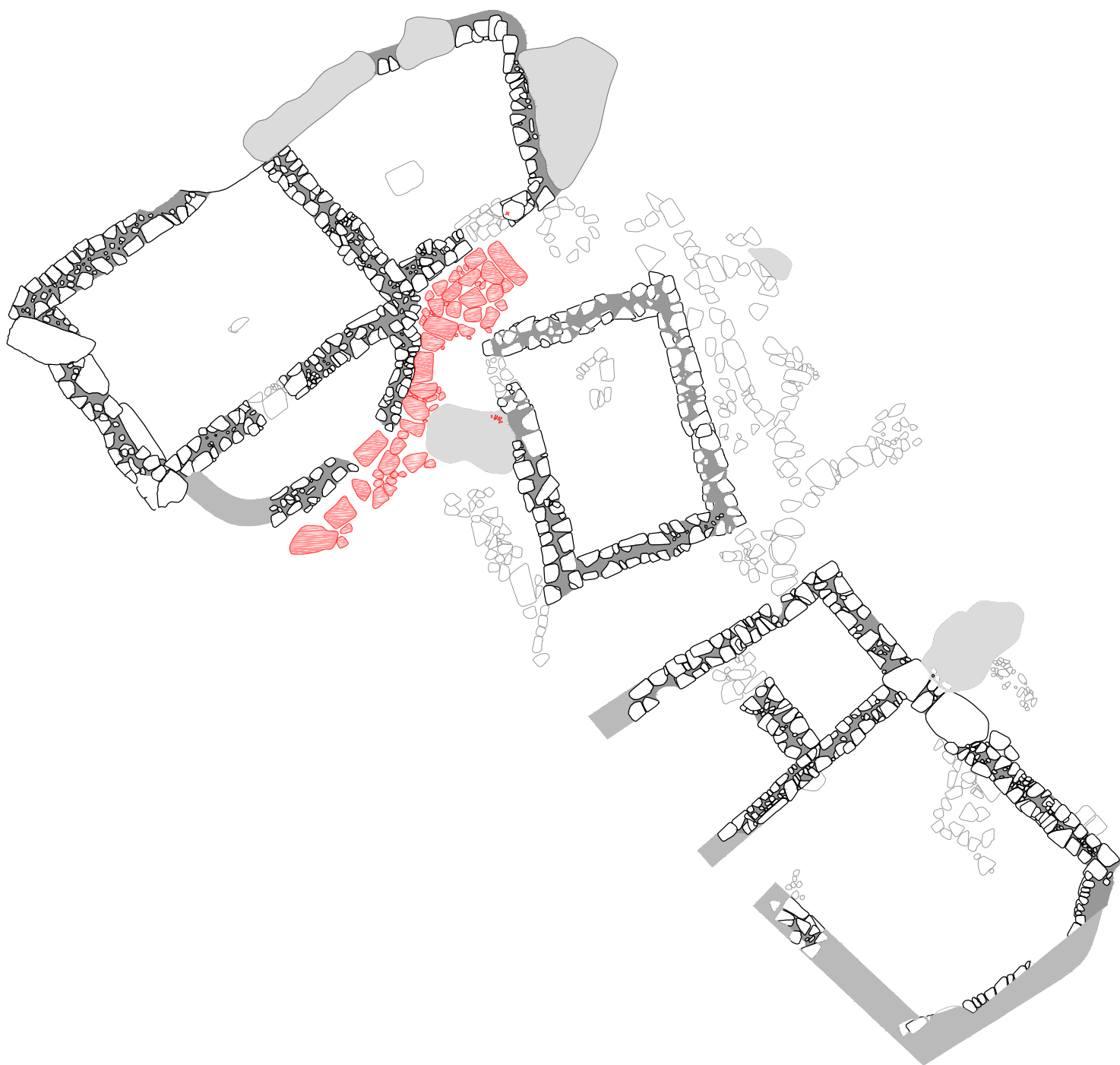
O mais comum é a parede alta em pedra que incluiria o rasgo da porta. Numa das casas deste tipo, *'na camada de destruição (...) recolheram-se duas pedras, em forma de L, que poderão corresponder à paredeira da construção.'*¹³⁹ Poderiam estas novas construções integrar algum vão de janela.¹⁴⁰ Nesta fase e tipo de estruturas apresentam-se geralmente em ambas as faces paredes de boa qualidade, com paramentos de pedra bem faceados a pico.

Quanto às coberturas, estas mantiveram-se em material vegetal. Os sinais de romanização são evidentes mas escassos. *'A ausência nos derrubes destas habitações de materiais cerâmicos de cobertura leva-nos a concluir que esta seria, genericamente, em materiais perecíveis. A recolha de dois fragmentos de imbrex no nível de abandono da área 2 poderá significar, no entanto, que poderá ter havido exceções.'*¹⁴¹ A volumetria da cobertura ter-se-á alterado de cónica para uma ou duas águas, pela maior facilidade de concretização na traça destas construções, dando origem a uma tipologia de construção simples que iria perdurar até à atualidade nas arquiteturas vernaculares.

A planta geral do povoado do Crastoeiro revela a manifestação de uma panóplia de tipologias de casa castreja. Não podemos afirmar com certeza, que cada modelo representa uma das fases, sabendo que esse faseamento já descrito, lógica abstrata, não corresponderia a bruscas clivagens mas antes a adaptações e evoluções contínuas no tempo, mestiçagem entre os antigos modos e as novas técnicas. A paisagem no interior do povoado apresentar-se-ia então representada pela mescla variada de soluções construtivas e formais.

LVI
Desenho de registo, planta da área 1 do Crastoeiro
a vermelho lajeado
escala 1/100





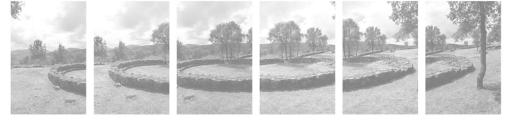
*'Destacando-se [das] (...) unidades de arquitetura doméstica, atendendo sobretudo ao seu dimensionamento e implantação no povoado, alguns edifícios sugerem uma função pública eventualmente de caráter religioso, político ou simplesmente utilitário.'*¹⁴²

São essas estruturas a 'Casa do Conselho' e o 'Balneário Castrejo' ou monumento tipo 'Pedra Formosa'.

Em Briteiros na Casa do Conselho, *'edifício circular, com cerca de 11m de diâmetro e um banco corrido ao longo da parede interior, teria funcionado um órgão colegial de decisão.'*¹⁴³ A implantação desta estrutura na zona superior e ampla do povoado, claramente pública, com alargado domínio visual sobre o território, poderia estar ligada com a sua administração. Presidiria neste edifício um conselho representativo do povoado.

No contexto do Crastoeiro, segundo uma *prospecção realizada com georadar em 2013*,¹⁴⁴ revelou-se *'um conjunto de reflexões formando um padrão semicircular que correspondem às paredes de um edifício da Idade do Ferro adossado à muralha do povoado, localizada a Sudeste. O edifício em questão apresenta um diâmetro de 8m, bastante acima do diâmetro médio dos edifícios deste povoado, podendo corresponder a um edifício de cariz comunitário, semelhante à casa grande de Briteiros (...).'*¹⁴⁵

Apesar destes dados e da interpretação do autor da prospecção, é pouco provável a existência de uma destas estruturas no Crastoeiro, que ao contrário de Briteiros, se localizaria na cota mais inferior do recinto da primeira muralha. Pesa ainda o facto de tais estruturas denunciarem uma sociedade extremamente hierarquizada, o que adveio do processo de romanização que, como vimos, no contexto do Crastoeiro é evidente mas pouco pronunciado. Este tipo de construções está apenas comprovada em povoados de grandes dimensões o que também não é o caso.



O monumento tipo Pedra Formosa ou Balneário Castrejo é a edificação de maior fulgor artístico, senão única, de toda a Idade do Ferro como o demonstra a expressão ‘formosa’. O nome provém de um monólito presente no seu interior no qual se inscreve uma profusão de motivos decorativos. A sua *interpretação*¹⁴⁶ como construção para banhos de vapor põe em evidência a seguinte passagem de Estrabão: *‘Now some of the people that dwell next to the Durius river live, it is said, after the manner of the Laconians – using anointing-rooms twice a day and taking baths in vapors that rise from heated stones, bathing in cold water (...)’*.¹⁴⁷

A composição de espaços do Balneário Castrejo segue uma lógica comum nos diversos exemplares exumados e estudados. Da zona mais interna para o exterior da estrutura encontramos primeiro a *fornalha*.¹⁴⁸ Esta comunica com a *câmara interior ou estufa*.¹⁴⁹ Pelo menos até aqui, a construção localizar-se-ia enterrada para melhor preservação do calor e provavelmente por alguma intenção simbólica. O espaço seguinte, a *antecâmara*¹⁵⁰ comunicava com o anterior através do diminuto vão rasgado no monolítico frontispício, que visava também preservar a temperatura no interior da estufa, e com o *átrio*¹⁵¹, já exterior.



LVIII
Alçado fotográfico, frontispício
Pedra Formosa do Balneário Cas-
trejo I, citânia de Briteiros
19.07.2014 - 14:27h

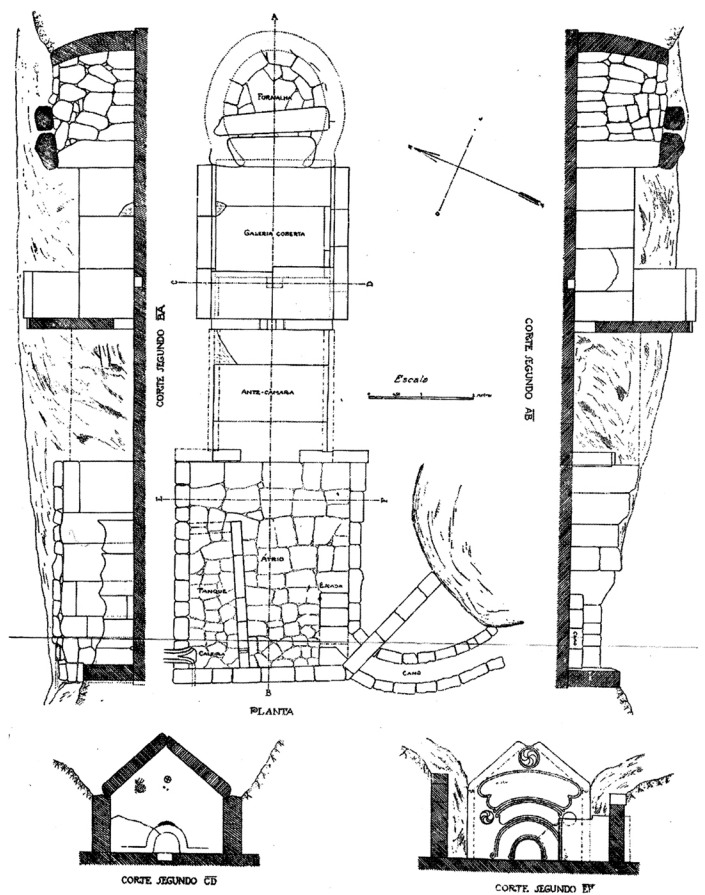
*‘O mais célebre frontispício deste tipo é a «Pedra Formosa» de Briteiros. Morfologicamente aproxima-se de uma estela antropomórfica muito larga. (...) Na superfície da pedra inscreve-se em posição de destaque um conjunto de duplos e triplos cordões em relevo que formam uma figura antropomórfica simplificada, com um orifício no lugar correspondente à «cabeça», como se tratasse de uma entidade de braços abertos dotado de um outro orifício em forma de «vulva» na zona correspondente à genitália.’*¹⁵²

Esta ornamentação e carga retórica aliada ao facto de se entrar exatamente pela zona correspondente à genitália permite-nos supor uma função ritual, muito provavelmente de elites, ligada com a Terra e a fertilidade. O cuidado decorativo empregue, denota que o banho nestas estruturas desempenhou importante papel funcional e simbólico na sociedade da época.

No caso do Crastoeiro não é possível até ao momento afirmar a existência de uma destas estruturas excepcionais. Podemos no entanto referir a possibilidade, dada a existência de uma zona na encosta Sudeste do povoado, dentro do limite da segunda muralha, que permitiria o desvio da linha de água proveniente da mina para a implantação desta estrutura.

LIX
Desenho de registo, monumento
balnear tipo ‘Pedra Formosa’ II
(seg. M. Cardozo 1973), citânia de
Briteiros

LX
Perspetiva fotográfica, Balneário
Castrejo II, citânia de Briteiros
19.07.2014 - 16:03h



CITÂNIA DE BRITEIROS
PLANTA DO MONUMENTO FUNERÁRIO
descoberto em 1930

(Desenhado por Mário Cardozo)

LIX



LX

5. O LUGAR COMO PATRIMÓNIO

*'Para definir o termo «monumento», reportar-nos-emos à sua etimologia. Deriva do substantivo latino monumentum que deriva do verbo monere: «advertir», «lembrar à memória». Chamar-se-á, então, «monumento» a todo o artefacto (túmulo, estela, poste, totem, construção, inscrição...) ou conjunto de artefactos deliberadamente concebidos e realizados por uma comunidade humana, sejam quais forem a sua natureza e as dimensões (...) no sentido de fazer lembrar à memória viva, orgânica e afectiva dos seus membros, pessoas, acontecimentos, crenças, ritos ou regras sociais constitutivos da sua identidade.'*¹⁵³

*'A maior glória de um edifício reside na sua idade e na sua força com a qual a sua voz se dirige a nós. (...) É pelo seu testemunho face aos homens, pelo agradável contraste que opõem ao carácter transitório de todas as coisas (...) [que] estas paredes (...) ligam entre elas as idades esquecidas e as seguintes e instituem em parte a identidade das nações (...).'*¹⁵⁴

Largas centúrias terão passado desde que o último habitante abandonou o Crastoeiro, deixando-o envolto numa neblina de esquecimento que encobriria os seus mais primordiais significados. O tempo toldou a compreensão do Lugar e a história tornou-se lenda. Porém, este olvidar de significados não impede que um Lugar mute adquirindo outros contextos e interpretações. O caso de estudo é um exemplo de mundivências que deixam marcas.

Segundo informações de habitantes da aldeia de Campos, na década de 1950 era costume fazer-se carvão no Crastoeiro. Não só este facto se mantém ainda na memória da população local, como se comprova arqueologicamente, pois, durante as escavações e espalhadas pela área do castro, aparecem na estratigrafia diversas covas preenchidas com terra enegrecida e restos de carvão. As madeiras utilizadas neste processo eram o medronheiro e a urgueira, duas espécies bastante comuns nas encostas do Monte Farinha. *'O processo de feitura do carvão era simples, bastando abrir uma cova no subsolo, pouco profunda, reunir uns tocos de madeira e interromper a combustão lançando terra sobre o lume.'*¹⁵⁵ O trabalho realizava-se durante a noite, fugindo ao controle das autoridades que proibiam a utilização da madeira dos baldios.¹⁵⁶ Na manhã seguinte era recolhido o carvão e transportado para a vila de Mondim onde existiam ferreiros e latoeiros que o adquiriam.

Já na década de 1960, era frequente o talhe de pedra no castro. Ainda hoje o Monte Farinha é conhecido, também, pelas inúmeras extrações de pedra no seu sopé, o granito da Sr.^a da Graça,¹⁵⁷ que marcam irreversivelmente a paisagem. Aquando desta utilização do Crastoeiro empregava-se ainda uma técnica bastante primitiva: *abriam-se, com um pico de ferro, alguns rasgos na rocha. Nesses rasgamentos inseriam-se cunhas de madeira, de preferência de oliveira, e vertia-se sobre elas água que seria absorvida. As cunhas inchando fendiam a rocha*¹⁵⁸, que assim era desmontada e retirada. O processo era demorado, facto que salvaguardou da destruição generalizada as estruturas do povoado castrejo, à altura desconhecido. As marcas mais evidentes de laboração de pedreiros no Crastoeiro são precisamente alguns rasgos para cunhas que nunca atingiram o seu propósito e as superfícies de corte aplanadas que se distinguem das formações rochosas naturais. A extração de pedra haveria de realizar-se até ao reconhecimento do local como povoado da Idade do Ferro, ponto que lhe conferiu um significado monumental. Juntamente a estes sinais acrescenta-se a abertura de um caminho pela vertente nascente para o transporte da pedra e o apeamento de partes da muralha que ainda hoje se utiliza e que pela facilidade de acesso se constituiu como principal entrada no recinto castrejo.

LXI
Perspetiva fotográfica, marcas do funcionamento da pedreira, superfície de corte aplanada e rasgos para cunhas
21.09.2014 - 15:02



O primeiro reconhecimento do Crastoeiro enquanto lugar de interesse histórico e arqueológico é apontada em 1968 por Primo Pelayo Casal, baseado na referência encontrada nas Inquirições de D. Afonso III à Fonte do Crastueyro, correspondente à atual mina do Crastoeiro. Porém, julga-se que, erroneamente, terá lido não 'Fonte' mas 'Forte' do Crastueyro e depreendido, em conjugação com outras fontes bibliográficas, a presença de *'um castelo existente no cimo do pico'*¹⁵⁹ do Monte Farinha.

Em Março de 1983 António Dinis e Francisco Queiroga deram início à prospeção arqueológica no concelho, seleccionando e analisando cartografia e bibliografia alusivas. Levaram a cabo as primeiras prospeções e lançaram um questionário, distribuído por todo o território, recolhendo toponímia, lendas e notícias de cariz arqueológico. É, num destes questionários, referido o Alto do Muro, topónimo sugestivo, como povo dos mouros. Conjugado com a toponímia de Crastoeiro, a visita ao local confirmou, através de espólio de superfície e diversos derrubes, a existência do povoado fortificado da Idade do Ferro e de Arte Rupestre Atlântica. Nessa altura foi embargada a extração de pedra que ainda laborava no local, dando o Lugar o primeiro passo como monumento.

No ano seguinte, 1984, procedeu-se ao reconhecimento aprofundado do sítio através da limpeza da densa vegetação que então o cobria, do reconhecimento de estruturas pétreas, da recolha de materiais de superfície e registo fotográfico dos penedos gravados. Também nesta altura se fez o primeiro levantamento topográfico.

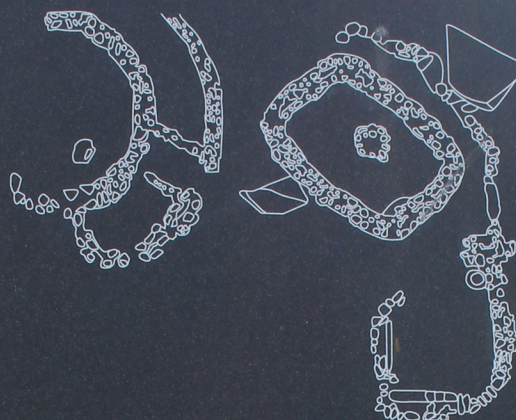
Entre 1985 e 1987, realizou-se no Crastoeiro a *1ª fase*¹⁶⁰ de escavações. Viriam porém a ser interrompidos os trabalhos pela interdição do proprietário do terreno e durante uma década assim se mantiveram. Só em 1997, após compra da propriedade pela Câmara Municipal, se inicia a *2ª fase*¹⁶¹ de estudo, que se prolongaria até 1999. *'Foi ainda nesta fase que se prepararam os processos de classificação do Crastoeiro e da estação rupestre de Campelo, medidas de prevenção indispensáveis à protecção e salvaguarda daqueles sítios, perante a ameaça do avanço das pedreiras.'*¹⁶² No ano de 2001 a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho lança uma monografia intitulada *'O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)'*, da autoria de António Dinis, divulgando os resultados da investigação obtidos até esse momento. A par dessa iniciativa, de especial relevo, outras, como textos e palestras foram surgindo. Em 2005, iniciou a *3ª fase*¹⁶³, que terminaria em 2009, alargando-se as escavações a Campelo e Alto dos Palhacinhos. Durante este período os trabalhos de arqueologia realizaram-se com o apoio da Escola de Arqueologia da Universidade do Minho, através de um protocolo entre o município e a instituição. Funcionou assim o Crastoeiro como escola de arqueologia, acrescentando-se um novo significado à sua já longa biografia.

LXII
Documento, referência 'ad fonte de Crastueyro' nas Inquirições de D. Afonso III como marco delimitador, 'Julgado de Cellorico quanto jaz nas ferrarias antre Tamega e Doyro', 1278

a vermelho referência, pelo autor

Ao longo dos tempos, os significados e interpretações atribuídas ao Crastoeiro alteraram-se em comunhão com as especificidades de cada período e respetivo *modus vivendi*, conferindo ao Lugar uma extraordinária pluralidade de sentidos e perspectivas. *‘Até os objectos que constituem o universo do património material podem, por mercê de soluções de uso e usufruto, participar nas dinâmicas de mudança próprias da condição histórica de tudo que está num tempo e num lugar.’*¹⁶⁴ São sobretudo, estas marcas, mais antigas ou recentes, documento de uma história, uma herança legada. Sinónimo de um sentimento identitário, assim se entende hoje o Crastoeiro, enquanto monumento.

*‘The emotional force of ruins, of an abandoned house or rejected objects stems from the fact that they make us imagine and share the fate of their owners. They seduce our imagination to wander away from the world of everyday realities.’*¹⁶⁵



Mondim de Basto

Crastoeiro Em Vias de Classificação

Povoado fortificado, com ocupação permanente desde o séc. IV a.C. até ao séc. I da nossa era, que apresenta uma importante evolução tanto na organização do espaço como nas soluções arquitectónicas adoptadas.

Um impressionante conjunto de afloramentos graníticos, com gravuras de temática abstracta, revela a sacralização do sítio na Pré-História Recente e a sua manutenção, enquanto lugar especial, durante toda a Idade do Ferro.

Em estudo desde 1984.

CRASTOEIRO (Fortified Pre-roman Village)
In Process of Classification

Fortified village permanently occupied from the 4th century B.C. until the 1st century A.D., which presents a rather important development concerning both space organisation as well as the adopted architectonic solutions.

An impressive gathering of granite masses, with thematically abstract engraving, reveals the sacralisation of the place in Recent Pre-History and its maintenance, as a special sight, during all the Iron Age.

It is being studied since 1984.

6. O PROJETO

*'The sky is the vaulting path of the sun, the course of the changing moon, the glitter of the stars, the year's seasons, the light and dusk of day, the gloom and glow of night, the clemency and inclemency of the weather, the drifting clouds and blue depth of the ether.'*¹⁶⁶

M. HEIDEGGER, 1971

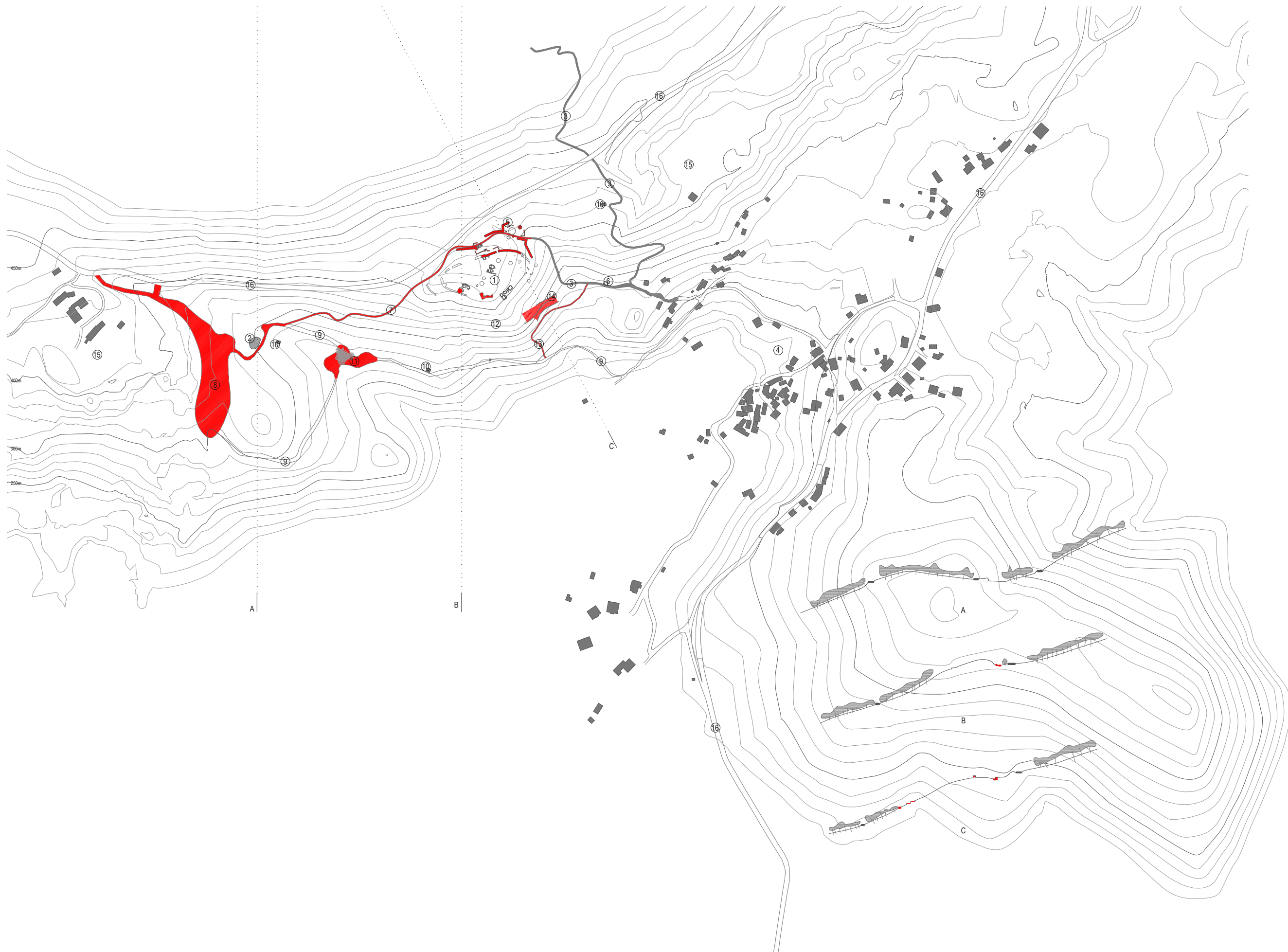
*'The quality of architecture does not lie in the sense of reality that it expresses, but quite reverse, in its capacity for awakening our imagination.'*¹⁶⁷

O castro do Crastoeiro é sinónimo de Lugar no qual as diversas materialidades da história se conjugam. Neste sentido, a intervenção contemporânea compreende-se como mais uma ocupação que enuncia o olhar atual sobre o mesmo, o monumento. É ela mote para uma nova interpretação deste Lugar em consonância com a sua biografia em que rede de percursos que se propõe, possibilita ao visitante interpretações e circulações variadas, espontâneas, no sentido de se embrenhar pelo território e o (re)descobrir na sua espessura temporal. Visa primordialmente a construção de um abrigo que permita recolher o visitante e o convida ao entendimento deste legado.

O projeto pretende ligar, não só pela proximidade mas também pelas similitudes, o castro do Crastoeiro (1) e a estação rupestre de Campelo (2). Nesse sentido, após reconhecimento dos caminhos existentes, propõe-se a limpeza da calçada (3) que da aldeia de Campos (4) sobe até à mina do Crastoeiro (5) e bifurca em direção ao cume do Monte Farinha, sendo este percurso assinalado no concelho. Valoriza-se o antigo acesso pedonal, mantido para quem chega de Mondim de Basto, acompanhando a linha de água existente, recolhida num tanque agrícola (6) à margem do caminho. Liga-se, ainda, esta calçada com o caminho que se constituía pelo fosso, entretanto destruído, redesenhado neste projeto, que virá a engatar com a reabertura de um troço, hoje apagado, entre os dois Lugares (7). Este eixo constituir-se-á como principal rota de circulação da proposta. Nas proximidades de Campelo, nomeadamente, em zona abandonada pela pedreira, com blocos graníticos ali esquecidos, implanta-se o estacionamento (8), integrando esta realidade e suas marcas no local. Esta localização determina um certo afastamento ao Crastoeiro possibilitando uma aproximação mais lenta e consequente melhor apreensão do Lugar na paisagem, nomeadamente na topografia. Campelo apresenta-se assim, para quem chega de automóvel, como Lugar de entrada nestes percursos e para quem o alcança a pé, a partir do castro, como rótula que reenvia de volta em direção à aldeia de Campos ou ao cume do Monte Farinha percorrendo um caminho alternativo ao anterior.

Esta outra possibilidade de percurso (9), pré-existente e em terra batida, é mais suave por acompanhar de nível o terreno. Intercala-se com duas construções vernaculares em estado de ruína (10), das quais se propõe a limpeza e manutenção enquanto tal, condensando o tempo de memórias idas em imagem pitoresca e que se entendem como possíveis pontos de paragem. O caminho conduz a uma clareira (11), onde, como âncora, se mantém um antigo carvalho que se destaca da demais arborização. Ao percorrer este tramo toma-se contacto visual com a paisagem de enormes blocos graníticos que constituem parte do sistema de defesa natural do Crastoeiro (12) (tendo até um desses penedos rolado pela vertente ficado a interseção da via). Em determinado ponto, existe a possibilidade de tomar outra direção que não a da aldeia, um carreiro (13), também reabilitado devido à sua degradação, retornando ao início da subida pela calçada ao Crastoeiro. Sensivelmente a meio, este percurso atravessa a localização dos socacos agricultáveis abandonados (14) nos quais é proposto realizar, em articulação com a população de Campos, a plantação de culturas como o trigo, em estudo realizado, comprovadas para o local na Idade do Ferro, expondo nesta intervenção dados para a leitura e interpretação do Lugar.





- LEGENDA:
- 1. Castro do Crastoeiro
 - 2. Estação rupestre de Campelo
 - 3. Calçada das pegadinhas
 - 4. Aldeia de Campos
 - 5. Mina do Crastoeiro
 - 6. Tanque agrícola
 - 7. Troço de percurso reaberto
 - 8. Estacionamento
 - 9. Caminho em terra batida
 - 10. Construções vernaculares em ruína
 - 11. Clareira
 - 12. Sistema defensivo natural do Crastoeiro
 - 13. Carreiro reaberto
 - 14. Socalcos agrícolas abandonados
 - 15. Pedreiras
 - 16. Estradas principais asfaltadas

LXVI
Perspetiva fotográfica, cons-
trução vernacular junto de
Campelo



LXVII
Perspetiva fotográfica,
tanque agrícola junto da cal-
çada que ascende de
Campos ao Crastoeiro

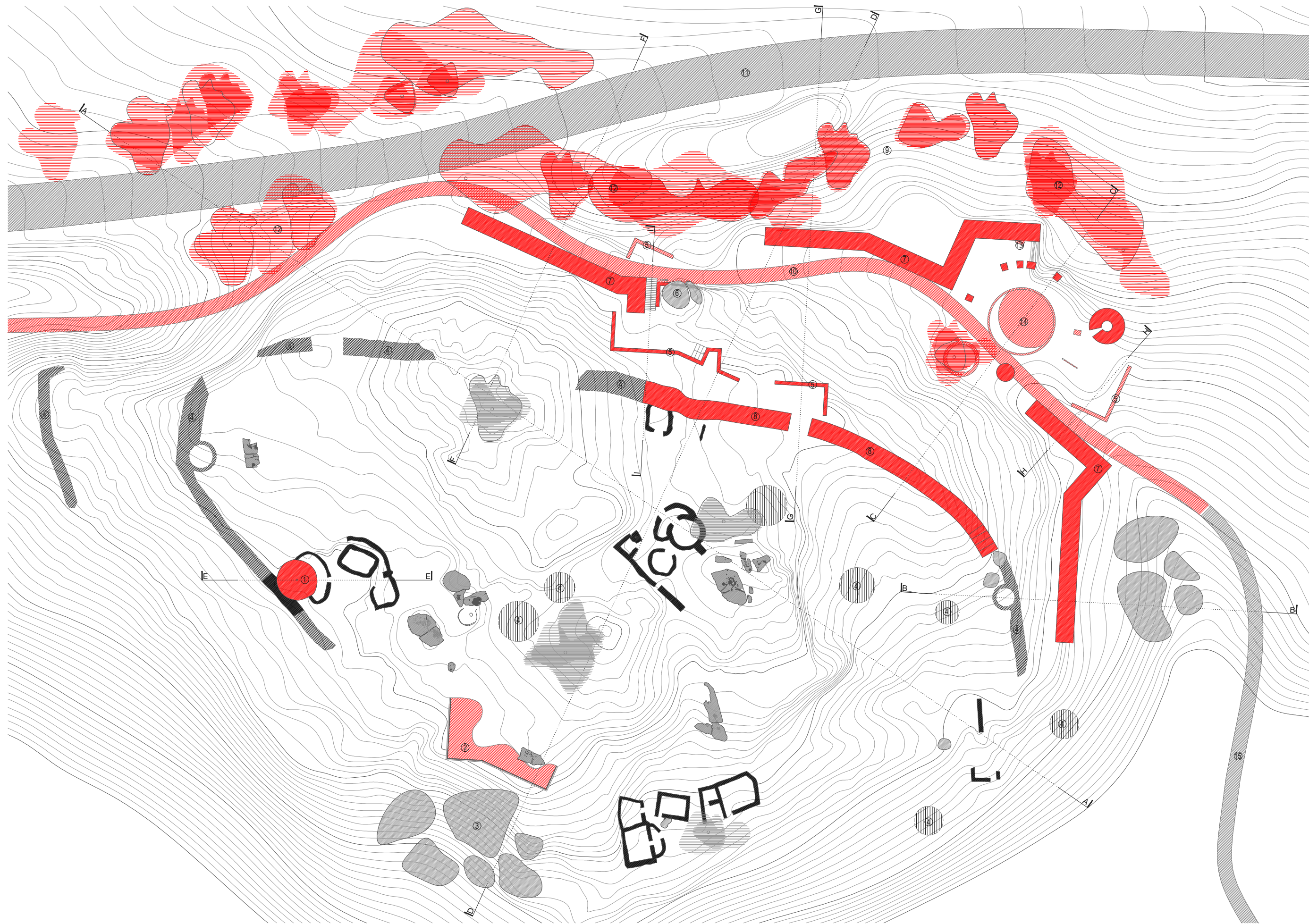


Numa aproximação ao castro, o projeto intenta dotar o Lugar de dispositivos arquitetónicos que o permitam explicar-se, desígnio aliás de toda a intervenção. Neste caso pretendeu-se sobretudo, a requalificação da vertente nascente, profundamente alterada pela extração de saibro que terá destruído o fosso primitivo, porém, contando ainda com algumas intervenções no interior do povoado. Tomou-se como mote para o desenho e até concetualmente, uma ideia de fragmentação, muito presente nos vestígios arqueológicos que mais não são que partes de um todo entretanto desaparecido encontrando-se apenas subjacente, assumindo-se assim os vários gestos como autónomos, ainda que, sem nunca negar um princípio comum.

Seguindo a lógica da autoexplicação do Lugar, no interior do castro, o projeto visa a (re)construção de uma habitação (1), oferecendo uma perspetiva tipo-morfológica da casa castreja, e a construção de um varandim (2) sobre o 'caos de blocos' do sistema defensivo natural (3), explicitando o domínio e controlo visual do território tão importantes a esta cultura e potenciando a sua interpretação. A par destas estruturas mais demarcadas, propõe-se a recolha de derrubes pétreos e a sua deposição sobre os vestígios de estruturas (4) identificados neste trabalho, marcando a sua existência e localização, reconhecendo-os e tornando-os reconhecíveis.

Na requalificação da vertente nascente, que, após a abertura do caminho pela pedreira, se passa a constituir como principal acesso ao interior do povoado, procurou-se interpretar o crescimento dos povoados através de novas linhas de muralha, entendendo a obra contemporânea como complementar da pré-existência, porém distinta, enquadrada numa lógica de continuidade. Assim, criam-se muros adossados ao terreno (5) que o geometrizam e oferecem diversos espaços, desmontando o acesso direto aberto pela pedreira, ainda que mantendo as suas marcas na rocha. Pretende-se uma subida mais progressiva e indireta, que tira partido das condições topográficas de alguns elementos, como é o caso de um grande penedo suspenso (6) por cima do vestígio do fosso, e do caminhar junto da face da muralha. Três destes novos elementos destacam-se, adotando a espessura média da muralha, 2,5m (7), permitindo entender, de uma perspetiva elevada, uma reverberação contemporânea, do Crastoeiro. No sentido de retomar alguma da monumentalidade e retórica do povoado e permitir a quem o visita perceber a presença destas estruturas, propõe-se a (re)construção, de um troço de muralha pré-existente (8) que delimita o novo espaço.





LEGENDA:

1. Reconstrução de habitação castreja
2. Varandim
3. Sistema defensivo natural
4. Vestígios de estruturas
5. Muros em betão (com inertes locais) 0.50m
6. Penedo suspenso
7. Muros em betão (com inertes locais) 2.50m
8. (re)Construção da muralha
9. Reposição da topografia
10. Caminho em saibro
11. Via asfaltada
12. Mancha de carvalhos
13. Entrada para a mina do Crastoieiro
14. Abrigo
15. Calçada

Esta proposta prevê ainda a reposição da topografia original (9), o que permite, em articulação com os muros, reinterpretar o que outrora foi o fosso, por onde ainda hoje se faz o percurso (10), trazendo assim à luz mais um elemento importante na leitura do Lugar.

Planta-se entre o castro e a via asfaltada (11) uma mancha de carvalhos (12), comprovada vegetação endêmica que vai ainda resistindo pontualmente na paisagem. A intenção é que esta funcione como filtro que distancia e controla o impacto visual da estrada. Já aquando da limpeza do castro se mantiveram, no seu interior e envolvente próxima, árvores como o carvalho, o sobreiro e o medronheiro, todas elas comprovadas para a Idade do Ferro. Nesta intervenção apenas se mantêm aquelas que pela sua localização se encontram espacialmente bem enquadradas. Este tipo de vegetação, de folha caduca, é animada pelas estações permitindo-lhe transformar-se sazonalmente o que confere uma medida temporal da ação natural sobre o Lugar.

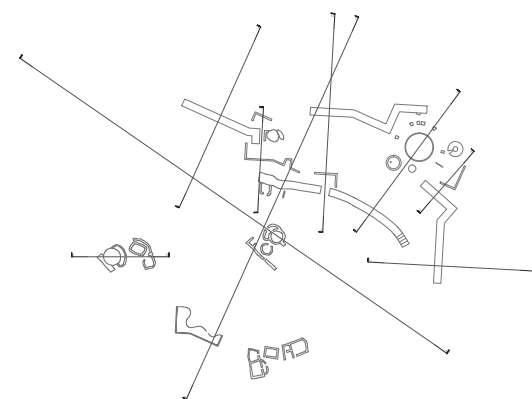
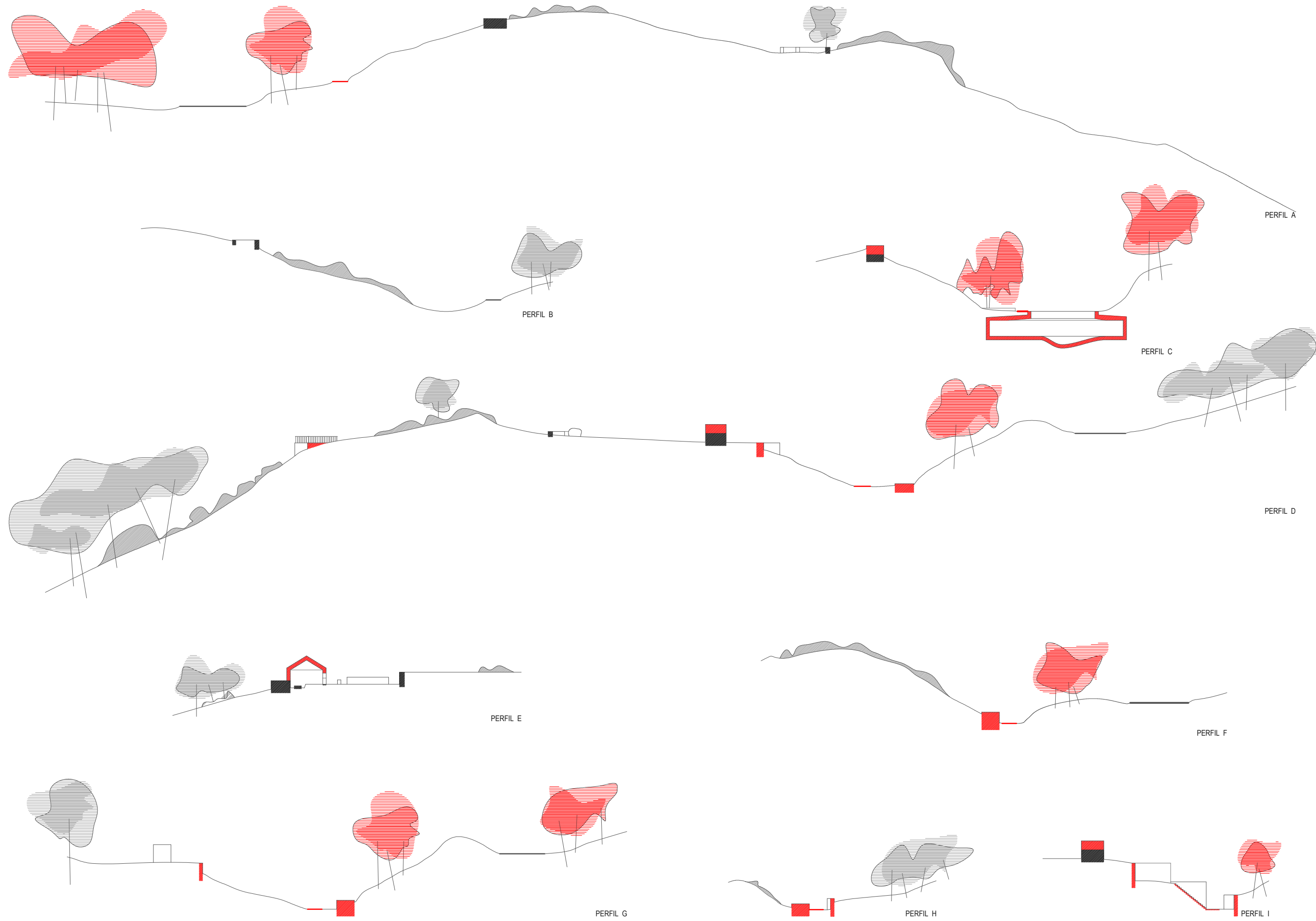
Desenha-se uma entrada para a mina (13), mais denunciada, rasgada num muro da intervenção contemporânea, agarrando-a ao projeto e acentuando a ideia de corredor subterrâneo.

O material empregue em todas estas intervenções no castro e transversal aos diversos gestos, é um betão realizado à base de inertes locais. São eles o saibro, que existe em abundância, e desperdícios das pedreiras próximas, que podem ser transformados em brita evitando que se acumulem sem uso no território. Este material, que em muito bebe influências nos nódulos de argila encontrados nos fundos de cabana, combina a construção com a própria matéria e realidades do sítio, porém, cunhada pelo seu tempo, contemporâneo. Conforme as exigências estruturais, o traço desta argamassa pode variar, divergindo a construção entre a quase exclusividade do saibro, construção em terra, e o betão armado mais convencional, sendo que testes por parte da engenharia seriam necessários.



LXIX
Perspetivas fotográficas,
provetes do material proposto
(betão com inertes locais)

LXX
Desenho de projeto, perfis
de intervenção no Crastoeiro
a vermelho intervenção contemporânea
escala 1/500



LXXI
perspetiva fotográfica, vista geral da
vertente nascente do Crastoeiro,
maqueta



Em Lugar especial, devido à sua importância não só para a sobrevivência do povoado mas também como o parece ter sido para a arte rupestre, implanta-se o abrigo. É este junto da mina do Crastoeiro e pretende expor o elemento água, tornando-o central também na atualidade.

O programa que aqui se propõe, tem como objetivo denunciar o significado primordial do castro e permitir ao visitante um estar temporalmente mais dilatado no sítio, conduzindo a um melhor entendimento através da experimentação do Lugar. Este abrigo, onde é possível pernoitar, poderá funcionar não só para quem visita o Crastoeiro e Campelo mas, também outros Lugares na paisagem, nomeadamente o santuário da Sr.^a da Graça.

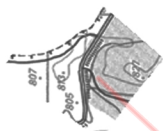
Tomando como ponto de partida a condição mágica da arte rupestre e a sua possível relação dialética entre o mundo celestial e a paisagem terrena, a implantação do abrigo é enterrada, inserido nas entranhas do terreno num gesto telúrico e simbólico.

A forma oval, ainda que remetendo aos fundos de cabana e outras construções castrejas, não pretende ser mimética mas antes imbuir o espaço de uma certa simplicidade espacial primária. Orienta-se geometricamente no eixo maior, entre o cume do Monte Farinha e o ponto de cota mais elevado do casco histórico de Mondim de Basto (onde existem também marcas rupestres ainda sem interpretação clara) e é intersetada por diversos eixos, georreferências, que marcam a paisagem e se constituem como importantes Lugares que desenham elementos excecionais: o eixo de Crastoeiro constrói um espaço em negativo no qual se planta uma figueira, árvore singular, cujos frutos estão documentados no povoado à Idade do Ferro; o eixo de Campelo desenha o acesso vertical, a escada e a torre, elemento que conduz ao âmago do terreno; O povoado Calcolítico de Sobreira, a necrópole megalítica do Campo do Seixo, o Menir da Pedra Alta, as ruínas do Alto dos Palhaços, o castro do Bezerral e o Premurado de Vilar de Ferreiros constituem outras referências que se traduzem em rasgos, marcados por tubos em aço corten, cuja altura é determinada pela distância a esses Lugares. Estes espaços, construídos a partir de reentrâncias e saliências na parede assumem-se como observatórios individuais onde cada um se pode recolher contemplando de uma perspetiva única o cosmos que liga todos esses Lugares mágicos. Esta geometria construtiva do edifício integra a paisagem no abrigo como se de um mapa se tratasse, estabelecendo e enunciando assim relações de escala mais alargada que contextualizam o castro no território.

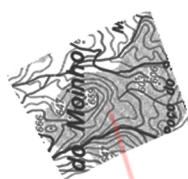
Todo o espaço se desenvolve em torno da relação fundamental entre o óculo, que se abre para os astros, realidade ainda se partilha com os que ali habitaram, e a depressão onde se recolhe água, à semelhança de uma enorme covinha ou uma das pias rupestres que deram mote à sua formalização. Este diálogo entre o rasgo na cobertura e a superfície aquífera faz com que os elementos naturais, tão importantes aos santuários primitivos se manifestem em diferentes ambiências espaciais. De noite as estrelas refletem-se e de dia as nuvens e os brilhos do sol repousam na água. A chuva, o vento, o mundo natural manifesta-se, neste diálogo entre o Céu e a Terra em aproximação às gentes que aqui Habitaram sendo a água o seu catalisador.



Necrópole megalítica do Campo do Seixo



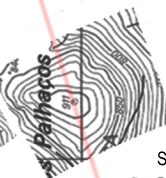
Castro do Bezerral



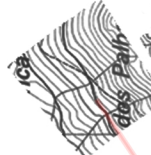
Premurado de Vilar de Ferreiros



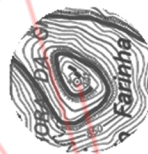
Alto dos Palhaços



Menir da Pedra Alta



Santuário da Sr.^a da Graça



Povoado Calcolítico de Sobreira



Castro do Crastoeiro



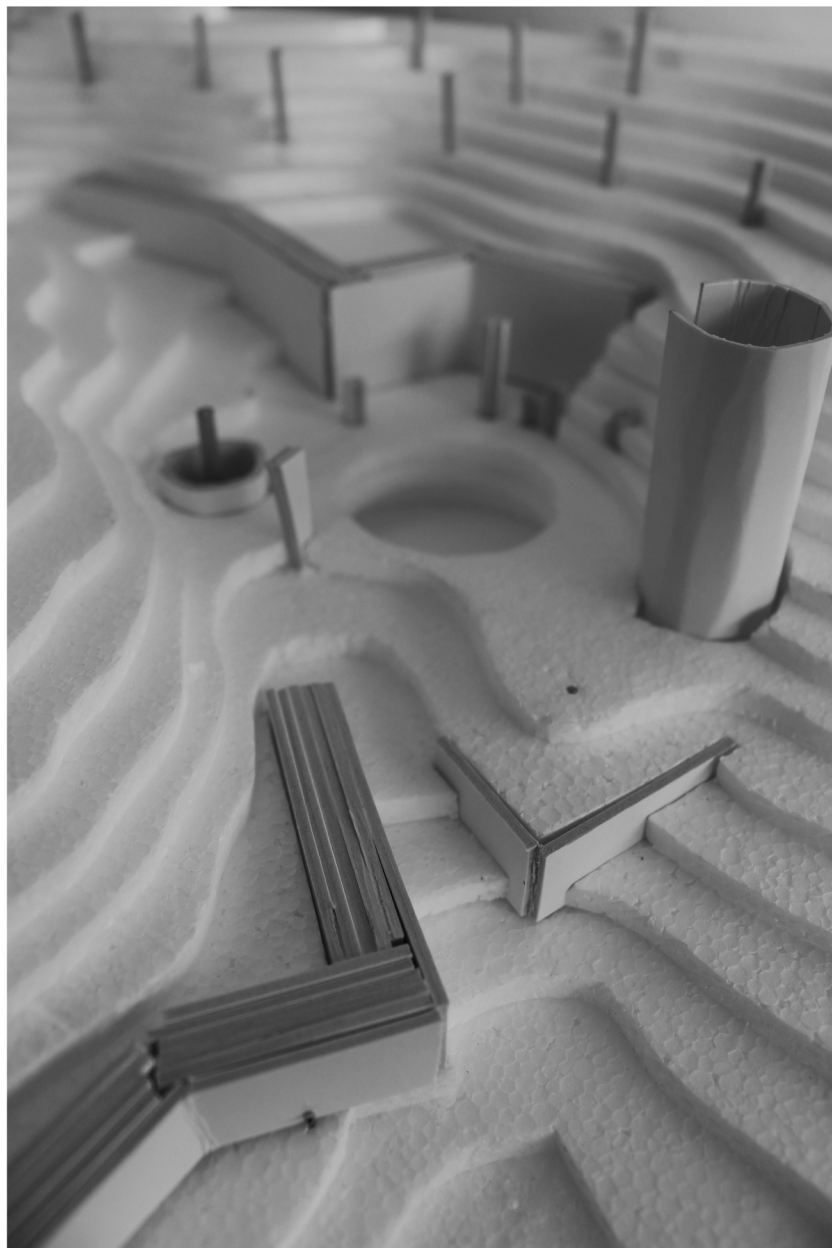
Estação rupestre de Campelo



Mondim de Basto

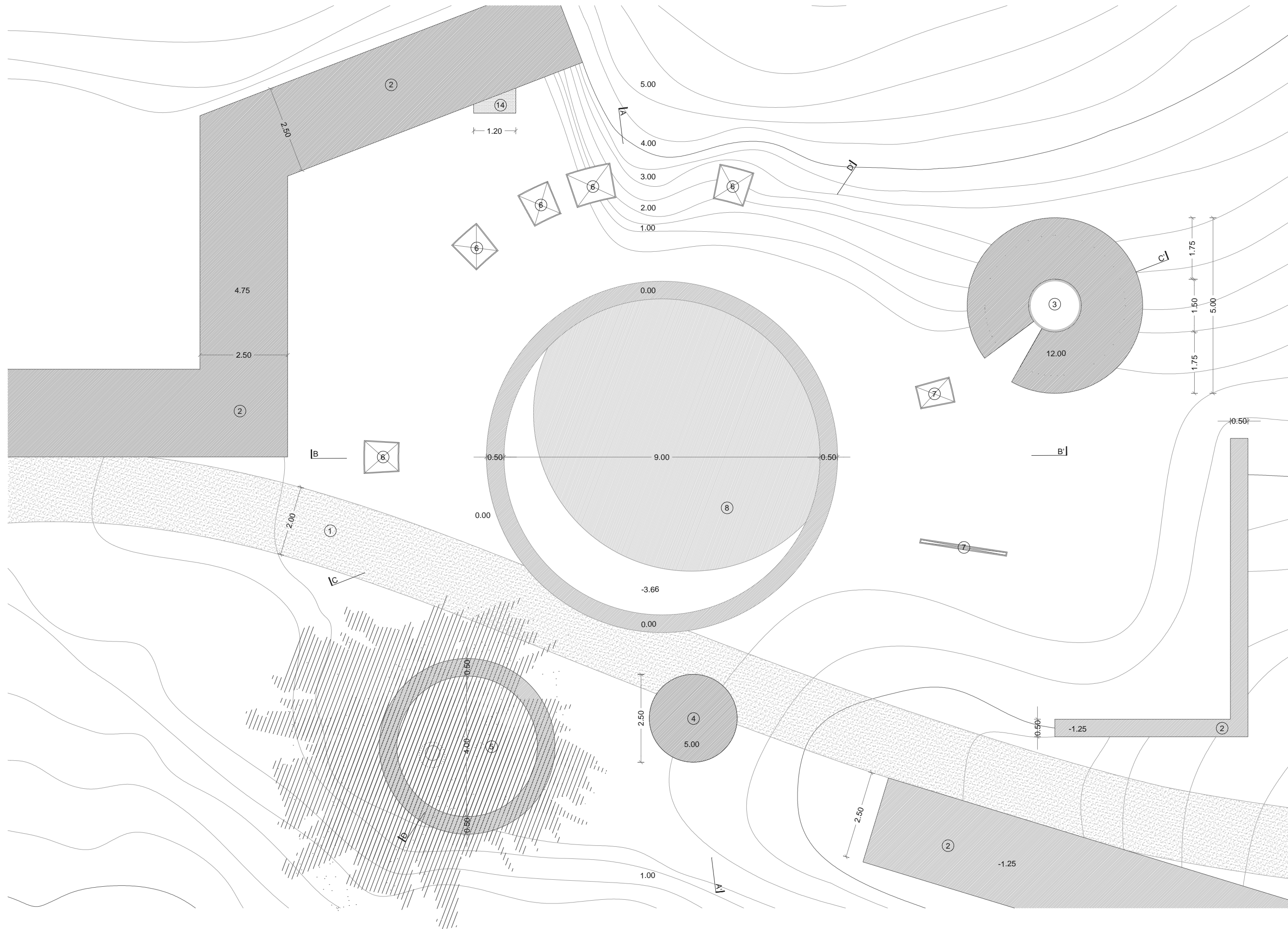


LXXIII
Perspetiva fotográfica, co-
bertura do abrigo, maquete

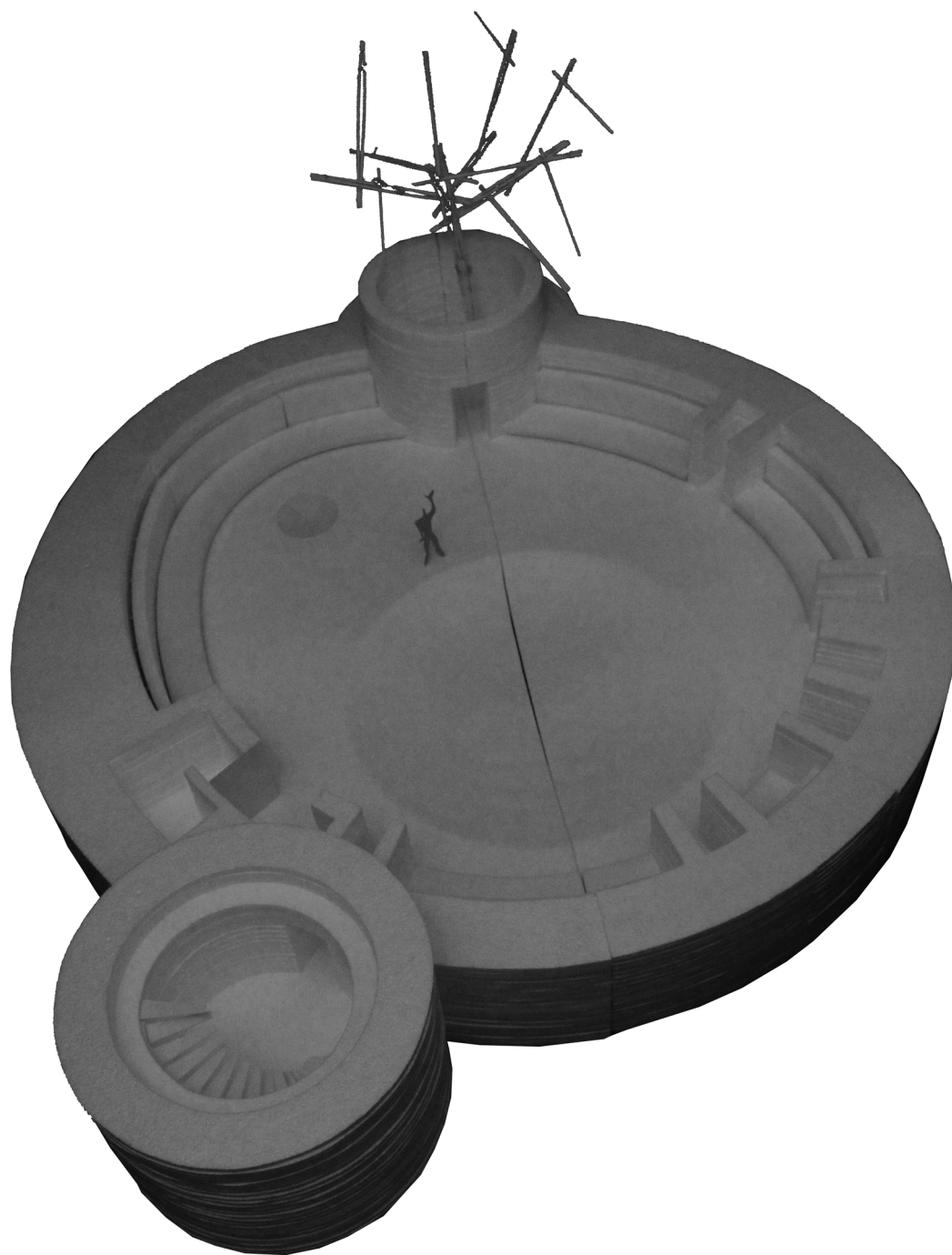


LXXIV
Desenho de projeto, planta
de coberturas do abrigo
escala 1/100





LXXV
Perspetiva fotográfica, piso
inferior do abrigo, maquete



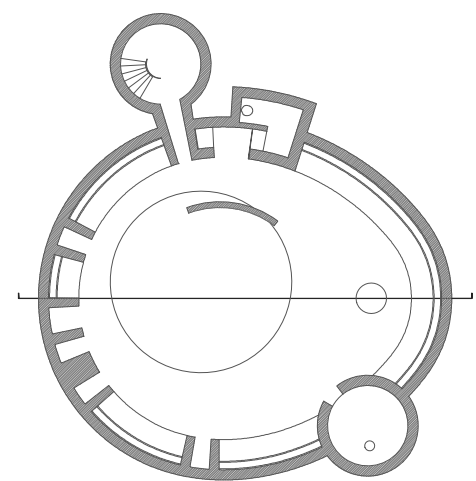
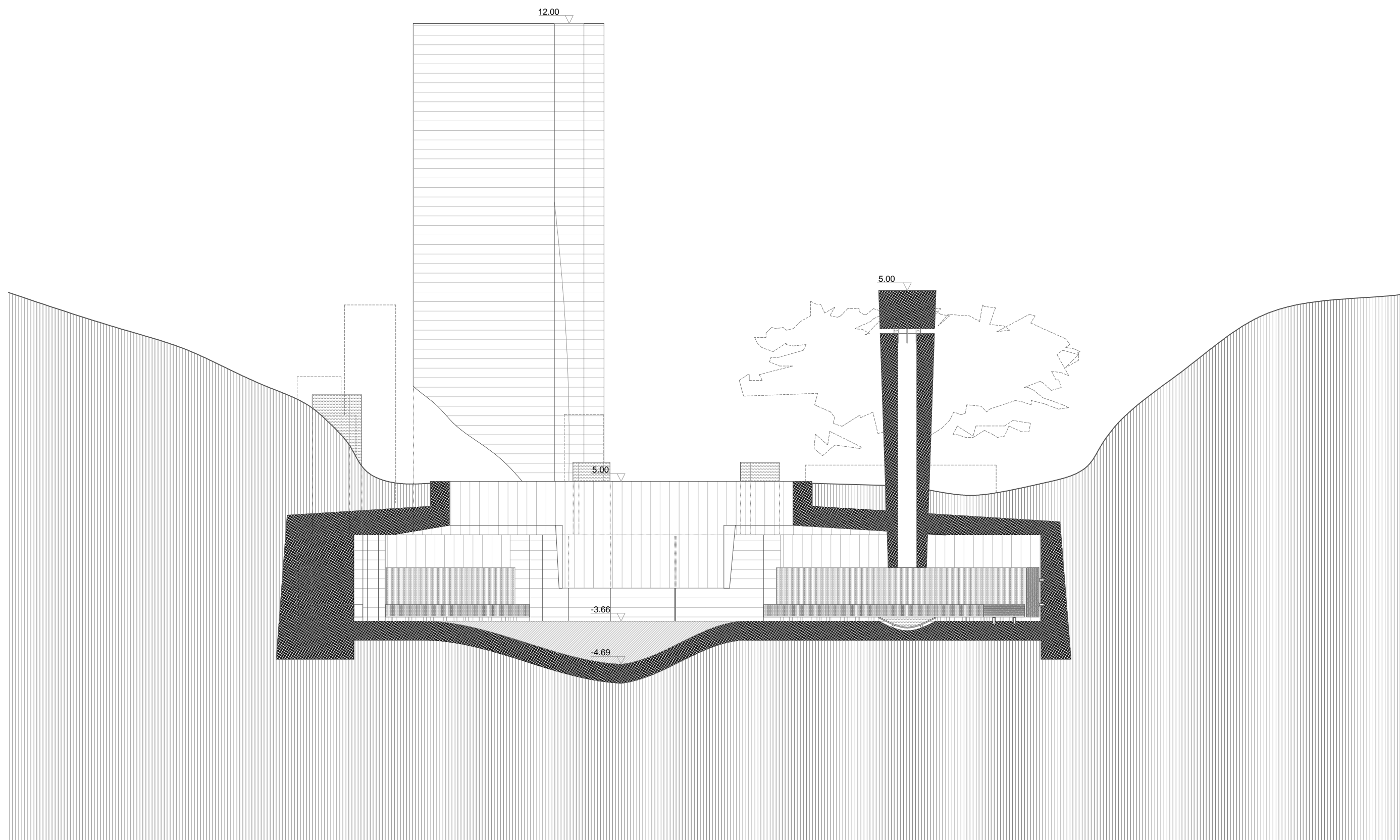
LXXVI
Desenho de projeto, planta
do piso inferior do abrigo
escala 1/100



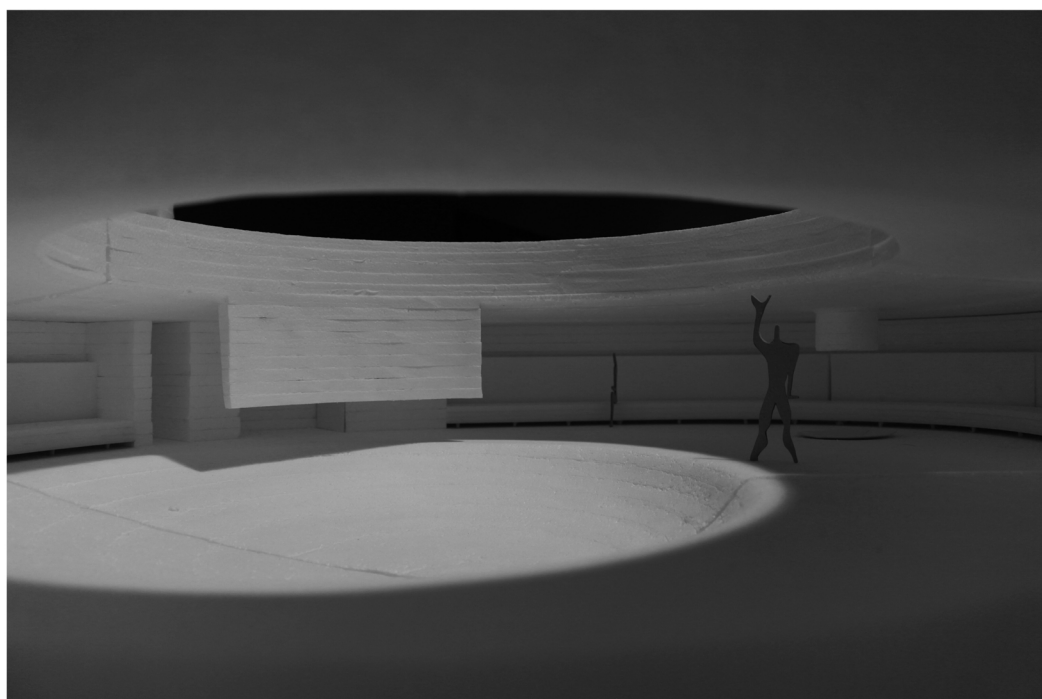
LXXVII
Perspetiva fotográfica, interior do abrigo 1, maquete



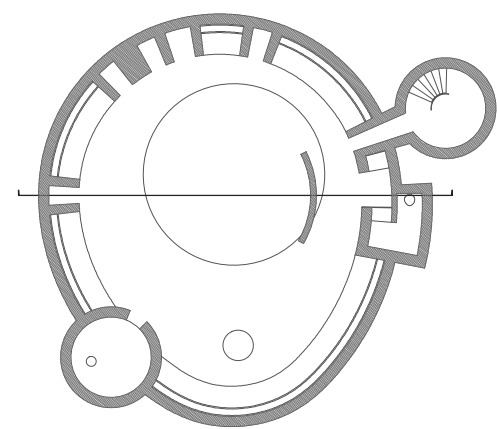
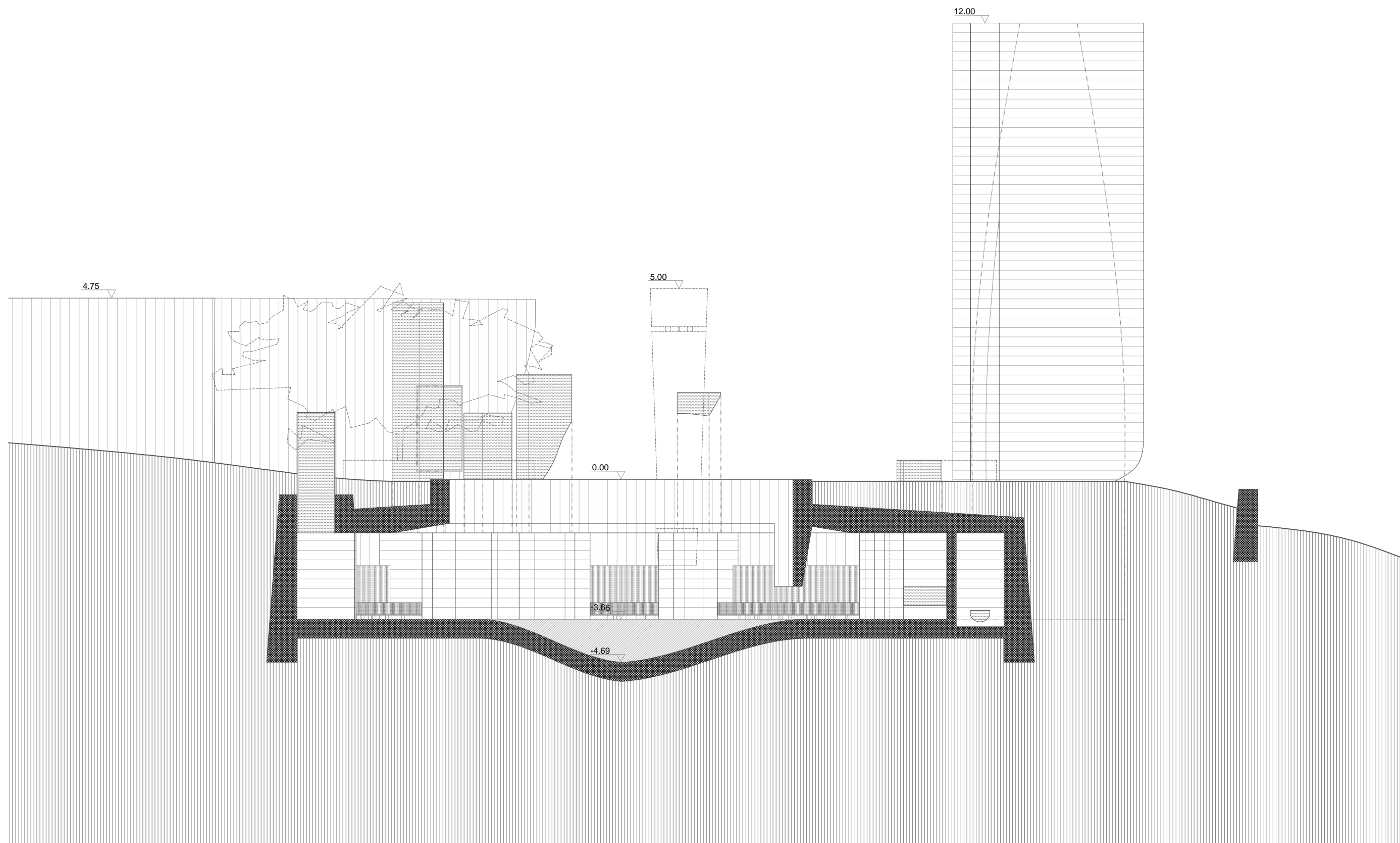
LXXVIII
Desenho de projeto, corte
AA' do abrigo
escala 1/100



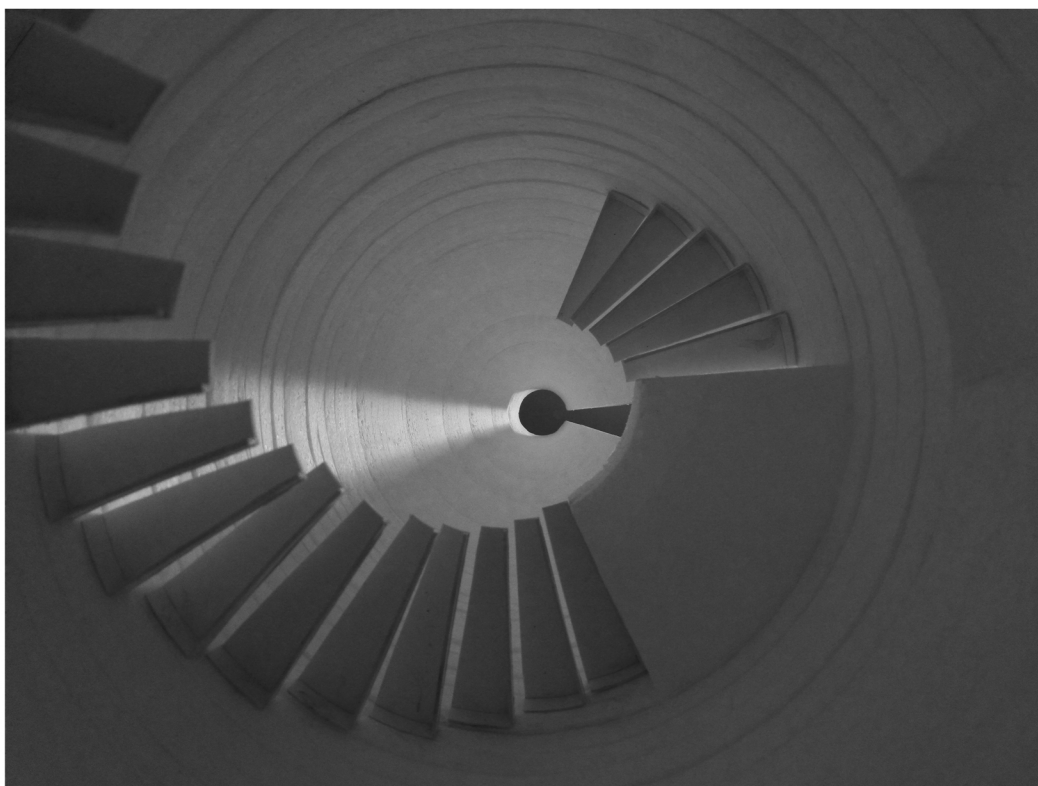
LXXIX
Perspetiva fotográfica, interior do abrigo 2, maquete



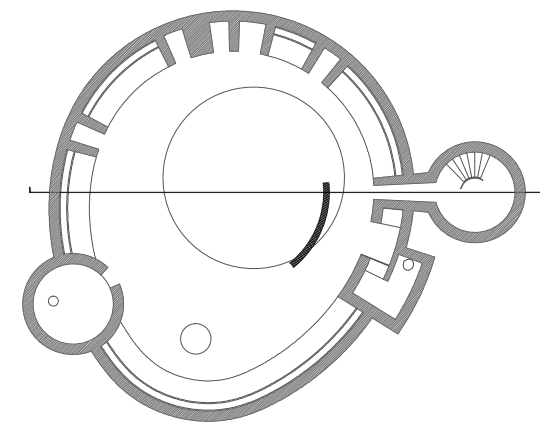
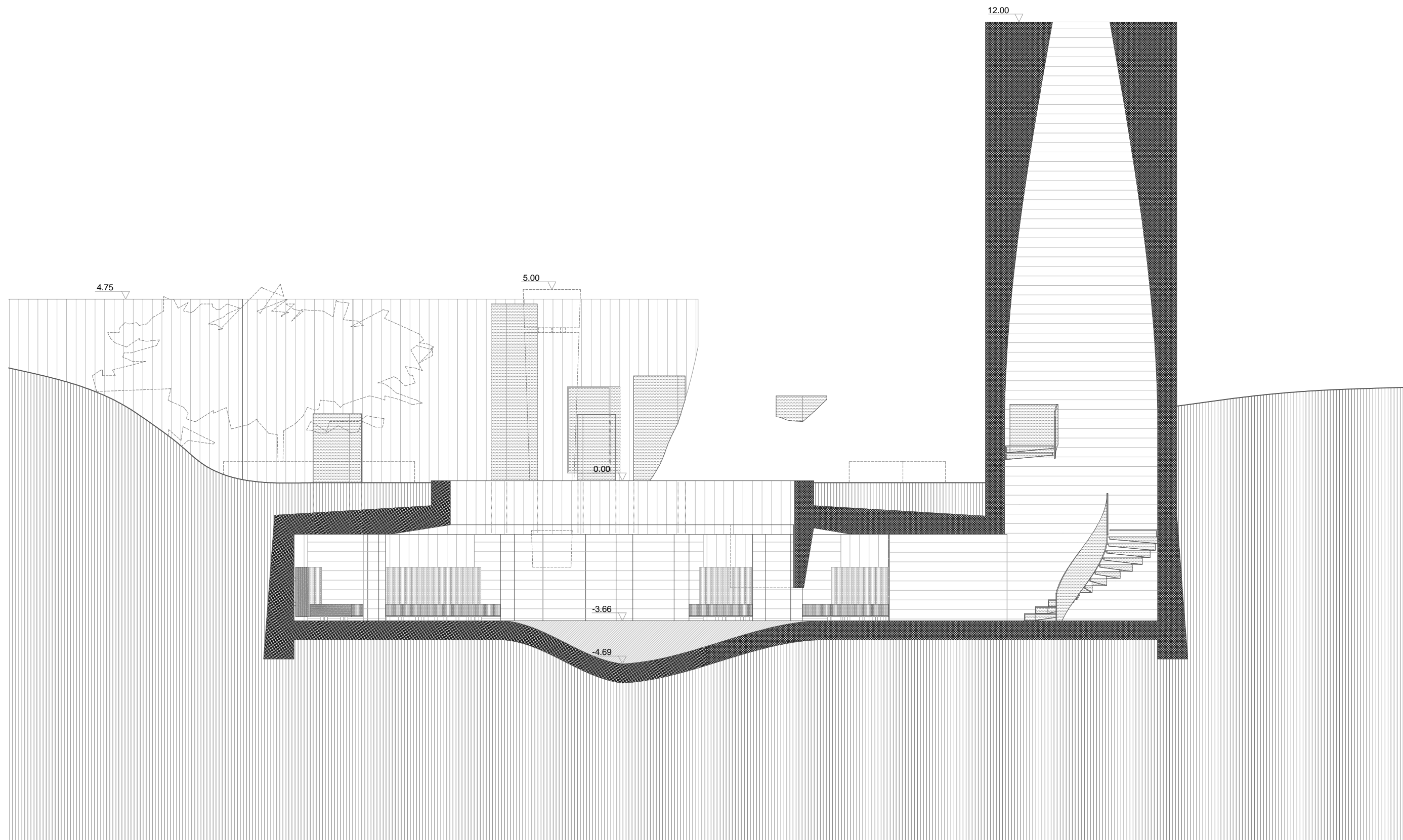
LXXX
Desenho de projeto, corte
BB' do abrigo
escala 1/100



LXXXI
Perspetiva fotográfica, inte-
rior da torre, maqueta



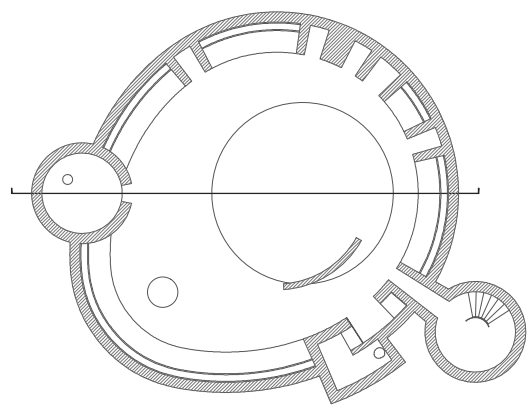
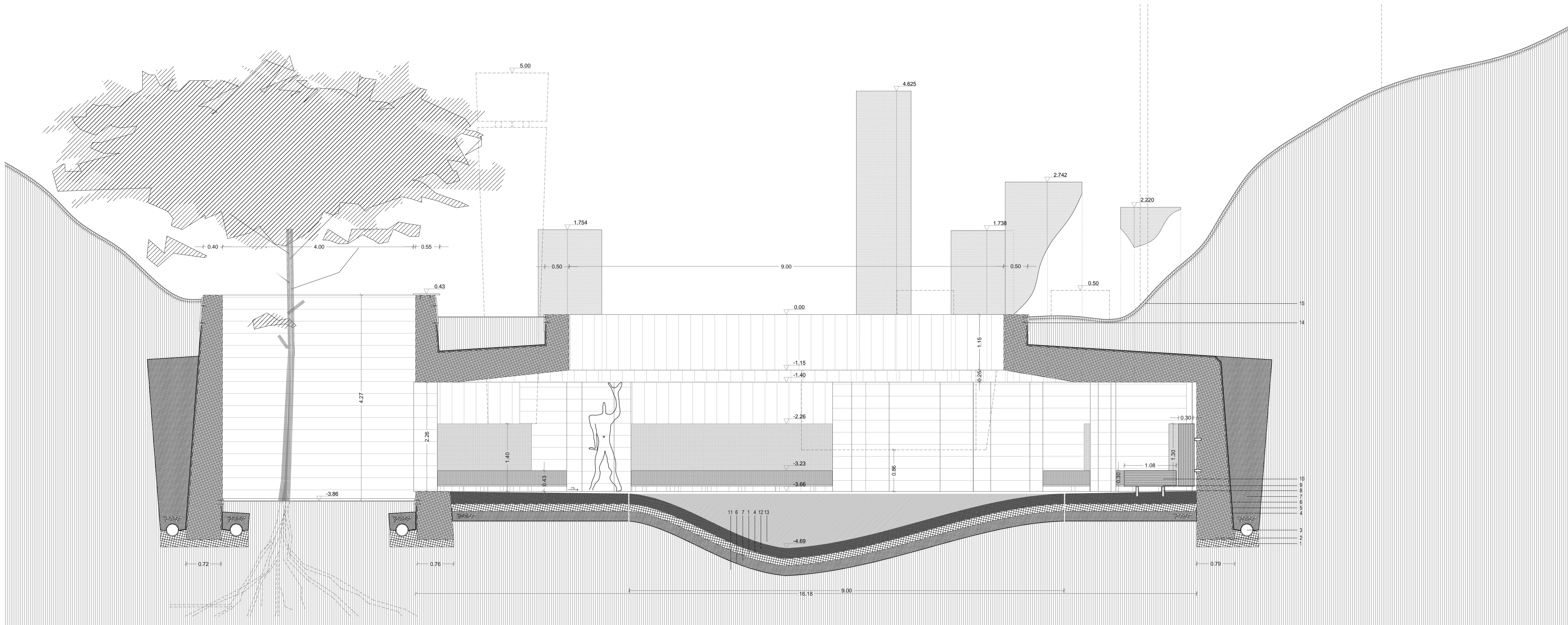
LXXXII
Desenho de projeto, corte
CC' do abrigo
escala 1/100



LXXXIII
Perspetivas fotográficas,
secção construtiva, maquete



LXXXIV
Desenho de projeto, corte
construtivo DD' do abrigo
escala 1/50



- LEGENDA:
1. Betão de limpeza/camada de forma
 2. Betão (com inertes locais) armado
 3. Dreno
 4. Impermeabilização
 5. Mantas drenante
 6. Geotêxtil
 7. Gravelha
 8. Suporte tubular, aço corten
 9. Chapa, aço corten
 10. Aglomerado negro de cortiça
 11. Solo
 12. Betão (com inertes locais) hidrófugo
 13. Água
 14. Chapa vedante, aço corten
 15. Geogrelha

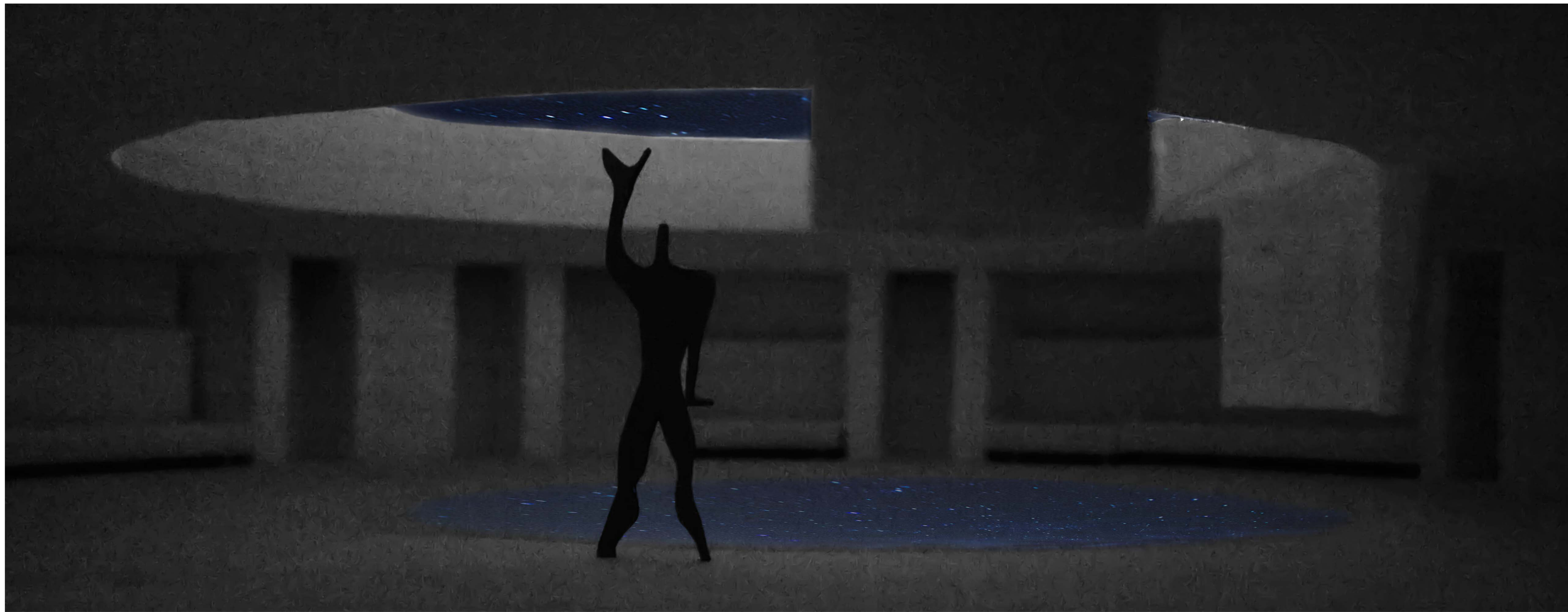
Em torno do espaço central, perimetralmente, existe um banco corrido em cortiça, adquirindo algum conforto, elemento de reunião onde se dorme ou simplesmente se está, apenas intersetado pelos elementos excepcionais. Pode encontrar paralelos tipológicos na Casa do Concelho. Em área mais ampla deste espaço, localiza-se o fogo, com uma depressão no pavimento onde se insere um fogareiro. Agregam-se neste projeto o fogo, a água, o céu e a terra, cada um destes elementos contribuindo para o desenho, mas sobretudo para a atmosfera, deste abrigo.

Estabelece-se, em contraponto ao Homem pré e proto-histórico, o sistema modulator como base métrica do espaço interno do abrigo.

A cobertura, percorrível, assume-se como ruína contemporânea, desenhada e construída, caracterizando-se fundamentalmente por elementos verticais, que delimitam um espaço vital, onde a presença da torre assume especial importância pela sua escala, marcando o sítio, o seu caráter. Esta torre apresenta-se como elemento de ligação, de acesso ao espaço interino, através de uma escada, sendo a porta do edifício. A forma espacial que a caracteriza remete às primeiras construções do povoado, as cabanas, que ocuparam grande parte da sua existência. Outros elementos marcam também a sua presença. São eles os tubos, com as diversas alturas correspondentes, a chaminé, alguns rasgos de luz, o óculo central e as paredes do pátio à cota baixa que formam um banco sobre o qual a copa da figueira se alarga. Em projeção horizontal, de modo abstrato, estes elementos constroem uma gravura aparentemente sem sentido mas que codifica a paisagem.

Os materiais empregues, uma vez mais, relacionam-se diretamente com o Lugar. São eles o betão com inertes locais, já referido, sendo que agora se apresenta como um betão armado mais convencional pela maior resistência. O aço corten, pela sua relação com o trabalho do ferro tão precocemente documentado neste povoado, e a cortiça, proveniente dos sobreiros endémicos, a qual era já utilizada à Idade do ferro para impermeabilização de fossas de armazenamento de cereais. Nesta tectónica mesclam-se as realidades passadas e quotidianas, entendendo a história como contínua e não um livro fechado.

Transversalmente a todas as escalas e intervenções, de caráter mais autónomo ou não, o projeto, na sua globalidade bebe influência do Lugar apreendendo-o e expressando-o nos seus gestos. Incorpora interpretações sobre este, condensadas nas diversas materialidades, expondo-as e potenciando os seus significados. Através da intervenção acrescenta-se uma nova camada de significado que contribui para o palimpsesto e identidade do sítio, oferecendo contemporaneamente uma leitura do Lugar.



¹ SIZA VIEIRA, Álvaro - *01 textos*. Porto, 2009, p.317

² COSTA, Alexandre Alves - *A Arquitectura Escreve a sua Própria Paisagem*, 2005, p.17

³ GREGOTTI, Vittorio - *Territory and Architecture*, 1985, p.342

⁴ NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, 1991, p.5

⁵ '(...) A arquitectura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente do vazio, do espaço (...) em que os homens andam e vivem.' In ZEVI, Bruno - *Saber Ver a Arquitectura*, 2011, p.18

⁶ '(...) O espaço não somente é o protagonista da arquitectura, mas esgota a experiência arquitectónica, e que, por conseguinte, a interpretação espacial de um edifício é suficiente como instrumento crítico para julgar uma obra de arquitectura.' In Idem, p.25

⁷ '(...) Parece poder deduzir-se uma característica fundamental do espaço organizado: a sua continuidade.' In TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço*, 2008, p.18

⁸ O corpo humano compreende um conjunto de mecanismos que lhe possibilitam relacionar-se com o meio, analisá-lo e responder-lhe. O que permite esta estreita ligação com o mundo são, o que vulgarmente se designa por, os cinco sentidos, sendo eles o tato, o olfato, o paladar, a audição e a visão. Cada um destes sentidos está intimamente ligado a um tipo de sensor específico que funciona como recetor, captando o estímulo da envolvente, que de seguida é transformado em impulso nervoso e conduzido ao cérebro através dos neurónios, que desencadeará uma resposta. Basicamente assim se processa.

⁹ 'The experience (...) is an interaction between our embodied memories and our world.' In PALLASMAA, Juhani - *The Geometry of Feeling: A Look at the Phenomenology of Architecture*, 1986, p.450

¹⁰ 'O sítio é um pressuposto. Não existe o sítio. O sítio é um instrumento. (...) O sítio é aquilo que se quer que ele seja. Tentou-se "vender" o sítio como entidade objectiva, com frases como: "a solução está no sítio." A solução está na cabeça das pessoas. (...) O sítio é coisa mental.' In TRIGUEIROS, Luiz - *Eduardo Souto Moura*, 1994, p.28

¹¹ 'Uma denominação para isto é a atmosfera. (...) Entro num edifício, vejo um espaço e transmite-se uma atmosfera e numa fracção de segundo sinto o que é.' In ZUMTHOR, Peter - *Atmosferas*, 2009, p.11 et seq.

¹² 'Sou eu. Estou ali sentado, uma praça ao sol, uma arcada grande, longa, alta e bonita ao sol. A praça (...) como panorama à minha frente. A parede do café nas minhas costas. A densidade certa de pessoas. Um mercado de flores. Sol. Onze horas. A parede do outro lado da praça na sombra, em tons agradavelmente azuis. Sons maravilhosos: conversas próximas, passos na praça, pedra, pássaros, um leve murmúrio da multidão, (...). A temperatura: agradavelmente fresco, com calor. Estou sentado na arcada num sofá estofado em verde mate (...).' In Idem

¹³ Idem

¹⁴ 'A place is therefore a qualitative "total" phenomenon which we cannot reduce to any of its spatial relationships, without losing its concrete nature out of sight.' In NORBERG-SCHULZ, Christian. Op. Cit., p.8

¹⁵ '(...) Human beings inhabit discursive worlds of culturally constructed significance, laid out upon the substrate of a continuous and undifferentiated physical terrain.' In INGOLD, Tim - *Building, dwelling, living: How animals and people make themselves at home in the world*, 2000, p.172

¹⁶ TRIGUEIROS, Luiz. Op. Cit., p.28

¹⁷ '(...) A organização do espaço, tendo de satisfazer e atender à circunstância, não é por esta «fatalmente determinada» (...) e de saber ainda que uma vez organizado espaço constitui igualmente circunstância.' In TÁVORA, Fernando. Op. Cit., p.24

¹⁸ 'The presence of architecture - regardless it's self-contained character - inevitably creates a new landscape. This implies the necessity of discovering the architecture which the site is seeking.' In ANDO, Tadao - *Toward New Horizons in Architecture*, 1991, p.461

¹⁹ '(...) Quality in buildings and towns cannot be made, but only generated, indirectly, by the ordinary actions of the people, just as a flower cannot be made, but only generated from the seed.' In ALEXANDER, Christopher - *The Timeless Way of Building*, 1979, p.157

²⁰ 'When man dwells, he is simultaneously located in space and exposed to a certain character. The two psychological functions involved, may be called "orientation" and "identification". To gain existential foothold man has to be able to *orientate* himself; he has to know *where* he is. But he also has to *identify* himself with the environment, that is, he has to know *how* he is a certain place.' In NORBERG-SCHULZ, Christian. Op. Cit., p.19

²¹ 'We do not dwell because we have built, but we build and have built because we dwell, that is, because we are *dwellers*.' in HEIDEGGER, Martin - *Building, Dwelling, Thinking*, 1997, p.102

²² 'The existential purpose of building (architecture) is therefore to make a site become a place, that is, to uncover the meanings potentially present in the given environment.' In SCHULZ, NORBERG-SCHULZ, Christian - *The Phenomenon of Place*, 1976, p.414

²³ '(...) the task of the architect is to create meaningful places whereby he helps man to dwell.' In NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, 1991, p.5

²⁴ HEIDEGGER, Martin - *The Origin of Work of Art (extracts)*, 1997, p.119

²⁵ CÂMARA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO. Turismo, Para visitar, Senhora da Graça (Online). Mondim de Basto: CMMB. (Consult. 31 Out. 2014) disponível na internet: <URL:<http://municipio.mondimdebasto.pt>>

- ²⁶ O rio Tâmega divide nesta região o Minho de Trás-os-Montes separando dois concelhos em cada margem. Na direita, no Minho, Celorico e Cabeceiras de Basto e na esquerda Ribeira de Pena e Mondim de Basto, em Trás-os-Montes.
- ²⁷ 'O Império Visigodo não resistiu aos ataques dos Mouros comandados por Tarik. Espalhando o terror, estes avançaram "ávidos de glória", através da Galiza. Os ecos dos seus ataques chegaram ao Mosteiro de S. Miguel de Refojos, mas não mereceram crédito. Bracara Augusta caiu também nas suas mãos. Então acreditaram e prepararam-se para a defesa com uma centúria de servos e homens de armas, comandados por D. Gelmiro, o venerando abade do Mosteiro. Hermígio Romarigues, parente do fundador do Mosteiro, era o guerreiro-monge que mais se destacava pelo seu porte avantajado de grandes e possantes membros e com o rosto retalhado por mil golpes das escaramuças passadas. Postado junto à ponte que dava acesso ao Mosteiro, ao aproximar das tropas de Tarik estendeu a mão possante, assegurando: - Até ali, por S. Miguel, até ali, basto eu! E bastou! Três vezes arremeteram os mouros contra as débeis defesas do Mosteiro. Mas por três vezes foram repelidos pela espada de Hermígio Romarigues. A ponte sobre a ribeira ficou atulhada de corpos e os chefes infiéis tiveram de tratar com D. Gelmiro de igual para igual, gorando-se, deste modo, a suposta intenção de arrasarem o Mosteiro e decapitarem os monges.' In CÂMARA MUNICIPAL DE CABECEIRAS DE BASTO. Património Cultural, Estátua do «Basto» (Online). Cabeceiras de Basto: CMCB. (Consult. 31 Out. 2014) disponível na internet: <URL:<http://cabeceirasdebasto.pt/29>>
- ²⁸ O brasão do município comprova esta situação, representando um cacho de uvas vermelho ao centro, conotado com a paisagem minhota e a produção vinícola, e 8 abelhas douradas na bordadura representando uma produção característica das aldeias de montanha trasmontanas, o mel e a cera, que ainda hoje ali marcam a paisagem com inúmeros muros apiários. São em Mondim de Basto mais de meia centena, alguns ainda em uso, provando estas construções a importância do concelho como produtor em grande escala de mel e cera em épocas passadas.
- ²⁹ DINIS, António P. - *Carta Arqueológica de Mondim de Basto*, 2009, p.7
- ³⁰ Definição de Património Arqueológico segundo lei nº 107/2001 de 8 de Setembro
- ³¹ DINIS, António P. - *O Monte Farinha ou da Senhora da Graça, Mondim de Basto: interpretações para a biografia de um "lugar"*, 2008, p.86
- ³² Em forma de cruz.
- ³³ Em forma de letra.
- ³⁴ DINIS, op. cit., p.86
- ³⁵ PEREIRA, Paulo - *Coleção Enigmas. Lugares Mágicos de Portugal. Vol. I, Paisagens Arcaicas*, 2004, p.166
- ³⁶ BRADLEY, Richard - *Access, Style and Imagery: the Audience for Prehistoric Rock Art in Atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC*, 2002, p.207
- ³⁷ '(...) Tem os seus melhores exemplos situados acima do Rio Minho e em toda a Galiza e com curiosos paralelos nas ilhas britânicas.' In PEREIRA, op. cit., p.166
- ³⁸ '(...) A presença de uma ponta de seta, do Neo-Calcolítico, no interior dos sedimentos de uma fossa aberta no saibro da Idade do Ferro poderá ser indício de que, à volta das gravuras deste complexo, se desenvolveram ações durante a pré-história cujos indícios terão sido destruídos posteriormente.' In DINIS, António P.; BETTENCOURT, Ana M. S. - *A Arte Atlântica do Crastoeiro (Norte de Portugal): Contextos e Significados*, 2009, p.43
- ³⁹ '(...) The nature of local landforms did themselves both attract monuments, providing meaningful or dramatic locations, and provide a series of ideas which played some part in influencing the form of those monuments.' In SCARRE, Chris - *Introduction: situating monuments: the dialogue between the built form and landform*, 2002, p.3
- ⁴⁰ 'Unlike other prehistoric styles, Atlantic Art has more to do with emphasizing the «nature of the place» by producing «scenic spaces» in the wider landscape.' In ALVES, Lara Bacelar - *The Movement of Signs: post-glacial rock art in north-western Iberia*, 2003, p.190
- ⁴¹ Já noutro contexto também nas estações rupestres da Boucinha e da Fonte do Sapo⁴¹, a água assume papel importante. Na estação rupestre da Fonte do Sapo, a rocha insculpada encontra-se entre vários depósitos de água de abastecimento à aldeia de Paradança, enquanto na da Boucinha corre uma linha de água adjacente à rocha.
- ⁴² DINIS, António P. - *O Santuário rupestre de Campelo, Mondim de Basto (Norte de Portugal)*, 2011, p.17
- ⁴³ DINIS; BETTENCOURT, op. cit., p.43
- ⁴⁴ '(...) Foi encontrada uma pia, cortada num bloco de granito, (...) o que indicia a abordagem destes dois penedos de frente para a montanha (...).' In *Ibidem*, p.44
- ⁴⁵ *Ibidem*, p.45
- ⁴⁶ HELSKOG, Knut - *Landscapes in rock-art: rock-carving and ritual in the old European North*, 2004, p.271
- ⁴⁷ 'Atlantic art sites usually allow physical movement around the rock and motifs often appear if they were meant to be perceived in relation to features in the landscape.' In ALVES, Lara Bacelar - *Signs on a Rock Veil: work on rocks, 'prehistoric art' and identity in North-West Iberia*, 2009, p.172
- ⁴⁸ PEREIRA, Paulo - *Arte Portuguesa. História essencial*, 2011, p.78
- ⁴⁹ DINIS, op. cit., p.25

- ⁵⁰ '(...) the dominance of abstract motifs in Atlantic Art tradition, typically displayed in the open-air, would be a form of restricting knowledge to non-initiates (...).' In ALVES, Lara Bacelar - *The Movement of Signs: post-glacial rock art in north-western Iberia*, 2003, p.42
- ⁵¹ Ibidem, p.190
- ⁵² 'Access in the sense of understanding could be socially controlled, so that only certain people might have the requisite knowledge to comprehend the full significance of particular images.' In BRADLEY, op. cit., p.232
- ⁵³ 'Many rocks exhibiting Atlantic Art carvings might have been easily encountered, large audiences might have assembled around them (...).' In ALVES, Lara Bacelar - *Signs on a Rock Veil: work on rocks, 'prehistoric art' and identity in North-West Iberia*, 2009, p.178
- ⁵⁴ A picotagem consiste no bater continuamente com uma pedra no suporte criando um negativo de perfil em U.
- ⁵⁵ A abrasão consiste em raspar o suporte também com uma pedra denotando-se por um sulco de perfil em V.
- ⁵⁶ 'A group of carved or painted motifs could be extended by the creation of new designs alongside those that already existed. The older panel was respected although individual elements might be elaborated or recut.' In BRADLEY, op. cit., p.217
- ⁵⁷ '(...) not only Atlantic Art is highly visible and engaged with landform but its very creation resonated across the landscape. The methods employed were by no means discrete as they involved long and rhythmic pecking, reminiscent of the sound of drums.' In ALVES, op. cit., p.176
- ⁵⁸ PEREIRA, Paulo - *Coleção Enigmas. Lugares Mágicos de Portugal. Vol. I, Paisagens Arcaicas*, 2004, p.172
- ⁵⁹ 'In Iberia, a few of the painted and carved images might have represented the sun.' In BRADLEY, op. cit., p.211
- ⁶⁰ PEREIRA, op. cit., p.173
- ⁶¹ 'Cup-marks are shallow hollows with few centimeters in diameter found either in isolation or associated with other motifs. They can actually be considered the most widespread, universal and atemporal form of rock art.' In ALVES, Lara Bacelar - *The Movement of Signs: post-glacial rock art in north-western Iberia*, 2003, p.37
- ⁶² PEREIRA, op. cit., p.173
- ⁶³ 'Open-air rock carvings were just as likely to be reused. (...) They must have retained their importance for a long time.' In BRADLEY, op. cit., p.217
- ⁶⁴ Ibidem, p.218
- ⁶⁵ 'Process is also a useful term to describe the transformations experienced by ancient images before they reached their present form. (...) In many cases a rock carving (...) was not made as a 'finished' work; it was modified, augmented, defaced and sometimes erased according to particular circumstances in the course of its history.' In Ibidem, p.225
- ⁶⁶ ALVES, Lara Bacelar - *Rock art and enchanted moors: the significance of rock carvings in the folklore of north-west Iberia*, 2001, p.72
- ⁶⁷ SCARRE, op. cit., p.6
- ⁶⁸ 'In essence, rock art is a medium by which symbolic meaning is materialized at a natural place, as the act of carving or painting adds a visual, and therefore cultural, layer of meaning to a previously significant natural feature. Rock art seems to have been one means of materializing cosmological beliefs, encoded in the physical world.' In ALVES, Lara Bacelar - *Signs on a Rock Veil: work on rocks, 'prehistoric art' and identity in North-West Iberia*, 2009, p.67
- ⁶⁹ BRADLEY, op. cit., p.225
- ⁷⁰ 'The sun and the moon are two of the most significant spirits of the cosmic universe among people all over the world.' In HELSKOG, op. cit., p.271
- ⁷¹ 'The images were seen to most advantage in low light, and some of them might have been associated with the sunrise or the sunset.' In BRADLEY, op. cit., p.209
- ⁷² HELSKOG, op. cit., p.266
- ⁷³ Referências ao Noroeste peninsular, identificando já uma certa identidade cultural distintiva de outras zonas, encontram-se em diversos autores clássicos. Entre eles, Estrabão (63 ou 64 a.C. – Ca 24), historiador, geógrafo e filósofo grego, será certamente o autor mais importante e frequentemente o mais citado nesta matéria pelas suas descrições mais ou menos detalhadas dos povos e seus costumes no livro intitulado *Geographia*, principalmente no volume III dedicado à Ibéria. 'And yet the country north of the Tagus, Lusitania, is the greatest of the Iberian nations, and is the nation against which the Romans waged war for the longest times.' In ESTRABÃO apud QUEIROGA, Francisco Manuel Veleza Reimão - *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age*, 2003, p. 9
- ⁷⁴ A palavra castro deriva diretamente do latim *castrum*. Surgem variantes para a mesma designação, tais como: crasto, crastelo, castelo, etc., ou Crastoeiro como é o caso em Mondim de Basto. Podem ainda encontrar-se as designações de cidade ou citânia, claramente com diferente raiz etimológica, tipicamente conotadas com assentamentos castrejos de maior área de ocupação. Todos estes substantivos referem o mesmo tipo de estruturas: assentamentos castrejos.
- ⁷⁵ O conceito 'Cultura Castreja' visa enquadrar um conjunto de povoados coevos, da Idade do Ferro, os quais se designam de castros, que pelas suas similitudes arquitetónicas e culturais formam um conjunto unitário. Em termos geográficos, 'a expressão aplica-se com mais rigor aos povoados da Idade do Ferro situados no Norte do país, acima do Vouga ou na Beira Interior e Trás-os-Montes. (...) Correspondem à área de implantação e assentamento de tribos ou de povos integráveis na definição étnica mais vasta de calaicos (Minho e Galiza) e lusitanos.' In PEREIRA, Paulo - *Arte Portuguesa. História essencial*, 2011, p.95

- ⁷⁶ SILVA, Armando Coelho da - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, 1986, p.13
- ⁷⁷ QUEIROGA, op. cit., p.1
- ⁷⁸ DINIS, António P. - *O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*, 2001, p.262
- ⁷⁹ 'De facto, estabelece-se como que uma rede de povoados intervisíveis muitos deles e também, pelos vistos, interdependentes. Acontece geralmente que um determinado castro mais importante e de maior área parece dominar um conjunto de castros mais pequenos (...).' In PEREIRA, op. cit., p.95
- ⁸⁰ Já referida em 1258, nas inquirições do rei D.Afonso III, a *fonte de Crastueyro*, enumerada como marco delimitador das ferrarias que pertenciam ao rei.
- ⁸¹ Carta militar, série m888, folha 87
- ⁸² Todavia se pensar ter sido neste local praticada agricultura na época castreja a construção dos muros deverá ser bastante posterior e provavelmente utilizou as pedras de uma segunda linha de muralha que terá sido próxima visto se apresentar como sobejo recurso disponível.
- ⁸³ Pelo menos na bacia do baixo Ave segundo estudo de António P. Dinis.
- ⁸⁴ Na aldeia próxima, Campos é possível observar construções vernaculares que alternam na sua construção xistos com granitos.
- ⁸⁵ 'As plantas utilizadas maioritariamente como lenha no Crastoeiro são habitualmente conotadas com meios ambientes "degradados". O grau de deterioração da floresta climática parece atingir aqui níveis nunca antes observados (...), para esta mesma época no NO do país. Este tipo de situação resultará, obviamente, de uma ação antrópica particularmente acentuada nesta zona. A regressão importante da área florestal será uma consequência direta das atividades económicas do povoado.' In DINIS, António P. - *O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*, 2001, p.136
- ⁸⁶ SILVA, op. cit., p.23
- ⁸⁷ SILVA, Armando Coelho da - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal: Habitat e Cronologias*, 1984, p.125
- ⁸⁸ Segundo António P. Dinis, fundamentado nas escavações realizadas no local.
- ⁸⁹ DINIS, op. cit., p.106
- ⁹⁰ Ibidem, p.107
- ⁹¹ 'Não se dispondo de qualquer datação absoluta para este horizonte, haverá que valorizar um denário, cunhado em *Lugdunum* entre 2 a.C. e 4 d.C., encontrado no nível de construção da estrutura V e, por conseguinte contemporâneo de todo o edificado da área 1.' In Ibidem, p.116
- ⁹² DINIS, op. cit., p.107
- ⁹³ Apesar de não haver registos de ocupação habitacional do Bronze, as técnicas construtivas e o tipo de estruturas encontradas são muito semelhantes aos povoados desse período. Apenas o espólio exumado não se enquadra no Bronze mas sim na Idade do Ferro.
- ⁹⁴ DINIS, op. cit., p.107
- ⁹⁵ Idem
- ⁹⁶ Ibidem, p.108
- ⁹⁷ SILVA, op. cit., p.127
- ⁹⁸ DINIS, op. cit., p.110
- ⁹⁹ Alterou-se a cultura material não só construída, mas também relacionada com atividades quotidianas como por exemplo a produção cerâmica que passa de uma feitura manual a uma feitura à roda.
- ¹⁰⁰ DINIS, op. cit., p.110
- ¹⁰¹ Ibidem, p.111
- ¹⁰² SILVA, op. cit., p.128
- ¹⁰³ Existe uma construção da mesma família, ainda por escavar mas visível em parte, fora da suposta primeira linha de muralha, o que indica uma expansão do povoado provavelmente devido ao aumento demográfico.
- ¹⁰⁴ DINIS, op. cit., p.115
- ¹⁰⁵ 'A ausência nos derrubes destas habitações de materiais cerâmicos de cobertura leva-nos a concluir que esta seria, genericamente, em materiais perecíveis. A recolha de dois fragmentos de *imbrex* no nível de abandono da área 2 poderá significar, no entanto, que poderá ter havido exceções.' In Ibidem, p.114
- ¹⁰⁶ Todas as conclusões relativas à ocupação da Idade Média são da autoria de António P. Dinis, baseadas nas escavações por si levadas a cabo no local.
- ¹⁰⁷ Note-se que o referido cruciforme no capítulo do Santuário Rupestre é enquadrável nesta cronologia.
- ¹⁰⁸ LOURIDO, Francisco Calo - *A Cultura Castrexa (Historia de Galicia)*, 1993, p.87
- ¹⁰⁹ A entrada no recinto da muralha talvez fosse realizado por este mesmo lado mais difícil por algum carreio que serpentearia encosta acima até à porta da muralha ainda não localizada, permitindo melhor controlo do acesso.
- ¹¹⁰ Facto comprovado pela abertura de um caminho aquando do funcionamento da pedreira no local.
- ¹¹¹ SILVA, Armando Coelho da - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, 1986, p.29
- ¹¹² Idem

¹¹³ Ainda que para o fosso não se possua qualquer datação este é provavelmente contemporâneo da muralha, constituindo fonte de pedra para a mesma. Este viria mais tarde a ser usado pelas populações da aldeia de Campos como caminho e posteriormente destruído pela extração de saibro e construção de uma estrada na proximidade. Em 1984, no primeiro levantamento realizado ao Crastoeiro ainda se encontra representado. Hoje apenas apresenta uma das faces laterais, junto ao morro do castro, e bastante degradada devido à sua constituição em saibro.

¹¹⁴ General romano que havia de ser apelidado de “Galaico” por ter dominado toda a zona do povo conhecido como Galaicos que corresponderia, a Norte da Lusitânia, ao atual Minho e Galiza.

¹¹⁵ Duas delas por nós identificadas e localizadas no decorrer deste trabalho.

¹¹⁶ ‘A escavação pôs a descoberto um segmento de muro, (...) largura entre 2.60 e 3.10m e altura máxima de 2m, (...). Apresenta duas faces, em granito, com pedras de maior calibre na base e enchimento constituído por terra e pequenas pedras, dispostas de forma irregular. O paramento exterior, muito bem cuidado, apresenta aparelho poligonal com algumas pedras dispostas em fiadas horizontais.’ In DINIS, op. cit., p.76/77

¹¹⁷ ‘O interior, com troços bastante desalinados, fruto de derrocadas e posteriores reconstruções, revela um aparelho irregular, com a face pouco cuidada nas fiadas junto à base, denotando-se nas superiores uma maior preocupação.’ In Idem

¹¹⁸ QUEIROGA, op. cit., p.47

¹¹⁹ Possivelmente até entre povoados nos castros mais pequenos.

¹²⁰ Este facto poderá estar associado com o descrito anteriormente sobre o aparelho de ambas as faces da muralha. Para o exterior um aparelho muito bem cuidado e trabalhado descarregando uma mensagem que claramente no interior do povoado não era necessária.

¹²¹ PEREIRA, op. cit., p.98

¹²² RYKWERT, Joseph; ATKIN, Tony - *Structure and meaning in human settlements*, 2005, p.1

¹²³ ‘The ‘familial enclosure’ is basically a composite house, containing several component parts arranged in the area and enclosed by a wall. These component parts usually have their entrances oriented towards the centre of the unit, where there is either a yard or a central house.’ In QUEIROGA, op. cit., p.26

¹²⁴ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - *Construções Primitivas em Portugal*, 1994, p. 77

¹²⁵ Tal como referido anteriormente a propósito da muralha.

¹²⁶ ‘A camada C4, de nivelamento do terreno para permitir o assentamento das estruturas pétreas que ocupam o recinto e por conseguinte contemporânea da C3, integra cerâmicas claramente pertencentes ao período de romanização e mais antigas, provavelmente arrastadas da acrópole.’ In DINIS, op. cit., p.47/48

¹²⁷ Todas as conclusões relativas à distribuição programática são da autoria de António P. Dinis baseadas nas escavações por si levadas a cabo no local e ainda por publicar.

¹²⁸ OLIVEIRA; GALHANO; PEREIRA, op. cit., p. 99

¹²⁹ ‘As construções cónicas inteiramente em materiais vegetais, do género de cobertura-parede indiferenciadas e unas, constituem sem dúvida uma forma extremamente primitiva, imediatamente derivada dos abrigos primários e mais elementares que o homem construiu; as construções também inteiramente em materiais vegetais, mas com parede cilíndrica e vertical de varedo, e cobertura cónica diferenciada, conquanto mais elaboradas e logicamente mais evoluídas do que as anteriores, podem também considerar-se uma forma muito primitiva. Ambas, em geral, foram conhecidas a partir do mesolítico e sobretudo do Neolítico, (...)’ In Ibidem, p.66/67

¹³⁰ O facto de não existirem conclusões suficientemente sustentadas quanto ao modelo formal prende-se com o tipo de construção empregue, perecível.

¹³¹ ‘Assim, os troncos eram enterrados no solo com uma equidistância de cerca de 10/20 centímetros convergindo os extremos para o centro do círculo ou, nas plantas ovais, para uma linha de cumieira. (...) Os espaços entre os troncos eram colmatados com um ondulado de ramos, em alinhamento horizontal, o qual se destinava a manter o espaçamento dos troncos e a conferir coesão à estrutura. (...) Sobre a estrutura de troncos eram então fixadas ramagens orientadas na vertical, formando uma camada relativamente densa que impedia o escorrimento da água para dentro da estrutura. Todo o conjunto seria recoberto, e calafetado, com uma camada de argila, bem calcada, a qual encontrava alguma coesão ao imbricar no manto de ramagens.’ In QUEIROGA, Francisco M. V. Reimão - *Materiais e Técnicas Construtivas da Cultura Castreja no Entre-Douro-e-Minho*, 2004, p.156

¹³² DINIS, op. cit., p.75

¹³³ O que causa estranheza nesta edificação é o facto de não lhe ser conhecido paralelo algum, tanto nesta zona e cultura como nesta época.

¹³⁴ OLIVEIRA; GALHANO; PEREIRA, op. cit., p. 79

¹³⁵ Ibidem, p.84

¹³⁶ Na construção subretangular segundo dados das escavações, representada numa maqueta presente no Museu Municipal, as paredes são baixas, e a parte superior recupera a técnica arcaica das primitivas cabanas.

¹³⁷ A morfologia deste acrescento fez com que vulgarmente se designasse estas estruturas de ‘casa com pinças’ ou ‘casa caranguejo’, pela sua planta, e se constituísse como ícone desta cultura.

¹³⁸ Daí dizer-se que são casas ‘retangulares’

¹³⁹ DINIS, op. cit., p.30

¹⁴⁰ É também deste período que se conhecem algumas janelas nas casas castrejas mas raramente e apenas nas de cariz hierárquico elevado. Neste contexto surgem uns blocos de pedra bem lavrados com suásticas inscritas que apresentam orifícios entre os braços do motivo gravado permitindo assim ventilação e alguma luminosidade no espaço interno. Existem 2 exemplares no Museu Martins Sarmiento em Guimarães provenientes do castro de Sabroso. Nenhuma janela é conhecida no Crastoeiro.

¹⁴¹ DINIS, op. cit., p.114

¹⁴² SILVA, op. cit., p.53

¹⁴³ SMS - *Citânia de Briteiros: Povoado proto-histórico*. Guimarães, 2011, p.66

¹⁴⁴ No âmbito de uma tese de doutoramento da especialidade de Geologia da Universidade do Minho, *Estudo geoarqueológico com Georadar. Aplicação aos contextos arqueológicos da Pré-História recente à Proto-História do NW de Portugal*, da autoria de Luís Miguel Barros Gonçalves.

¹⁴⁵ GONÇALVES, Luís Miguel Barros - *Estudo geoarqueológico com Georadar. Aplicação aos contextos arqueológicos da Pré-História recente à Proto-História do NW de Portugal*, 2013. p.157

¹⁴⁶ Desde a primeira descoberta destas construções até ao seu entendimento como estrutura balnear as interpretações variaram, desde monumento funerário até matadouro.

¹⁴⁷ ESTRABÃO apud QUEIROGA, Francisco Manuel Veleda Reimão - *War and Castros*, 2003, p.9

¹⁴⁸ Normalmente circular, onde se aquecia o ambiente e as pedras.

¹⁴⁹ Neste espaço água fria era derramada sobre as pedras quentes produzindo assim o vapor que permitia o banho. Atesta-se este método pela descrição de Estrabão mas também pela presença neste espaço de pedras calcinadas e fraturadas devido à brusca diferença térmica.

¹⁵⁰ Onde se localizavam bancos corridos, caracterizar-se-ia por um ambiente mais tépido.

¹⁵¹ Normalmente possuindo água corrente e um tanque para o banho de água fria.

¹⁵² PEREIRA, op. cit., p.108

¹⁵³ CHOAY, Françoise - *As Questões do património: Antologia para um Combate*, 2011, p.16

¹⁵⁴ RUSKIN apud CHOAY, op. cit., p. 161

¹⁵⁵ DINIS, António P. - *Intervenção Arqueológica no nº1 da Rua das Lajes, Mondim de Basto (Norte de Portugal)*, 2014, p.70

¹⁵⁶ 'A feitura de carvão nas matas municipais era proibida, por isso, muitas vezes, as cargas de carvão transportadas para a vila eram interceptadas e aprisionadas pela GNR, sendo os transportadores sujeitos ao pagamento de uma multa. Alguns acontecimentos desta natureza foram registados nas atas da Câmara Municipal, no primeiro quartel do século XX.' In Idem

¹⁵⁷ Granito de duas micas, de grão médio a grosseiro com esparsos megacristais.

¹⁵⁸ Posteriormente, as próprias cunhas eram de ferro sendo batidas até rachar a pedra.

¹⁵⁹ PELAYO, Primo Casal - *A Ermida do Monte Farinha em Vilar de Ferreiros Mondim de Basto*, 1968, p.70

¹⁶⁰ No âmbito do projeto 'Contribuição para o Conhecimento da Proto-História da Bacia Média do Tâmega'.

¹⁶¹ No âmbito do projeto 'O Castro do Crastoeiro no Contexto do Povoamento Proto-Histórico da Bacia Média do Tâmega'.

¹⁶² DINIS, António P. - *O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*, 2001, p.27

¹⁶³ No âmbito do projeto 'Estudo e Valorização da Vertente Oeste do Monte da Senhora da Graça'.

¹⁶⁴ CHOAY, Françoise - *Património e Mundialização*, 2005, p.11

¹⁶⁵ PALLASMAA, op. cit., p.452

¹⁶⁶ HEIDEGGER apud NORBERG-SCHULZ, Christian - *The Phenomenon of Place*, 1976, p.417

¹⁶⁷ PALLASMAA, op. cit., p.452

¹⁶⁸ Idem

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de - *O primeiro milénio a.C.* in ALARCÃO, Jorge de; SANTOS, Ana Isabel Palma (coord.) - *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1996.
- ALEXANDER, Christopher - *The Timeless Way of Building*. New York, Oxford University Press, 1979.
- ALVES, Lara Bacelar - *Rock art and enchanted moors: the significance of rock carvings in the folklore of north-west Iberia*. in WALLIS, Robert J.; LYMER, Kenneth - *A Permeability of Boundaries? New Approaches to the Archaeology of Art, Religion and Folklore*. BAR International Series S936. Oxford, Archaeopress, 2001.
- ALVES, Lara Bacelar - *Signs on a Rock Veil: work on rocks, 'prehistoric art' and identity in North-West Iberia*. in O'CONNOR, Blaze; COONEY, Gabriel; CHAPMAN, John - *Materialitas: working stone, carving identity. Prehistoric Society Research Paper Nº3*. Dublin, Oxbow Books, 2009.
- ALVES, Lara Bacelar - *The architecture of the natural world: rock art in western Iberia*. in SCARRE, Chris - *Monuments and Landscape in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*. London, Routledge, 2002.
- ALVES, Lara Bacelar - *The Movement of Signs: post-glacial rock art in north-western Iberia*. PhD Thesis. Reading, University of Reading, 2003.
- ALVES, Lara Bacelar; COMENDADOR REY, Beatriz - *Rochas e metais na Pré-história para além da físico-química*. in BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara Bacelar - *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM); Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário (APEQ), 2009.
- ANDO, Tadao - *Toward New Horizons in Architecture (1991)*. in NESBITT, Kate - *Theorizing a new agenda for architecture. An anthology of architectural theory 1965-1995*. New York, Princetown Architecture Press, 1996.
- BETTENCOURT, Ana M. S. - *A Pré-história do Minho. Do Neolítico à Idade do Bronze*. in PEREIRA, Paulo (coord.) - *Minho. Traços de Identidade*. Braga, Universidade do Minho, 2009.
- BETTENCOURT, Ana M. S. - *Dos Montes, das pedras e das águas. Uma Introdução*. in BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara Bacelar - *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM); Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário (APEQ), 2009.

- BETTENCOURT, Ana M. S. - *Entre os montes e as águas: ensaio sobre a percepção dos limites na Pré-história da faixa costeira entre o Minho e o Lima (NW português)*. in BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara Bacelar - *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM); Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário (APEQ), 2009.
- BETTENCOURT, Ana M. S. - *Expressões simbólicas e rituais da Idade do Ferro do Noroeste de Portugal*. in JORGE, Vítor Oliveira - *Arquitectando espaços: da natureza à metapolis: 7ª mesa redonda de Primavera*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.
- BETTENCOURT, Ana M. S. - *O mundo funerário da Idade do Ferro do Norte de Portugal: algumas questões*. in JORGE, Vítor Oliveira (coord.) - *Proto-História da Península Ibérica. Actas do IIIº Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto, ADECAP, 2000.
- BETTENCOURT, Ana M. S. - *O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro?*. in CARVALHO, Teresa Pires de (coord.) - *Castro - um lugar para habitar. Colóquio Monte Mozinho*. Penafiel, Câmara Municipal de Penafiel, 2004.
- BETTENCOURT, Ana M.S. - *Algumas considerações em torno de alguns aspectos económicos do Ferro Inicial no Noroeste Português*. *Arqueologia*, Vol.26 (2001), p. 41-55.
- BRADLEY, Richard - *Access, Style and Imagery: the Audience for Prehistoric Rock Art in Atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC*. *Oxford Journal of Archaeology*, vol.21, nº3 (2002), p.231-247.
- BRADLEY, Richard - *Image and Audience. Rethinking Prehistoric Art*. Oxford, Oxford University Press, 2009.
- BRADLEY, Richard - *The Idea of Order: The Circular Archetype in Prehistoric Europe*. Oxford, Oxford University Press, 2012.
- CAMPELO, Álvaro - *Espaço, construção do mundo e suas representações*. in BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara Bacelar - *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM); Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário (APEQ), 2009.
- CHIPPINDALE, Christopher; NASH, George - *Pictures in place: approaches to the figured landscapes of rock-art*. in CHIPPINDALE, Christopher; NASH, George - *The Figured Landscapes of Rock-Art. Looking at Pictures in Place*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

- CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Coleção Arte e Comunicação. Coimbra, Edições 70, 2010.
- CHOAY, Françoise - *As Questões do património: Antologia para um Combate*. Coleção Arte e Comunicação. Coimbra, Edições 70, 2011.
- CHOAY, Françoise - *Património e Mundialização*. Lisboa, Licorne, 2005.
- CORBOZ, André - *Le territoire comme palimpseste et autres essais*. Besançon, Éditions de l'imprimeur, 2001.
- COSTA, Alexandre Alves - *A Arquitectura Escreve a sua Própria Paisagem*. in COSTA, Alexandre Alves - *Candidatura ao prémio Jean Tschumi UIA 2005*. Lisboa, Ordem dos Arquitectos; Caleidoscópio, 2005.
- COSTA, Alexandre Alves - *O Património entre a Aposta Arriscada e a Confidência Nascida da Intimidade*. in COSTA, Alexandre Alves - *Candidatura ao prémio Jean Tschumi UIA 2005*. Lisboa, Ordem dos Arquitectos; Caleidoscópio, 2005.
- COSTA, Alexandre Alves - *Quando o Património é a Casa do Vilão*. in COSTA, Alexandre Alves - *Candidatura ao prémio Jean Tschumi UIA 2005*. Lisboa, Ordem dos Arquitectos; Caleidoscópio, 2005.
- DINIS, António P. - *A ocupação do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal) no Ferro Inicial*. in CARVALHO, Teresa Pires de (coord.) - *Castro - um lugar para habitar. Colóquio Monte Mozinho*. Penafiel, Câmara Municipal de Penafiel, 2004.
- DINIS, António P. - *Carta Arqueológica de Mondim de Basto*. Braga, Câmara Municipal de Mondim de Basto, 2009.
- DINIS, António P. - *Contribuição para o estudo da Idade do Ferro em Basto: O Castro do Crastoeiro*. Separata de Cadernos de Arqueologia, Série II, nº 10-11. Braga, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 1993-94
- DINIS, António P. - *Estudo e Valorização do Património Arqueológico da Vertente Oeste do Monte da Senhora da Graça, Mondim de Basto (Norte de Portugal)*. Comunicação apresentada ao WAC 6 (Sixth World Archaeological Congress), Dublin, 2008.
- DINIS, António P. - *Intervenção Arqueológica no nº1 da Rua das Lajes, Mondim de Basto (Norte de Portugal)*. Revista Oppidum, nº00 (2014), p.55-72.
- DINIS, António P. - *O Crastoeiro e a Vertente Oeste do Monte da Senhora da Graça, Mondim de Basto (Norte de Portugal)*. Revista Aquae Flaviae, Nº41 (2009), p.209-217.
- DINIS, António P. - *O Monte da Senhora da Graça (Mondim de Basto, Norte de Portugal) como sítio de memória através dos séculos*. Revista Estudos Transmontanos e Durienses, nº14 (2008), p.00

- DINIS, António P. - *O Monte Farinha ou da Senhora da Graça, Mondim de Basto: interpretações para a biografia de um "lugar"*. in BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara Bacelar - *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM); Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário (APEQ), 2009.
- DINIS, António P. - *O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia - Monografias, 13. Braga, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2001.
- DINIS, António P. - *O Santuário rupestre de Campelo, Mondim de Basto (Norte de Portugal)*. Revista Oppidum, N°5 (2011), p.11-26.
- DINIS, António P. - *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio A.C.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, Universidade do Porto, 1993.
- DINIS, António P.; BETTENCOURT, Ana M. S. - *A Arte Atlântica do Crastoeiro (Norte de Portugal): Contextos e Significados*. Revista Gallaecia, N°28 (2009), p.41-47.
- GOMES, José Manuel Flores - *Cidade de Terroso Ruptura e continuidade no desenvolvimento urbano da Cultura Castreja à Romanização*. in CARVALHO, Teresa Pires de (coord.) - *Castro - um lugar para habitar. Colóquio Monte Mozinho*. Penafiel, Câmara Municipal de Penafiel, 2004.
- GONÇALVES, Luís Miguel Barros - *Estudo geoarqueológico com Georadar. Aplicação aos contextos arqueológicos da Pré-História recente à Proto-História do NW de Portugal*. Tese de Doutoramento em Ciências, Especialidade de Geologia. Guimarães, Escola de Ciências da Universidade do Minho, 2013.
- GREGOTTI, Vittorio - *Territory and Architecture (1985)*. in NESBITT, Kate - *Theorizing a new agenda for architecture. An anthology of architectural theory 1965-1995*. New York, Princetown Architecture Press, 1996.
- HEIDEGGER, Martin - *Building, Dwelling, Thinking*. in LEACH, Neil - *Rethinking Architecture: a reader in cultural theory*. London; New York, Routedge, 1997.
- HEIDEGGER, Martin - *The Origin of Work of Art (extracts)*. in LEACH, Neil - *Rethinking Architecture: a reader in cultural theory*. London; New York, Routedge, 1997.
- HELSKOG, Knut - *Landscapes in rock-art: rock-carving and ritual in the old European North*. in CHIPPINDALE, Christopher; NASH, George - *The Figured Landscapes of Rock-Art. Looking at Pictures in Place*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

- INGOLD, Tim - *Building, dwelling, living: How animals and people make themselves at home in the world.* in INGOLD, Tim - *The Perception of the Environment. Essays on the livelihood, dwelling and skill.* London; New York, 2000.
- INGOLD, Tim - *The temporality of landscape.* in INGOLD, Tim - *The Perception of the Environment. Essays on the livelihood, dwelling and skill.* London; New York, 2000.
- LOPES, Eduardo Teixeira - *Mondim de Basto: Memórias Históricas.* Mondim de Basto, Edição do Autor, 2000.
- LOPES, Maria da Conceição - *Expressões artísticas anteriores à formação de Portugal. Coleção Arte Portuguesa da Pré-história ao Século XX.* Porto, A. Alves - Artes e Edições, Lda., 2008.
- LOURIDO, Francisco Calo - *A Cultura Castrexa (Historia de Galicia).* Vigo, Promocións Culturais Galegas S.A., 1993
- MARTINS, Manuela - *Povoamento e habitat no Noroeste português durante o primeiro milénio a.C..* in ALARCÃO, Jorge de; SANTOS, Ana Isabel Palma (coord.) - *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C..* Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1996.
- MAZEL, Aron D. - *On the fells and beyond: exploring aspects of Northumberland rock-art.* in MAZEL, Aron D.; NASH, George; WADDINGTON, Clive - *Art as Metaphor: The Prehistoric Rock-Art of Britain.* Oxford, Archaeopress, 2007.
- MAZEL, Aron D.; NASH, George; WADDINGTON, Clive - *A coming of age.* in MAZEL, Aron D.; NASH, George; WADDINGTON, Clive - *Art as Metaphor: The Prehistoric Rock-Art of Britain.* Oxford, Archaeopress, 2007.
- NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture.* New York, Rizzoli, 1991.
- NORBERG-SCHULZ, Christian - *The Phenomenon of Place (1976).* in NESBITT, Kate - *Theorizing a new agenda for architecture. An anthology of architectural theory 1965-1995.* New York, Princetown Architecture Press, 1996.
- NORBER-SCHULZ, Christian - *Intenciones en Arquitectura.* Coleção GG Reprints. Barcelona, Gustavo Gili, 1998.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - *Construções Primitivas em Portugal.* Coleção Portugal de Perto da Biblioteca de Etnografia e Antropologia. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994.
- PALLASMAA, Juhani - *The Geometry of Feeling: A Look at the Phenomenology of Architecture (1986).* in NESBITT, Kate - *Theorizing a new agenda for architecture. An anthology of architectural theory 1965-1995.* New York, Princetown Architecture Press, 1996.

- PALLASMAA, Juhani - *Una arquitectura de la humildade*. Colección la cimba, nº8. Barcelona, Fundación Caja de Arquitectos, 2010.
- PELAYO, Primo Casal - *A Ermida do Monte Farinha em Vilar de Ferreiros Mondim de Basto*. 1ª Edição. Lisboa, Edição do Autor, 1968.
- PELAYO, Primo Casal - *A Ermida do Monte Farinha em Vilar de Ferreiros Mondim de Basto*. 2ª Edição Corrigida e Ampliada. Lisboa, Edição do Autor, 1988.
- PEREIRA, Paulo - *Arte Portuguesa. História essencial*. Maia, Circulo de Leitores e Temas e Debates, 2011.
- PEREIRA, Paulo - *Coleção Enigmas. Lugares Mágicos de Portugal. Vol. I, Paisagens Arcaicas*. Rio de Mouro, Circulo de Leitores, 2004.
- PEREIRA-MENAUT, Gerardo - *Novas perspectivas sobre a vida nos castros galaico-romanos*. in CARVALHO, Teresa Pires de (coord.) - *Castro - um lugar para habitar. Colóquio Monte Mozinho*. Penafiel, Câmara Municipal de Penafiel, 2004.
- QUEIROGA, Francisco M. V. Reimão - *Materiais e Técnicas Construtivas da Cultura Castreja no Entre-Douro-e-Minho*. in CARVALHO, Teresa Pires de (coord.) - *Castro - um lugar para habitar. Colóquio Monte Mozinho*. Penafiel, Câmara Municipal de Penafiel, 2004.
- QUEIROGA, Francisco Manuel Veleza Reimão - *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age*. BAR International Series 1198. Oxford, Archaeopress, 2003.
- RIEGL, Alois - *O culto moderno dos monumentos: e outros ensaios estéticos*. Coleção Arte & Comunicação. Lisboa, Edições 70, 2013.
- RUBIÓ, Ignasi de Solá-Morales - *From Contrast to Analogy: Developments in the Concept of Architectural Intervention (1985)*. in NESBITT, Kate - *Theorizing a new agenda for architecture. An anthology of architectural theory 1965-1995*. New York, Princetown Architecture Press, 1996.
- RUSKIN, John - *Las Siete Lámparas de la Arquitectura*. Barcelona, Alta Fulla, 1997.
- RYKWERT, Joseph; ATKIN, Tony - *Structure and meaning in human settlements*. Philadelphia, University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2005.
- SANTOS, Joel - *Fotografia: Luz, Exposição, Composição, Equipamento*. Famalicão, Centro Atlântico, 2010.
- SCARRE, Chris - *Introduction: situating monuments: the dialogue between the built form and landform in Atlantic Europe*. in SCARRE, Chris - *Monuments and Landscape in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*. London, Routledge, 2002.

- SILVA, Armando Coelho da - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Paços de Ferreira, Câmara Municipal de Paços de Ferreira; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.
- SILVA, Armando Coelho da - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal: Habitat e Cronologias*. Revista Portugália, vol. IV-V (1983-1984), p.121-129.
- SILVA, Armando Coelho da; Centeno, Rui M. S. - *A Citânia de Briteiros*. in ALARCÃO, Jorge de; SANTOS, Ana Isabel Palma (coord.) - *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1996.
- SILVA, Armando Coelho da; Centeno, Rui M. S. - *A Citânia de Sanfins*. in ALARCÃO, Jorge de; SANTOS, Ana Isabel Palma (coord.) - *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1996.
- SIZA VIEIRA, Álvaro - *01 textos*. Porto, Civilização editora, 2009
- SMS - *Citânia de Briteiros: Povoado proto-histórico*. Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 2011.
- TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço*. Série II, Argumentos 13. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008.
- TEIXEIRA, Ricardo - *Castros e povoamento: continuidades e rupturas em tempo medieval*. in CARVALHO, Teresa Pires de (coord.) - *Castro - um lugar para habitar. Colóquio Monte Mozinho*. Penafiel, Câmara Municipal de Penafiel, 2004.
- TRIGUEIROS, Luiz - *Eduardo Souto Moura*. Lisboa, Blau, 1994.
- VYNER, Blaise - *Rock-art in Cleveland and north-east Yorkshire: contexts and chronology* in MAZEL, Aron D.; NASH, George; WADDINGTON, Clive - *Art as Metaphor: The Prehistoric Rock-Art of Britain*. Oxford, Archaeopress, 2007.
- WADDINGTON, Clive - *Neolithic rock-art in the British Isles: retrospect and prospect*. in MAZEL, Aron D.; NASH, George; WADDINGTON, Clive - *Art as Metaphor: The Prehistoric Rock-Art of Britain*. Oxford, Archaeopress, 2007.
- ZEVI, Bruno - *Saber Ver a Arquitectura*. Coleção Mundo da Arte. São Paulo, Martins Fontes, 2011.
- ZUMTHOR, Peter - *Atmosferas*. Barcelona, Gustavo Gilli, 2009.

I	Perspetiva Fotográfica, Via-Láctea, Mondim de Basto.....	15
II	251 Fotogramas, constituintes do ortofotomapa de Mondim de Basto e o Monte Farinha..... (adaptado. In MICROSOFT: < http://www.bing.com/maps/ >, acesso em 31 Out. 2014)	19
III	Ortofotomapa, Mondim de Basto e o Monte Farinha..... (adaptado. In MICROSOFT: < http://www.bing.com/maps/ >, acesso em 31 Out. 2014)	20
IV	Perspetiva fotográfica 'Parapente', Mondim de Basto, Monte Farinha.....	23
V	Perspetiva fotográfica, abrigo de caçadores-recolectores do 'Penedo Furado', Campanhó.....	25
VI	Perspetiva fotográfica, estação rupestre 'Fonte do Sapo', Paradança.....	26
VII	Perspetiva fotográfica, muro apiário do Febro, Ermelo.....	27
VIII	Perspetiva fotográfica, Implantação do Crastoeiro no Monte Farinha.....	28
IX	Perspetiva fotográfica 'Olimpo Mondinense', Mondim de Basto.....	33
X	Esquema 'Espaço/Lugar'.....	35
XI	Perspetiva fotográfica, estátua de guerreiro Calaico 'O Basto', Cabeceiras de Basto..... (CMCB: < http://cabeceirasdebasto.pt/ >, acesso em 31 Out. 2014)	36
XII	Brasão, município de Mondim de Basto..... (CMMB: < http://municipio.mondimdebasto.pt/ >, acesso em 31 Out. 2014)	36
XIII	Mapa de locais de interesse arqueológico no concelho de Mondim de Basto..... (Cartografia Militar cedida pela CMMB)	37
XIV	Pormenor, cerâmica do período Calcolítico do povoado de Sobreira..... (DINIS, António P. - <i>Carta Arqueológica de Mondim de Basto</i> , p.57)	38
XV	Perspetiva fotográfica, Menir da Pedra Alta e calçada contígua..... (DINIS, António P. - <i>Carta Arqueológica de Mondim de Basto</i> , p.59)	39
XVI	Perspetiva fotográfica, derrubes no Alto dos Palhaços.....	40
XVII	Perspetiva fotográfica, calçada das 'pegadinhas'.....	41
XVIII	Perspetiva fotográfica, 'Peaceful Sunset', santuário da Srª da Graça, Mondim de Basto..... (Gentilmente cedido por Henrique Martins, autor. In < http://www.vivermondim.com/ >)	42
XIX	Perspetiva fotográfica, estação rupestre de Campelo.....	46
XX	Mapa topográfico, implantação das estações rupestres.....	49
XXI	Perspetiva fotográfica, protuberância insculturada.....	51

XXII	Perspetiva fotográfica, pia talhada no afloramento granítico.....	52
XXIII	Perspetiva fotográfica, círculos concêntricos da estação rupestre de Campelo.....	53
XXIV	Fragmento e reconstituição, Cerâmico Calcolítico do Crastoeiro..... (adaptado. Fotografia e desenho gentilmente cedido por António P. Dinis)	55
XXV	Registo, machado de Pedra polida da estação rupestre de Campelo..... (adaptado. Fotografia e desenho gentilmente cedido por António P. Dinis)	55
XXVI	Desenho, gravura da rocha 1 do complexo I da estação rupestre do Crastoeiro..... (DINIS, António P. - <i>O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)</i> , p.190)	56
XXVII	Desenho, gravura da rocha 2 do complexo II da estação rupestre do Crastoeiro..... (DINIS, António P. - <i>O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)</i> , p.191)	56
..XXVIII	Desenho, planta geral da estação rupestre de Campelo..... (Adaptado, gentilmente cedido por António P. Dinis)	57
XXIX	Perspetiva fotográfica, estação rupestre do Crastoeiro, visita noturna, luz artificial.....	59
XXX	Perspetiva fotográfica, estação rupestre do Crastoeiro, ao amanhecer.....	59
XXXI	Perspetiva fotográfica, complexo II de arte rupestre do Crastoeiro.....	60
XXXII	Perspetiva fotográfica aérea, castro do Crastoeiro e envolvente próxima.....	64
XXXIII	Planta, castro do Crastoeiro, áreas de escavação e complexos de arte rupestre.....	67
XXXIV	Perfil, localização do castro do Crastoeiro na vertente do Monte Farinha.....	69
XXXV	Mapa topográfico, implantação do Crastoeiro no território.....	70
XXXVI	Perspetiva fotográfica, 'Mondim de Basto', localização do Crastoeiro no Monte Farinha.....	73
XXXVII	Moeda romana, denário de Augusto (2 a. C – 4 a. C..... (DINIS, António P. - <i>Contribuição para o estudo da Idade do Ferro em Basto: O Castro do Crastoeiro</i> . Separata de Cadernos de Arqueologia, p. 278)	74
XXXVIII	Cronologia, faseamento de ocupações e perspetivas do Crastoeiro.....	75
XXXIX	Desenho, planta da área 4 do Crastoeiro, a vermelho fundos de cabana..... (Adaptado. Gentilmente cedido por António P. Dinis)	76
XL	Alçado fotográfico, troço de muralha do Crastoeiro, área 4.....	76

XL I	Perspetiva fotográfica, vertente nascente do castro dos Crastoeiro, vestígio do antigo fosso.....	79
XL II	Perspetiva fotográfica, troço possivelmente de uma segunda muralha.....	80
XL III	Perspetiva fotográfica, blocos graníticos, defesa natural, castro do Crastoeiro.....	81
XL IV	Perspetiva fotográfica área, rua cortada nos afloramentos rochosos, castro do Crastoeiro.....	83
XL V	Desenho, perfil de fossa aberta no saibro, área 2, Crastoeiro..... (DINIS, António P. - <i>O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)</i> , p.52)	84
XL VI	Desenho, planta da área 5 do castro do Crastoeiro..... (Adaptado. Gentilmente cedido por António P. Dinis)	85
XL VII	Desenho, construção vegetal cónica de parede cobertura indiferenciada..... (OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - <i>Construções Primitivas em Portugal</i> . p.107)	86
XL VIII	Desenho, construção vegetal cilindro-cónica de parede cobertura indiferenciada..... (OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - <i>Construções Primitivas em Portugal</i> . p.114)	86
XL IX	Perspetiva fotográfica, fundo de cabana com rebordo alteado..... (DINIS, António P. - <i>O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)</i> , p.74)	87
L	Desenho, nódulos de argila de revestimento com negativo de ramagens..... (DINIS, António P. - <i>O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)</i> , p.73)	88
L I	Perspetiva fotográfica, estrutura cavada no saibro, área 2, Crastoeiro..... (DINIS, António P. - <i>Carta Arqueológica de Mondim de Basto</i> . p,34)	89
L II	Desenho, planta tipo da casa castreja (seg. M Cardozo)..... (PEREIRA, Paulo - <i>Arte Portuguesa. História essencial</i> . p,97)	90
L III	Perspetiva fotográfica, casa-tipo castreja, área 5, Crastoeiro.....	91
L IV	Desenho, planta da área 2 do Crastoeiro, a vermelho fundo de cabana e gravuras rupestres.... (Adaptado. Gentilmente cedido por António P. Dinis)	92
L V	Pormenor, hipotética padieira do período de romanização, área 1 do castro do Crastoeiro..... (DINIS, António P. - <i>O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)</i> , p.32)	94

LVI	Desenho, planta da área 1 do castro do Crastoeiro, a vermelho lajeado.....95 (Adaptado. Gentilmente cedido por António P. Dinis)
LVII	Perspetiva fotográfica, Casa do Concelho, citânia de Briteiros.....97
LVIII	Alçado fotográfico, frontispício Pedra Formosa do Balneário Castrejo I, citânia de Briteiros.....98
LIX	Desenho, levantamento do monumento balnear tipo 'Pedra Formosa' II.....99 (PEREIRA, Paulo - <i>Arte Portuguesa. História essencial.</i> p,109)
LX	Perspetiva fotográfica, Balneário Castrejo II, citânia de Briteiros.....99
LXI	Perspetiva fotográfica, marcas do funcionamento da pedreira.....103
LXII	Documento, referência 'ad fonte de Crastueyro' nas Inquirições de D.Afonso III.....105 (ANTT: < http://antt.dglab.gov.pt/ >, acesso em 31 Out. 2014)
LXIII	Desenho, levantamento topográfico do Crastoeiro, 1984.....106 (Adaptado. Gentilmente cedido por António P. Dinis)
LXIV	Sinalização do Crastoeiro.....109
LXV	Desenho de projeto, intervenção territorial, Crastoeiro e Campelo.....113
LXVI	Perspetiva fotográfica, construção vernacular.....114
LXVII	Perspetiva fotográfica, tanque agrícola.....115
LXVIII	Desenho de projeto, planta geral, intervenção no Crastoeiro.....117
LXIX	Perspetivas fotográficas, provete do material proposto (betão com inertes locais).....118
LXX	Desenho de projeto, perfis, intervenção no Crastoeiro.....119
LXXI	Perspetiva fotográfica, vista geral, vertente nascente Crastoeiro, maquete.....120
LXXII	Esquema, georreferências do abrigo.....123
LXXIII	Perspetiva fotográfica, cobertura do abrigo, maquete.....124
LXXIV	Desenho de projeto, planta de coberturas do abrigo.....125
LXXV	Perspetiva fotográfica, piso inferior do abrigo.....126
LXXVI	Desenho de projeto, planta do piso inferior do abrigo.....127
LXXVII	Perspetiva fotográfica, interior do abrigo 1, maquete.....128
LXXVIII	Desenho de projeto, corte AA'.....129
LXXIX	Perspetiva fotográfica, interior do abrigo 2, maquete.....130

LXXX	Desenho de projeto, corte BB'	131
LXXXI	Perspetiva fotográfica, interior da torre, maquete	132
LXXXII	Desenho de projeto, corte CC'	133
LXXXIII	Perspetivas fotográficas, secção construtiva, maquete	134
LXXXIV	Desenho de projeto, corte construtivo DD'	135
LXXXV	Perspetiva/montagem fotográfica, reflexo no abrigo	137





